

# NOAM CHOMSKY

## SISTEMAS DE PODER

*Conversas sobre as Revoltas  
Democráticas Globais e os Novos  
Desafios ao Império Americano*

**Entrevistas com *David Barsamian***

apicuri

# SISTEMAS DE PODER

*Conversas sobre as Revoltas  
Democráticas Globais e os Novos  
Desafios ao Império Americano*

*Entrevistas com*  
**David Barsamian**

*Tradução*  
**Roberto Leal Ferreira**

apicuri

Título original: *Power Systems: Conversations on Global Democratic Uprisings and the New Challenges to U.S. Empire* by Noam Chomsky and David Barsamian

© 2013 by Aviva Chomsky and David Barsamian

Publicado mediante acordo com Metropolitan Books, uma divisão da Henry Holt and Company, LLC, Nova York.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada, reproduzida – em qualquer meio ou fórmula, seja mecânico ou eletrônico, por fotocópia, por gravação etc. –, apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Este livro está revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

**Diretora editorial**

Rosângela Dias

**Editor**

William Oliveira

**Tradução**

Roberto Leal Ferreira

**Capa**

Clara Dias

**ARQUIVO ePUB**

[Ilustrarte Design e Produção Editorial](#)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C474s

Chomsky, Noam, 1928-

Sistemas de poder: conversas sobre as revoltas democráticas globais e os novos desafios ao império americano – entrevistas com David Barsamian / Noam Chomsky, David Barsamian; tradução Roberto Leal Ferreira. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.

216 p. ; 21 cm.

Tradução de: *Power systems: conversations on global democratic uprisings and the new challenges to U.S. empire* by Noam Chomsky and David Barsamian

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-8317-006-8

1. Barsamian, David - Entrevistas. 2. Democratização – Países Árabes – História – Séc. XXI. 3. Movimentos do protesto. 4. Revoluções – História – Séc. XXI. 5. Ciência política. 6. Estados Unidos – Relações exteriores. I. Barsamian, David. II. Título.

13-03255

CDU: 322.4

CDU: 323.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Apicuri

Rua Senador Dantas 75, salas 301 e 507, Centro

Rio de Janeiro, RJ – 20031-204

Telefone (21) 2524 7625 (comercial)

[editora@apicuri.com.br](mailto:editora@apicuri.com.br)

[www.apicuri.com.br](http://www.apicuri.com.br)

## SUMÁRIO

Apresentação

1. O novo imperialismo americano
2. Cadeias de submissão e subserviência
3. Insurreições
4. Distúrbios domésticos
5. Sabedoria não convencional
6. Escravidão mental
7. Aprender a descobrir
8. Aristocratas e democratas

Notas do editor/tradutor

Notas gerais

Agradecimentos

# APRESENTAÇÃO

Um menino de quinze anos tenta defender sua aldeia afegã de um exército invasor e é considerado terrorista. Contra todas as convenções internacionais, passa anos detido em Guantánamo para em seguida ter de escolher: admite-se culpado e permanece mais oito anos preso, ou clama por inocência eternamente no fundo de uma cela. Um pouco mais ao leste asiático, sujeitos em condições pavorosas de trabalho cometem suicídio e empresas multinacionais têm um bom lucro com as frouxas legislações trabalhistas locais. De volta ao Oriente Médio, o namoro clandestino de líderes do ocidente com ditadores religiosos faz de suas juras de amor à democracia uma piada de mau gosto. Mais abaixo da linha do Equador, o Brasil – outrora considerado a promessa de “colosso da América Latina” – chafurda em administrações corruptas, desperdício de recursos e miséria despudorada. Mundo afora, sistemas educacionais definham, afogados em abordagens que nos treinam unicamente para a obediência e o cumprimento de ordens sem muito sentido.

O cenário parece de terra devastada, de um beco sem saída no qual o elemento central é a intensificação máxima do lucro e do poder de curto prazo do capital financeiro. Qualquer perspectiva soa vazia; qualquer compromisso, ilusório. Enquanto isso, porém, praças e ruas são ocupadas por manifestantes, e nossos muxoxos cotidianos enfim ganham ressonância em gritos e *slogans* aparentemente bem-intencionados. É então neste presente explosivo de ressentimentos acumulados que Noam Chomsky nessa série de conversas francas, provocativas e estimulantes cobre desde a configuração do imperialismo norte-americano, passando pela onda neoliberal, os recentes levantes árabes, a febre das redes sociais, as mudanças climáticas, a amnésia histórica que assola a população em geral, até as mais recentes descobertas sobre a aquisição da linguagem. Numa cultura de gratificação rápida como a nossa, em que compromissos de longa duração com o inconformismo nem sempre se apresentam muito sedutores,

Chomsky mostra porque é tido como uma das vozes dissonantes mais honestas e necessárias da atualidade.

# O NOVO IMPERIALISMO AMERICANO

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS (2 DE ABRIL DE 2010)

*Um dos temas de que Howard Zinn tentou tratar durante a sua longa carreira foi a falta de memória histórica. Os fatos da história são escrupulosamente ignorados e/ou distorcidos. Fico pensando se você poderia tecer comentários sobre o imperialismo do passado e do presente, as intervenções do passado e do presente. Especificamente, sobre Saigon em 1963 e 1964 e Cabul hoje...*

O que aconteceu no Vietnã no começo da década de 1960 ficou para trás na história. Mal foi discutido na época e praticamente desapareceu. Em 1954, houve um acordo de paz entre os Estados Unidos e o Vietnã. Os Estados Unidos consideraram-no um desastre, recusaram-se a permitir que fosse adiante e estabeleceram um Estado cliente no Sul, um típico Estado cliente, com tortura, brutalidade, assassinatos. Por volta de 1960, o governo sul-vietnamita provavelmente já havia matado setenta ou oitenta mil pessoas<sup>1</sup>. A repressão era tão dura, que estimulou uma rebelião interna, e não era isso o que o Vietnã do Norte queria. Eles queriam ganhar tempo para desenvolver sua própria sociedade. Mas foram como que forçados pela resistência do Sul a pelo menos lhes dar apoio verbal.

Na época em que John F. Kennedy começou a se envolver, em 1961, a situação estava fora de controle. Kennedy, então, simplesmente invadiu o país. Em 1962, enviou a Força Aérea americana para começar a bombardear o Vietnã do Sul, valendo-se de aviões com insígnias sul-vietnamitas. Kennedy autorizou o uso de napalm, a guerra química, para destruir a cobertura vegetal e as colheitas. Deu início ao processo de encaminhamento



da população rural para o que chamavam de “aldeias estratégicas”, essencialmente campos de concentração, onde as pessoas eram cercadas de arame farpado, supostamente para protegê-las dos guerrilheiros que o governo norte-americano sabia muito bem serem apoiados por elas. Essa “pacificação” retirou milhões de pessoas da zona rural, destruindo boa parte dela. Kennedy também deu início a operações contra o Vietnã do Norte, em pequena escala. Isso foi em 1962.

Em 1963, a administração Kennedy tomou conhecimento do fato de que o governo de Ngo Dinh Diem, por ele instalado no Vietnã do Sul, estava tentando estabelecer negociações com o Norte. Diem e seu irmão, Ngo Dinh Nhu, tentavam negociar um acordo de paz. Os liberais de Kennedy, então, decidiram que eles tinham de ser descartados. A administração Kennedy organizou um golpe em que os dois irmãos foram assassinados e empossaram seu próprio homem, ao mesmo tempo que endurecia a guerra. Veio, então, o assassinato do presidente Kennedy. Ao contrário de muita mitologia, Kennedy foi um dos falcões da administração até o último minuto. Concordou com propostas de retirada do Vietnã porque sabia que a guerra era muito impopular por aqui, mas sempre com a condição de que a retirada se desse depois da vitória. Uma vez conquistada a vitória, podemos nos retirar e deixar o regime cliente seguir adiante.

“Imperialismo”, na verdade, é uma palavra interessante. Os Estados Unidos foram fundados como um império. George Washington escreveu em 1783 que “a extensão gradual de nossos estabelecimentos por certo fará com que o selvagem, como o lobo, se retire; sendo ambos animais predadores, embora diversamente.” Previu Thomas Jefferson que as tribos “retrógradas” das fronteiras “voltarão à barbárie e à miséria, diminuirão em número pela guerra e pela necessidade, e seremos obrigados a tocá-las, com os animais da floresta, para as Montanhas Rochosas.”<sup>2</sup> Assim que não precisarmos mais da escravidão, mandaremos os negros de volta para a África. E nos livraremos dos latinos, por serem de raça inferior. Somos a raça superior dos anglo-saxões, e será bom para todos se povoarmos o hemisfério inteiro.

Mas nada disso é considerado imperialismo, em razão do que alguns historiadores do imperialismo chamam de “falácia da água salgada”: só é imperialismo se se cruzar a água salgada.<sup>3</sup> Assim, por exemplo, se o

Mississippi fosse tão largo como o Mar da Irlanda, digamos, então teria sido imperialismo. Mas aquilo era tido na época como imperialismo – e é. O colonialismo dos povoadores é o pior tipo de colonialismo, pois se livra da população nativa. Outros tipos de colonialismo a exploram, mas o colonialismo dos povoadores a elimina, a “extermina”, para usar as palavras dos Pais Fundadores.

Quando os Estados Unidos alcançaram os limites geográficos que chamamos de território nacional, o expansionismo norte-americano prosseguiu. De imediato. Mil oitocentos e noventa e oito – foi este o ano em que os Estados Unidos praticamente conquistaram Cuba. A conquista americana foi chamada de “libertação” de Cuba, e na realidade Washington estava impedindo Cuba de se libertar da Espanha. Em seguida, os Estados Unidos roubaram o Havaí de sua própria população e invadiram as Filipinas. Nas Filipinas, as tropas americanas assassinaram algumas centenas de milhares de pessoas, estabelecendo um sistema colonial que ainda perdura.<sup>4</sup> Esta é uma das razões pelas quais as Filipinas não se juntaram ao resto do Leste e do Sudeste asiáticos no desenvolvimento dos últimos vinte ou trinta anos. É uma aberração. Parte da razão é que elas ainda conservam a estrutura do sistema neocolonial estabelecido pelos Estados Unidos.

*Mas o novo imperialismo americano parece ser substancialmente diferente da variedade mais antiga, por serem os Estados Unidos uma potência econômica em declínio e, portanto, estarem vendo sua influência e poder político enfraquecerem. Tenho em mente, por exemplo, uma organização latino-americana de dimensões hemisféricas, formada recentemente, que exclui os Estados Unidos. Isso teria sido impensável na mais do que secular dominação norte-americana do continente.*

Creio que essa conversa de declínio americano deve ser tomada cum grano salis. Foi na Segunda Guerra Mundial que os Estados Unidos se tornaram, mesmo, uma potência global. Tinha sido a maior economia do mundo, de longe, muito antes da guerra, mas, em certo sentido, ainda era uma potência regional. Controlava o Hemisfério Ocidental e fizera certas

incursões no Pacífico. Mas a potência mundial era britânica. Isso mudou com a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos se tornaram a potência mundial dominante. É difícil de acreditar como esta nação era rica naquela época. As outras sociedades industriais estavam enfraquecidas ou haviam sido destruídas, e os Estados Unidos estavam numa posição incrivelmente segura: controlavam o hemisfério, ambos os oceanos e suas margens opostas, com um poderio militar imenso.

Isso diminuiu, é claro. A Europa e o Japão se recuperaram e ocorreu a descolonização. Em 1970, os Estados Unidos caíram para – se assim pudermos dizer – cerca de 25% da riqueza mundial –, mais ou menos o que tinham sido, digamos, na década de 1920. Continuavam sendo a potência global predominante, mas não como em 1950. Desde 1970 têm estado bastante estáveis, embora, é claro, tenha havido mudanças.

Acho que o que aconteceu na América Latina não esteja relacionado com mudanças nos Estados Unidos. Na última década, pela primeira vez em quinhentos anos, desde as conquistas dos espanhóis e dos portugueses, a América Latina começou a enfrentar alguns de seus problemas. Começou a se integrar.<sup>5</sup> Os países eram muito separados uns dos outros, cada um deles se orientando separadamente para o Ocidente, primeiro para a Europa e depois para os Estados Unidos. Tal integração é importante. Significa que não é tão fácil abater um país de cada vez. Recentemente temos visto isso, mesmo em casos cruciais. As nações latino-americanas podem se unir em defesa contra uma força externa.

O outro desenvolvimento, que é mais significativo e muito mais difícil, é que os países da América Latina vêm começando, individualmente, a enfrentar seus enormes problemas internos. A América Latina é um escândalo. Com seus recursos, esta região deveria ser um continente rico, sobretudo a América do Sul. Quase um século atrás, esperava-se que o Brasil se tornasse o “colosso do sul”, comparável aos Estados Unidos, tido como o colosso do norte. Na realidade, a América Latina tem uma pobreza terrível e uma desigualdade extrema, uma das piores do mundo. Sua enorme riqueza está muitíssimo concentrada nas mãos de uma minúscula elite – habitualmente europeizada, frequentemente branca – e coexiste com pobreza e miséria maciças. Há certas tentativas de começar a lidar com isso,

o que é importante – outra forma de integração –, e a América Latina está, de certa forma, separando-se do controle dos EUA.

Mas os Estados Unidos vêm reagindo. Em 2008, foram expulsos de sua última base militar na América do Sul, a Base Aérea de Manta, no Equador.<sup>6</sup> Mas de imediato abriram sete novas bases militares na Colômbia, o único país que continua na órbita dos EUA – embora por enquanto o Tribunal Constitucional ainda não tenha concedido aos EUA acesso a elas.<sup>7</sup> O presidente Barack Obama acrescentou umas poucas mais, bem como duas bases navais no Panamá.<sup>8</sup> Em 2008, a administração de Bush II reativou a Quarta Frota, a frota naval que patrulha as águas caribenhas e latino-americanas e que havia sido desativada em 1950, depois da Segunda Guerra Mundial.<sup>9</sup> Os gastos governamentais com o treinamento de oficiais latino-americanos vêm crescendo bastante.<sup>10</sup> Eles vêm sendo treinados para enfrentar o que às vezes é chamado de “populismo radical.”<sup>11</sup> Isso tem um significado bem definido na América Latina, nem um pouco atraente.

Não temos registros internos, mas é bem provável que o apoio de Obama ao governo instalado por um golpe militar em Honduras – apoio não compartilhado pela Europa nem pela América Latina – esteja relacionado com a base aérea americana no país.<sup>12</sup> Chamada de “porta-aviões inafundável” na década de 1980, a base foi usada para atacar a Nicarágua e ainda é um importante posto militar.<sup>13</sup> Na realidade, pouco depois do golpe militar que derrubou o governo, seus líderes fizeram um acordo com a Colômbia, o outro cliente dos EUA na região.<sup>14</sup>

Há muitas outras coisas complicadas acontecendo no mundo. Fala-se muito de uma mudança mundial de poder: a Índia e a China vêm se tornando as novas grandes potências, as potências mais ricas. Mais uma vez, devemos ser cautelosos com isso. Por exemplo, fala-se muito sobre a dívida dos EUA e sobre o fato de que a China detenha boa parte dela. Na realidade, o Japão é dono de parcela maior da dívida americana do que a China.<sup>15</sup> Houve ocasiões em que a China ultrapassou o Japão, mas a maior parte do tempo, inclusive neste momento, o Japão detém a maior parte da

dívida. Reunidos, os fundos soberanos dos Emirados Árabes Unidos provavelmente detêm mais da dívida do que a China.<sup>16</sup>

Além disso, é enganoso o quadro inteiro da discussão do declínio norte-americano. Somos ensinados a falar acerca do mundo como um mundo de Estados entendidos como entidades unificadas, coerentes. Se estudarmos a teoria das relações internacionais (RI), há o que denominam de teoria RI “realista”, que diz haver um mundo anárquico de Estados e que os Estados buscam o seu “interesse nacional”. Isso, sob muitos aspectos, é mitologia. Há alguns interesses em comum, como não querer ser destruído. Mas, em sua maioria, as pessoas dentro de uma nação têm interesses muito diferentes. Os interesses do presidente da General Electric e do faxineiro que limpa o assoalho dele não são os mesmos. Parte do sistema doutrinal dos Estados Unidos é a falsa aparência de que somos todos nós uma família feliz, de que não há divisões de classe e todos trabalham juntos em harmonia. Mas isso é radicalmente falso.

E sabe-se que é falso. Pelo menos, soube-se durante muito tempo. Considere-se, por exemplo, um perigoso radical como Adam Smith, que muitos idolatram, mas não leem. Disse ele que, na Inglaterra, as pessoas que possuem a sociedade ditam a política. As pessoas que têm a propriedade do país são os “comerciantes e fabricantes”; são eles os “principais arquitetos” da política, e a põem em prática segundo seus próprios interesses, por mais nocivos que sejam os efeitos para o povo da Inglaterra, algo que não lhes importa.<sup>17</sup> Naturalmente, Adam Smith era um conservador à moda antiga e tinha, portanto, valores morais. Preocupava-se com o que chamava de “injustiça selvagem” dos europeus, em especial com o que os britânicos estavam fazendo na Índia, provocando fome etc.<sup>18</sup> Esse era o conservadorismo à moda antiga, não o que hoje se chama de conservadorismo.

O poder já não está nas mãos dos “comerciantes e fabricantes”, mas de instituições financeiras e multinacionais. O resultado é o mesmo. E essas instituições têm interesse no desenvolvimento chinês. Portanto, se você for, digamos, o presidente do Walmart ou da Dell ou da Hewlett-Packard, estará contentíssimo por poder contar com mão de obra muito barata na China, trabalhando em condições pavorosas e sem normas ambientais. Desde que a China apresente o que chamam de crescimento econômico, está tudo bem.

Na realidade, o crescimento econômico da China é um pouco mitológico, já que ela é, em ampla medida, uma fábrica de montagem e grande exportadora, mas enquanto o déficit comercial norte-americano com este país tem aumentado, o déficit comercial com o Japão, Cingapura e Coreia tem diminuído. A razão é que o sistema regional de produção vem se desenvolvendo. Os países mais avançados da região, Japão, Cingapura, Coreia do Sul, Taiwan, enviam peças e componentes de alta tecnologia para a China, que usa a sua mão de obra barata para montar produtos e mandá-los para fora do país. E as empresas americanas fazem o mesmo: enviam peças e componentes para a China, onde são montados e exportados os produtos finais. No quadro doutrinal, estes são chamados de exportações chinesas, mas são, em muitos casos, exportações regionais e, em outros casos, trata-se, na realidade, de exportações dos Estados Unidos para si mesmos.

Uma vez que tenhamos rompido com o esquema de Estados nacionais como entidades unificadas sem divisões internas, vemos que há uma mudança de poder global, mas da mão de obra global para os donos do mundo: o capital transnacional, as instituições financeiras globais. Assim, por exemplo, a renda dos trabalhadores como porcentagem da renda nacional tem, em ampla medida, declinado nas últimas décadas, mas claramente tem caído mais na China do que na maioria dos lugares.<sup>19</sup> Há, sem dúvida, crescimento econômico na China e na Índia. Centenas de milhões de pessoas vivem, hoje, muito melhor do que antes, mas há também centenas de milhões para os quais isso não é verdade. Na realidade, as coisas têm piorado para eles, sob diversos aspectos.<sup>20</sup>

*No Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, a Índia ocupa o 134º lugar, um pouco acima do Camboja e do Laos. E a China ocupa a 101ª posição.*<sup>21</sup>

A Índia está mais ou menos onde estava vinte anos atrás, antes do começo das famosas reformas. Então, houve crescimento, sim. Vemos muita riqueza em Nova Delhi. Mas é uma extensão do sistema tradicional

do Terceiro Mundo. Mesmo nos piores dias, se fôssemos ao país mais pobre do mundo, digamos, o Haiti, encontraríamos um setor – branco, europeu, talvez mulato – que vive em meio a enorme riqueza e luxo. Encontramos a mesma estrutura da Índia, só que em escala muito diferente. Assim, na Índia, algumas centenas de milhões de pessoas têm carros, aparelhos de TV e belas casas. Temos na Índia multibilionários que estão construindo palácios para si mesmos.<sup>22</sup> Enquanto isso, o consumo de comida, em média, tem caído durante esse período de crescimento.<sup>23</sup>

Diga-se de passagem, o homem mais rico do mundo é um mexicano, Carlos Slim. Superou Bill Gates este ano.<sup>24</sup> Como uma das consequências da privatização do México, principalmente nos últimos vinte ou trinta anos, foi-lhe concedido o monopólio das telecomunicações.

Creio que você deva tomar a classificação da China cum grano salis. A Índia é uma sociedade muito mais aberta, e por isso sabemos muito mais sobre o que vem acontecendo por lá. A China é muito fechada, e não sabemos o que ocorre em suas áreas rurais. Uma das pessoas que vêm fazendo importantes pesquisas sobre isto é Ching Kwan Lee, socióloga da Universidade da Califórnia, Los Angeles. Ela tem estudado muito as condições de trabalho na China, e faz uma distinção entre o que chama de zona da ferrugem e zona do sol.<sup>25</sup> A zona da ferrugem fica no nordeste, o grande centro de produção em que o setor industrial, comandado pelo Estado, se baseou. Ele vem desaparecendo. E ela o compara com a zona da ferrugem dos Estados Unidos, onde os trabalhadores não têm absolutamente nada. Tinham um carro de porte médio, pensavam. Mas fizeram estudos com esses trabalhadores em Ohio e Indiana, e eles se sentiam ludibriados, com razão. Achavam que haviam feito um trato com as empresas e o governo: dariam duro a vida inteira e, em troca, receberiam pensões, seguridade social, seus filhos conseguiriam empregos. Serviram o exército, fizeram tudo certo. Agora estão sendo jogados na lata de lixo. Sem pensões, sem seguridade, sem empregos. Os empregos estão sendo mandados para outros lugares. E essa socióloga se depara com o mesmo na zona de ferrugem chinesa, salvo que o carro médio era a versão maoísta: temos solidariedade, construímos o país e depois conseguimos segurança.



A zona do sol é o sudeste da China, hoje o grande centro produtivo, para onde as fábricas estão trazendo os trabalhadores mais jovens das áreas rurais. Esses trabalhadores não têm essa tradição maoísta de solidariedade e de trabalhar para edificar o país. São camponeses. Na realidade, suas vidas ainda se baseiam nas aldeias. É lá que estão suas famílias, é lá que criam as crianças, é para lá que podem ir se perderem o emprego. Formam uma mão de obra migrante.

Há um enorme mal-estar entre os trabalhadores de toda a China. No sudeste, na zona do sol, é porque o governo vem faltando com suas obrigações legais. Há leis que determinam tais e tais salários e condições de trabalho, mas os trabalhadores não têm nada. Por isso estão protestando contra a situação. Há um número enorme de protestos, mesmo nas estatísticas oficiais.<sup>26</sup> A mão de obra foi atomizada, mas é muito militante. Não sabemos mesmo, porém, o que está acontecendo nas áreas rurais do interior. Além disso, há enormes problemas ecológicos ocorrendo na China.

Portanto, se medirmos racionalmente o crescimento – não contando apenas o número de produtos fabricados, mas os custos e benefícios de fabricá-los –, a taxa de crescimento da China seria muito menor. E sua posição no Índice de Desenvolvimento Humano também seria mais baixa, embora o 101º lugar já seja bem ruim.

*Na porta do seu escritório no MIT, você colou um adesivo com uma citação do vencedor de duas Medalhas de Honra, o general Smedley Butler, veterano de diversas intervenções norte-americanas, da China à Nicarágua. Diz o adesivo: “A guerra é uma extorsão. Poucos lucram, muitos pagam.”*

Na verdade, ele descreveu com muita eloquência a maneira como a guerra é uma extorsão. Diz ele: “Eu fui um extorsionário em prol do capitalismo”, e descreve o seu papel em muitas intervenções.<sup>27</sup> Um exemplo oportuno é o do Haiti, aliás. Quando Woodrow Wilson invadiu esta região em 1915, Smedley Butler foi um dos comandantes, embora não o principal. Foi a pessoa enviada pelo presidente Woodrow Wilson para dispersar o parlamento, que se recusara a aceitar uma constituição, redigida



pelos EUA, que permitia às empresas norte-americanas comprarem terras no Haiti. Tal medida era considerada muito progressista. Se voltarmos no tempo, os grandes pensadores diziam que o Haiti precisava de investimento estrangeiro para se desenvolver. Não se podia esperar que os investidores norte-americanos aplicassem dinheiro no Haiti, a menos que eles se tornassem proprietários do lugar e, portanto, precisávamos ter essa legislação progressista. E esse pessoal atrasado não entendia isso, então tínhamos de fechar o parlamento. Conta Butler que a intervenção se deu com medidas típicas dos marines, à mão armada. Depois disso, esses mesmos marines, sob o comando de Butler, organizaram um plebiscito em que obtiveram 99,9% de aprovação para a constituição imposta pelos EUA, com a participação de 5% da população – a saber, a elite rica.<sup>28</sup> Isso foi considerado uma grande conquista democrática. Foi mais uma etapa no processo de retirar a população do campo, transformando-a em operariado de fábricas de montagem ou algo considerado “comparativamente vantajoso” para eles pelos pensadores progressistas. E, por fim, tivemos a medonha catástrofe do terremoto de janeiro de 2010 no Haiti.

Em seus últimos anos, Butler tornou-se muito amargo. Também impediu um golpe empresarial que planejava derrubar a administração do presidente Franklin D. Roosevelt e assassiná-lo.<sup>29</sup> Ele interveio e conseguiu pôr um ponto final naquilo. Foi muito criticado por colocar a boca no trombone, mas foi um verdadeiro herói.

*Falemos mais sobre o Afeganistão e a guerra dos EUA por lá. Em março de 2010, Obama visitou a base aérea de Bagram.<sup>30</sup> Este foi o cenário de grandes crimes de guerra, que praticamente não foram mencionados nos noticiários. Obama disse às tropas que a missão delas era “absolutamente essencial”, declarando que “não escolhemos esta guerra. Esta não foi uma ação dos Estados Unidos da América para expandir sua influência; não se trata de querermos nos meter nos assuntos dos outros. Fomos violentamente atacados no dia 11 de setembro.” E, por fim, disse às tropas reunidas: “Se eu pensasse, por um minuto que fosse, que os interesses vitais dos Estados Unidos não estivessem sendo protegidos, não estivessem em jogo aqui no Afeganistão, eu mandaria vocês de volta para casa*

*imediatamente.”<sup>31</sup> Quais são esses interesses vitais, do ponto de vista de Obama?*

Há uns poucos interesses estratégicos, mas, quanto a este ponto, suspeito que seja principalmente a política interna. Daniel Ellsberg observou isso a respeito da guerra contra o Vietnã. Se nos retiramos sem vitória, o que é considerado derrota, estamos literalmente mortos. Obama herdou a guerra. E desconfio que seu interesse dominante seja a autopreservação.

Os Estados Unidos não invadiram o Afeganistão porque fomos violentamente atacados. É verdade que houve um ataque no dia 11 de setembro, mas o governo não sabia quem o tinha perpetrado. Na realidade, oito meses depois, após a mais intensa investigação internacional da história, o chefe do FBI informou à imprensa que ainda não sabia quem era o responsável pelos ataques. Disse ter algumas suspeitas. As suspeitas eram de que o plano tivesse sido elaborado no Afeganistão, mas posto em execução na Alemanha e nos Emirados Árabes Unidos, além de, é claro, nos Estados Unidos.<sup>32</sup>

Depois do 11 de setembro, Bush II ordenou ao Talibã que entregasse Osama bin Laden, e eles procuraram ganhar tempo. Poderiam tê-lo entregado, na verdade. Pediram provas de que ele estivesse envolvido nos ataques de 11 de setembro. E, é claro, o governo, em primeiro lugar, não podia lhes apresentar prova alguma, porque não dispunha de nenhuma. Mas, em segundo lugar, o governo reagiu com total desprezo. Como ousam pedir provas quando queremos que vocês nos entreguem alguém? Assim, Bush simplesmente informou ao povo do Afeganistão que iríamos bombardeá-lo até que o Talibã entregasse Osama bin Laden. Nada disse sobre derrubar o Talibã. Isso aconteceu três semanas depois, quando o almirante britânico Michael Boyce, chefe do Estado-Maior da Defesa, anunciou aos afegãos que continuariam a bombardeá-los até que eles derrubassem o governo.<sup>33</sup> Isso se encaixa perfeitamente na definição de terrorismo, mas é muito pior. É agressão.

Como os afegãos se sentiram com isso? Na verdade, não sabemos. Houve importantes ativistas antitalibãs que se opuseram violentamente aos

bombardeios. Na realidade, algumas semanas depois do começo dos bombardeios, o favorito dos EUA, Abdul Haq, considerado um grande mártir no Afeganistão, foi entrevistado a este respeito. Disse ele que os americanos estavam bombardeando só porque queriam mostrar seus músculos. Estavam solapando os nossos esforços para derrubar o Talibã de dentro, algo que podíamos fazer. Se, em vez de matar afegãos inocentes, eles nos ajudassem, a derrubada iria acontecer.<sup>34</sup> Logo depois disso, ocorreu um encontro em Peshawar, Paquistão, de mil líderes tribais, alguns deles do Afeganistão, que atravessaram a duras penas a fronteira, e outros do Paquistão. Discordaram sobre muitos pontos, mas foram unânimes numa coisa: parar o bombardeio.<sup>35</sup> Isso foi cerca de um mês depois. O Talibã poderia ter sido derrubado de dentro do Afeganistão? É bem provável. Há forças poderosas contra o Talibã. Mas os EUA não queriam isso. Queriam invadir e conquistar o Afeganistão e impor sua própria lei.

O mesmo se pode dizer do Iraque. Se não fosse pelas sanções, é bem provável que Saddam Hussein tivesse sido derrubado por forças internas, da mesmíssima forma como toda uma galeria de gangsters canalhas que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha ampararam, como, por exemplo, Nicolae Ceausescu, o pior dos ditadores do Leste europeu. Ninguém mais quer falar sobre ele, mas os Estados Unidos o apoiaram até o fim. Suharto na Indonésia, Ferdinand Marcos nas Filipinas, Jean-Claude Duvalier no Haiti, Chun Doo-hwan na Coreia do Sul, Mobutu Sese Seko no Zaire – todos eles foram derrubados por forças internas. Mas os Estados Unidos não queriam que isso acontecesse no Iraque. Queriam impor seu próprio regime. E a mesma coisa aconteceu no Afeganistão.

Há razões geoestratégicas nada pequenas. Qual a importância delas na cabeça dos planejadores é algo sobre o qual só podemos especular. Mas há uma razão pela qual todos têm invadido o Afeganistão, desde Alexandre O Grande. O país fica numa situação muitíssimo estratégica em relação à Ásia Central, ao sul da Ásia e ao Oriente Médio. No presente caso, há razões específicas, ligadas a projetos de oleodutos, que formam o pano de fundo. Não sabemos quão importantes sejam essas considerações, mas desde 1990 os Estados Unidos têm trabalhado duro para estabelecer o Oleoduto Trans-Afeganistão (Trans-Afghanistan Pipeline – TAPI), que começa no Turquemenistão, dono de uma enorme quantidade de gás natural, e vai até a

Índia. Ele tem de passar por Kandahar, na realidade. Assim, o Turquemenistão, o Afeganistão, o Paquistão e a Índia estão todos envolvidos.

Os Estados Unidos querem o oleoduto por duas razões. Uma delas é tentar impedir a Rússia de ter o controle do gás natural. É este o novo “grande clássico”: quem controla os recursos da Ásia Central? A outra razão está ligada à tentativa de isolar o Irã. O caminho natural para obter os recursos energéticos de que a Índia precisa vem do Irã, um oleoduto que sai de lá para o Paquistão e para a Índia. Os Estados Unidos querem impedir que isso aconteça, da pior maneira possível. É um caso complicado, pois o Paquistão acaba de concordar em deixar passar este oleoduto do Irã até seu território.<sup>36</sup> A questão é se a Índia vai querer se unir, e o oleoduto TAPI seria uma boa arma para tentar minar isso.

Na realidade, esta é provavelmente uma das principais razões pelas quais os Estados Unidos assinaram um acordo com a Índia em 2008, permitindo que ela violasse abertamente o Tratado de Não-Proliferação e importasse tecnologia nuclear – a qual, é claro, pode ser transferida para a produção de armas.<sup>37</sup> Este é mais um jeito de trazer a Índia para mais perto da órbita dos EUA e de separá-la do Irã.

Tudo isso vem acontecendo. Há muitas e amplas considerações implicadas. Mas ainda desconfio que a principal é a política doméstica. Não podemos sair do Afeganistão sem vitória ou seremos massacrados.

*Isso está relacionado com os ataques de drones sobre o Paquistão, que vêm se expandindo?*

Sim. Eles são terríveis, mas também interessantes. Revelam muito sobre a ideologia americana. Os ataques de drones não são segredo. Há muita coisa que não sabemos a respeito deles, mas a maior parte não é segredo. A grande maioria da população do Paquistão opõe-se a eles, mas aqui são justificados pelo fato de a liderança paquistanesa concordar com eles, por baixo do pano.<sup>38</sup> Felizmente para nós, o Paquistão é tão ditatorial que eles não precisam dar muita atenção à própria população.<sup>39</sup> Assim, se o

país for uma ditadura brutal, ótimo, porque os líderes podem concordar secretamente com o que fazemos e não levar em conta a população, que em sua enorme maioria está contra. A falta de democracia no Paquistão é considerada uma boa coisa. E então, no artigo de jornal ao lado, lemos: “Estamos promovendo a democracia.” É o que George Orwell chamava de pensamento duplo, a capacidade de ter na mente duas ideias contraditórias e de acreditar em ambas.<sup>40</sup> Esta é quase uma definição de nossa cultura intelectual. E este é um perfeito exemplo disso. Sim, bombardear é bom, porque secretamente os líderes concordam, ainda que tenham de dizer à população que se opõem a eles, porque a população em sua grande maioria é contra tais bombardeios.

*A Índia, vizinha do Paquistão, tem assistido a um grande surto de resistência interna ao neoliberalismo. Manmohan Singh, o atual primeiro-ministro, era o ministro da fazenda no começo da década de 1990. Ele revelou tudo quando declarou ao parlamento indiano, em junho de 2009: “Se o extremismo de esquerda” – o termo genérico para naxalitas, maoístas e terroristas – “continuar a florescer em partes importantes de nosso país que têm grandes recursos naturais de minérios e outras coisas preciosas, isso com certeza afetará o clima para investimentos.”*<sup>41</sup>

Isso é verdade, sem dúvida. Há investidores estrangeiros e, neste caso, investidores indianos que querem entrar nessas áreas ricas em recursos, mesmo, é claro, se isso implicar se livrar da população tribal, destruindo seu modo de vida. Mas a Índia tem permanecido em estado de guerra interna desde a fundação. Na realidade, esta guerra remonta a muito antes, aos britânicos, em tempos mais remotos. Grandes partes da Índia estão em guerra neste momento. Estados inteiros estão sob ataque. É preciso obter os recursos para o chamado crescimento econômico.

*A Índia aparece nos planos geoestratégicos norte-americanos relativos à China. Tem havido uma grande expansão das vendas de armas americanas à Índia, treinamento, compartilhamento de informações secretas.*<sup>42</sup> Israel

*também está envolvido.*<sup>43</sup> *Como a Índia passou de país não alinhado a país muito alinhado com Washington?*

A Índia não era só não alinhada, era um líder do movimento não alinhado. Tem relações militares muito fortes com a Rússia, entretanto, em termos de poder e de ideologia, estava no centro do movimento não alinhado. Mas agora mudou e vem jogando um jogo complicado: mantém relações com a China, embora também tenha conflitos com ela. Assim, as relações, econômicas ou não, com a China estão seguindo em frente. Ao mesmo tempo, há um conflito com os chineses na região de Ladakh, onde em 1962 foi travada a guerra sino-indiana e continua a ser uma área conflituosa.

Creio que a Índia esteja tentando decidir como se situar no sistema global. As relações com os Estados Unidos e com Israel, seu cliente norte-americano, são muito boas. As forças indianas que atacam as regiões tribais estão notoriamente usando tecnologia israelense.<sup>44</sup> Há anos, um dos serviços prestados por Israel aos Estados Unidos é o de executar terrorismo de Estado. São muito eficientes nisso. Israel fez isso na África do Sul e na América Central.<sup>45</sup> Agora, está fazendo na Índia. Provavelmente estão fazendo na Caxemira – dizem, mas não sei se é verdade – e, muito provavelmente, na região curda, no norte do Iraque.<sup>46</sup>

Israel tem sido nos últimos trinta anos um assassino de aluguel e tem ajudado os Estados Unidos – entendo por “Estados Unidos” a Casa Branca – a contornar sanções do Congresso. Por exemplo, houve sanções do Congresso contra a ajuda à Guatemala, o pior dos Estados terroristas da América Central. Assim, Washington desviou dinheiro via Israel e Taiwan.<sup>47</sup>

Os Estados Unidos são uma grande potência. Países pequenos contratam terroristas individuais, como Carlos, o Chacal. Os Estados Unidos contratam Estados terroristas. É muito mais eficiente. Isso permite executar trabalhos muito mais sanguinários e brutais. Israel é um deles. Taiwan é outro. A Grã-Bretanha também desempenhou o seu papel.

As relações entre Índia e Israel se tornaram muito íntimas, como parte do esforço geral norte-americano de manter um sistema global que dê aos

Estados Unidos uma vantagem geoestratégica sobre a China. Mas é algo complexo. A China, por exemplo, está agora entrando na Arábia Saudita, o centro real das preocupações norte-americanas. Creio que a China seja atualmente o principal importador do petróleo saudita.<sup>48</sup> E a China tem tido um relacionamento histórico com o Paquistão. Está agora começando a desenvolver um sistema portuário em Karachi e Gwadar, o que seria para a China um acesso aos mares do Sul da Ásia e também uma chave para a importação de petróleo e até minerais da África.<sup>49</sup> Na realidade, o mesmo vem ocorrendo na América Latina. Hoje a China é provavelmente o maior parceiro comercial do Brasil. Superou os Estados Unidos e a Europa.<sup>50</sup>

*Nós dois estávamos presentes numa palestra que Arundhati Roy<sup>A</sup> pronunciou em Harvard, descrevendo a extraordinária resistência às políticas neoliberais na Índia.<sup>51</sup> Há uma tremenda rejeição. Escrevi a Howard Zinn sobre essa palestra, e ele me respondeu num dos últimos e-mails que recebi dele: “Comparado à Índia, os Estados Unidos parecem um deserto.”*

E não era, tempos atrás. Se voltarmos ao século XIX, houve resistência por parte da população indígena dos Estados Unidos. Sob este aspecto, os Estados Unidos são um deserto porque exterminamos o povo nativo. Os Estados Unidos venceram a guerra. No fim do século XIX, a população indígena havia praticamente desaparecido. A Índia está agora na fase em que estavam os Estados Unidos no século XIX.

*Estou pensando mais nos trabalhadores daqui, que perderam empregos, pensões e benefícios. Numa palestra que você deu em Portland, Oregon, chamada “Quando as elites fracassam”, você criticou a incapacidade da Esquerda de mobilizar o inconformismo.<sup>52</sup>*

Isso é verdade. Mas não acho que a Índia seja uma boa comparação. Os velhos tempos da história norte-americana são uma melhor comparação.



Tomemos, por exemplo, a década de 1930. A Depressão surgiu em 1929. Cerca de cinco anos depois, começou a aparecer uma organização militante real dos trabalhadores, a formação do Congresso de Organizações Industriais, greves de ocupação.<sup>53</sup> Foi fundamentalmente isso que levou Roosevelt a executar as reformas do New Deal. Isso não tem acontecido na atual crise econômica. Lembre-se de que durante a década de 1920 a classe trabalhadora foi quase completamente esmagada. Um dos principais historiadores da classe trabalhadora nos Estados Unidos, David Montgomery, escreveu um livro chamado *The Fall of the House of Labor* [A queda da casa trabalhista].<sup>54</sup> A edificação da casa do trabalho aconteceu desde os militantes do século XIX até a agitação dos trabalhadores no século XX, que foi esmagada por Woodrow Wilson, tão brutal interna como externamente. O Pânico Vermelho quase dizimou o movimento operário. Foi assim na década de 1920. Houve uma mudança na década de 1930, durante a Depressão, mas levou muitos anos. E a Depressão foi muito pior do que a atual recessão. Esta é bem ruim, mas aquela foi muito pior.

E havia também outros fatores. Por exemplo, não devíamos dizer isto, mas o Partido Comunista era um elemento organizado e persistente. Não aparecia para uma demonstração e depois sumia, para que outros tivessem de começar alguma outra coisa. Ele estava sempre presente – e estava presente a longo prazo. Não é este o tipo de organização que temos hoje. E o Partido Comunista estava na linha de frente dos combates pelos direitos civis, que foram muito significativos na década de 1930, assim como na organização da classe trabalhadora, dos combates sindicais e da militância sindical. Era uma fagulha que hoje está faltando.

### *Por que está faltando?*

Em primeiro lugar, o Partido Comunista foi completamente esmagado. Na realidade, a Esquerda ativista foi esmagada pelo presidente Harry S. Truman. O que chamamos de macartismo teve início realmente com Truman. Os sindicatos cresceram em tamanho, mas como sindicatos colaboracionistas. Esta é uma das razões pelas quais o Canadá, por exemplo, um país muito parecido, tem um sistema de saúde e nós, não. No



Canadá, os sindicatos lutaram por um sistema de saúde para o país. Nos Estados Unidos, lutaram por um sistema de saúde para si mesmos. Assim, se você fosse um trabalhador da indústria automobilística aqui nos Estados Unidos, tinha um ótimo sistema de saúde e pensão. Os trabalhadores sindicalizados obtiveram um sistema de saúde para si mesmos, num acordo com as empresas. Acharam que seria um bom negócio. O que não conseguiram ver é que se tratava de um pacto suicida. Se a empresa decide que o acordo acabou, ele acabou mesmo. Enquanto isso, o resto do país não conseguiu ter um sistema de saúde. Por isso, hoje, os Estados Unidos têm um sistema de saúde que não funciona, enquanto o do Canadá funciona mais ou menos. Isso é um reflexo de diferentes valores culturais e estruturas institucionais em dois países muito parecidos. Então, sim, a classe trabalhadora continuou a se desenvolver e crescer aqui, mas com colaboração de classe, isto é, um acordo com as empresas.

Talvez você se lembre, em 1979, Doug Fraser, que era o presidente da United Auto Workers, fez um discurso em que lamentava o fato de o setor estar envolvido no que chamou de “guerra de classes unilateral” contra os trabalhadores.<sup>55</sup> Achávamos que todos estivessem cooperando. Isso era uma completa idiotice. O empresariado está sempre empenhado numa guerra de classes unilateral, sobretudo nos Estados Unidos, que têm uma comunidade empresarial com grande consciência de classe. De modo que o empresariado está sempre lutando por se livrar de qualquer interferência em sua dominação e controle. Os sindicatos entraram nessa: temporariamente trouxeram benefícios a seus próprios trabalhadores, e agora estão pagando a conta.

*Numa conferência no Fórum de Esquerda, em Nova York, no dia 21 de março de 2010, você falou acerca de Joseph Stack e seu manifesto.<sup>56</sup> Foi ele quem pegou um avião e o jogou contra o edifício da Receita Federal, em Austin.<sup>57</sup> Você falou da República de Weimar e disse: “Tudo isso traz lembranças de outros tempos, em que o centro não resistiu; vale a pena pensar sobre isso.” Fale de Stack. E por que se referiu a Weimar?*

Joe Stack deixou um manifesto, ridicularizado pelos colonistas liberais. Desqualificaram-no como um sujeito maluco. Mas se lermos o manifesto, veremos que é um comentário eloquente e perspicaz sobre a sociedade americana de hoje. Começa descrevendo como foi educado numa velha área industrial, Harrisburg, Pennsylvania. Quando tinha dezoito ou dezenove anos, era um estudante universitário que vivia de quase nada. No seu prédio, morava uma velhinha de oitenta anos que vivia de comida de gato. E ele conta a história dela. Seu marido tinha sido um metalúrgico, alguém que pertencia à chamada “classe trabalhadora privilegiada”, a parte que se deu muito bem durante o período de crescimento econômico, nas décadas de 1950 e 1960. Tinha direito a uma pensão. Aguardava a aposentadoria. Tudo isso lhe foi roubado. Ele morreu prematuramente. Isso acontece muito com pessoas que enfrentam essas situações. Seu futuro foi roubado pela empresa, pelo governo e pelo sindicato. E ela foi obrigada a comer comida de gato. Foi essa a primeira vez que ele reconheceu haver algo de errado com a visão do mundo que aprendera na escola. E ele prossegue dizendo: “Decidi que não deixaria que as grandes empresas tomassem conta de mim e que me responsabilizaria por meu próprio futuro e por mim mesmo.”

Ele fala sobre as suas tentativas ao longo dos anos de abrir um pequeno negócio e como a cada vez foi levado à falência pelo poder corporativo, pelo governo. Por fim, chegou a ponto de dizer que temos de “nos revoltar” e que a única maneira de nos revoltarmos é despertar as pessoas de seu torpor e mostrar que estamos dispostos a morrer pela liberdade. E então ele se esmagou contra o edifício de Austin, como uma chamada ao despertar para muita gente como ele.

É o que está acontecendo, então, com o que chamamos de classe média – pois não podemos usar a expressão classe trabalhadora. É isso que está acontecendo com os trabalhadores. Em outros países, eles são chamados de classe trabalhadora. Mas aqui todos têm de ser de classe média ou subproletariado.

O Fórum de Esquerda usou a expressão “o centro não consegue resistir” como título para a conferência em que falei, e estavam certos. O que vem acontecendo por toda parte dos Estados Unidos é uma tremenda raiva contra as empresas, contra o governo, contra os partidos políticos, contra as instituições, contra os corpos profissionais. Cerca de metade da

população acha que todos os que estão no Congresso, inclusive seu próprio representante, deveriam ser postos no olho da rua.<sup>58</sup> É esse o centro que não resiste.

Consideremos a República de Weimar. Não é uma analogia perfeita, de modo nenhum, mas é de uma semelhança impressionante. Em primeiro lugar, a Alemanha estava no cume da civilização ocidental, na década de 1920 – nas artes, nas ciências e na literatura. Era considerada uma democracia modelo. O sistema político era exuberante. Havia grandes organizações da classe trabalhadora, um enorme Partido Social-Democrata, um grande Partido Comunista, muitas instituições civis. O país passava por muitos problemas, mas era, seja qual for o padrão de avaliação adotado, uma sociedade democrática.

A Alemanha já estava começando a mudar antes da Depressão. Em 1925, houve uma votação popular maciça em Paul von Hindenburg para presidente. Ele era um aristocrata prussiano, mas seus eleitores eram lojistas pequenos burgueses, trabalhadores desiludidos etc. – na realidade, eram demograficamente pouco diferentes do Tea Party. E se tornaram a massa de base do nazismo. Em 1928, os nazistas ainda não tinham chegado a 3% dos votos. Em 1933 – apenas cinco anos depois – eram tão poderosos, que Hindenburg teve de nomear Adolf Hitler chanceler. Hindenburg odiava Hitler. Repito, Hindenburg era um aristocrata, um general. Não se dava com hoi polloi.<sup>B</sup> E Hitler era seu “pequeno cabo”, como o chamava. Que diabos estava ele fazendo em nossa aristocrática Alemanha? Mas Hindenburg teve de nomeá-lo chanceler, por causa de sua massa de base. Isso tudo em cinco anos.

Se considerarmos as forças que estavam por trás dessa mudança, em primeiro lugar havia a desilusão com o sistema político. Os partidos brigavam entre si, nada faziam pelo povo. Na época, a Depressão se instalara e os nazistas podiam apelar para o nacionalismo. Hitler era um líder carismático. Vamos criar uma nova Alemanha poderosa, que vai encontrar seu lugar ao sol. Temos de combater nossos inimigos: os bolcheviques e os judeus. São eles o problema. É isso que está estragando a Alemanha. Em 1933, Hitler decretou pela primeira vez o Primeiro de Maio, feriado dos trabalhadores. Os social-democratas, um grupo poderoso, haviam tentado fazer isso desde que o Segundo Reich se estabelecera, mas

não tinham conseguido. Hitler conseguiu. Houve grandes manifestações em Berlim, que era chamada “Berlim Vermelha”, uma cidade de trabalhadores, de esquerda. Participaram das manifestações cerca de um milhão de pessoas, muito animadas. Nossa nova Alemanha unida vai abrir um novo caminho. Ponhamos um ponto final nesse absurdo político dos partidos, e nos tornaremos um país unido, organizado e militarizado, que mostrará ao mundo o que é o poder e a autoridade reais.

Tudo isso parece muito semelhante ao que se passa aqui. É sinistro. Os nazistas destruíram as principais organizações de trabalhadores. Os social-democratas e os comunistas eram organizações enormes, não apenas partidos políticos. Tinham clubes, associações e organizações cívicas.<sup>59</sup> Tudo isso foi varrido, em parte pela força, mas em parte porque o povo se uniu aos nazistas, por desilusão e na esperança de um futuro melhor, um futuro brilhante, militarista e chauvinista. Não digo que seja idêntico, mas os paralelismos são grandes o bastante para dar medo. É possível ver alguém como Joe Stack unindo-se ao grupo.

*Arundhati Roy criticou os manifestantes de fim de semana. Vão a uma passeata ou manifestação e depois voltam à rotina de sempre na segunda-feira. Disse ela que é necessário assumir riscos, que os protestos precisam ter consequências.*

Não tenho certeza de concordar com ela sobre a importância dos riscos. Evidentemente, as manifestações sérias apresentam riscos. Podemos ser presos. Mas a questão real, a meu ver, é a continuidade. Ir para casa é o problema. É por isso que o velho Partido Comunista era tão significativo. Sempre havia alguém ali para rodar o mimeógrafo. Tinham uma perspectiva de longo prazo, não esperavam vitórias rápidas. Podemos ou não ganhar algo, mas lançamos a base para alguma outra coisa, vamos em frente para a coisa seguinte. É essa mentalidade que falta fundamentalmente hoje – e também faltou na década de 1960.

*Faltava também na década de 1960?*

Sim. Se voltarmos aos anos 1960, as grandes manifestações, como a greve de estudantes na Universidade de Columbia e as passeatas em Washington, um número enorme de jovens envolvidos pensava que ia ganhar. Se nos sentarmos no gabinete presidencial durante três semanas, haverá amor e paz no mundo. Você se lembra disso, tenho certeza. O amor e a paz, é claro, não compareceram, e então eles se desiludiram e desistiram. Essa falta de continuidade tem de ser superada.

Durante certo tempo, ela foi superada no movimento pelos direitos civis. Muita gente do movimento sabia que ia ser uma longa luta. Não venceríamos logo de cara. Talvez conseguíssemos alguma coisa, mas então topariamos com uma barreira. Conseguiram seguir em frente até tentarem ampliar os direitos civis afro-americanos, para que se tornasse um movimento dos pobres. Era essa a inspiração de Martin Luther King, ampliar o movimento dos direitos civis.

Então, só para ficarmos com Luther King, pois ele é visível: no feriado de Martin Luther King, ele é muito homenageado pelo que fez no começo da década de 1960, quando dizia “Eu tenho um sonho” e “Vamos nos livrar dos xerifes racistas do Alabama”. Até aí estava tudo bem. Mas, em 1965, ele começava a se tornar uma figura perigosa. Em primeiro lugar, estava se posicionando contra a guerra do Vietnã com bastante energia. Além disso, trabalhava para comandar um movimento dos povos pobres em desenvolvimento. Foi assassinado quando participava de uma greve de agentes sanitários e estava a caminho de Washington para participar de uma convenção de gente pobre. Estava indo além dos xerifes racistas do Alabama, na direção do racismo do Norte, de fundamentos muito mais profundos e muito mais classistas. O movimento pelos direitos civis foi, em parte, destruído pela força e, em parte, foi desperdiçado nessa fase. Nunca chegou realmente ao ponto em que começam as questões de classe.

O que Arundhati disse sobre não voltar para casa é o ponto crucial. É preciso compreender que não vamos vencer se ficarmos sentados no gabinete presidencial. Não é assim que se consegue um mundo de amor e paz. Podemos conseguir pequenas vitórias, mas em seguida teremos outro combate mais duro pela frente. É como escalar montanhas. Escalamos um pico, pensamos que estamos no topo – e então nos damos conta de que há um pico mais alto bem em frente e temos de escalá-lo. São assim as lutas

populares. E isso está faltando. Nossa cultura de gratificação rápida não é propícia a esse tipo de compromisso.

Existem pessoas e organizações que são mesmo persistentes e combatentes – e, é claro, são estas as que estão sob ataque. É o caso da ACORN,<sup>C</sup> a Associação de Organizações Comunitárias pela Reforma Já. Por que a ACORN foi destruída? Havia um certo trambique, mas pelos padrões da corrupção empresarial, o que eles faziam era ninharia. Mas de imediato a mídia, o Congresso, todo o mundo comentou as notícias e isso os destruiu.<sup>60</sup> Porque é uma organização persistente, que trabalha pelos pobres, e isso é perigoso.

*Dada a triste situação econômica, por que não há uma resposta de esquerda? A direita, com certeza, produziu respostas e explicações.*

O Partido Democrático e até mesmo a Esquerda Democrática não vão dizer ao povo: “Olha, o problema de vocês é o seguinte: lá na década de 1970, participamos de um grande processo de financeirização da economia e de esvaziamento do sistema produtivo. Por isso, o salário de vocês se estagnou durante trinta anos, enquanto a riqueza produzida vai para os bolsos de muito pouca gente. São estas as nossas políticas.” Não vão dizer isso a eles. Não, não há uma esquerda de verdade, hoje. Se contarmos as cabeças, há provavelmente mais gente envolvida do que na década de 1960, mas está atomizada, empenhada em diversos interesses especiais – direitos dos homossexuais, direitos ambientais, isto, aquilo. Não se une num movimento que possa realmente fazer alguma coisa.

E há coisas que poderiam ser feitas, das quais falei um pouco na conferência do Fórum de Esquerda que você mencionou. Por exemplo, a administração Obama é praticamente a dona da indústria automobilística hoje, com exceção da Ford. A GM, com certeza. O que eles vêm fazendo é dar continuidade às políticas de fechamento de fábricas da GM, o que significa destruir a mão de obra, acabar com as comunidades, que foram construídas pelos sindicatos. Enquanto isso, Obama envia emissários para dizer ao povo dessas cidades: “Estamos realmente empenhados em ajudar vocês” e distribuir alguns tostões. Quase ao mesmo tempo, envia outro

emissário, o secretário de transportes, à Espanha, para gastar o dinheiro federal de estímulo à economia em contratos com empresas espanholas para a construção de ferrovias de alta velocidade.<sup>61</sup> Essas ferrovias de alta velocidade poderiam ser construídas nas fábricas que estão sendo fechadas, mas isso não é importante do ponto de vista dos banqueiros e dos “principais arquitetos” da política, citados por Adam Smith.

O que está faltando é a consciência que começou a despertar na década de 1930 – vamos assumir e gerir tudo isso nós mesmos. O que realmente dava um medo dos diabos nos industriais e no governo na década de 1930 eram as greves de ocupação. As greves de ocupação estão a um só passo de dizer: “Olha, em vez de ficar aqui parados, vamos administrar este lugar. Não precisamos de proprietários ou empresários”. Isso é formidável. Isso poderia ser feito em Detroit e outros lugares que vêm sendo fechados.

## CADEIAS DE SUBMISSÃO E SUBSERVIÊNCIA

BOULDER, COLORADO (31 DE MARÇO DE 2011)

*A escravidão formal foi abolida há muito, mas uma escravidão mental de fato a substituiu. Isso se reflete na obediência ao poder e à autoridade. As pessoas estão reduzidas a pedir e a suplicar por favores aos senhores, algumas migalhas aqui e ali. Não corte tanto o orçamento, não acabe com este programa pós-escolar. Como romper as cadeias de submissão e subserviência?*

Em primeiro lugar, a escravidão mental não substituiu a escravidão – ela sempre existiu. Como romper com a escravidão mental? Não há solução mágica. Começamos pedindo reformas que fazem sentido. Esperamos acontecer. Se acontecerem, tentamos ir mais além. Ou se toparmos com um muro de tijolos, se os sistemas de poder não cederem, passamos a tentar derrubá-los. É esta a história do ativismo. Foi assim que a escravidão acabou.

*É mais difícil fazer isso aqui nos Estados Unidos do que, digamos, na Bolívia?*

Acho que é muito mais fácil aqui do que na Bolívia. Assim como é mais fácil protestar aqui do que na Praça Tahrir, no Egito. As circunstâncias



na Bolívia são muito mais duras. O que eles conseguiram foi fantástico. As circunstâncias são muito duras, mas eles conseguiram.

*Até que ponto o sistema de propaganda induz à docilidade e à passividade entre os cidadãos dos Estados Unidos?*

É esse o problema. Mas isso tem sido o problema desde tempos imemoriais. Faz parte da função de reverência pelos reis, sacerdotes, submissão às autoridades religiosas. Essas são características doutrinárias dos sistemas de poder, que procuram induzir à passividade. Os principais sistemas de propaganda que hoje enfrentamos, em sua maioria produzidos pela colossal indústria de relações públicas, foram desenvolvidos muito conscientemente, cerca de um século atrás, nos países mais livres do mundo, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, por causa de um reconhecimento muito claro e articulado de que o povo obtivera tantos direitos, que era difícil suprimi-los pela força. Por isso, era preciso tentar controlar seu comportamento e suas crenças ou distraí-lo de algum jeito. Como dizia o economista Paul Nystrom, é preciso tentar fabricar consumidores e criar necessidades, e assim o povo cairá na cilada.<sup>62</sup> É um método comum.

Ele foi usado pelos senhores de escravos. Por exemplo, quando a Grã-Bretanha aboliu a escravidão, tinha plantações que usavam escravos em todas as Índias Ocidentais. Com o fim da escravidão, houve muitos debates parlamentares sobre como sustentar o mesmo regime. O que impediria um ex-escravo de subir as colinas, onde havia muita terra, e lá viver alegremente? Usaram o mesmo método que todos usam: tente capturá-los com bens de consumo. Ofereceram-lhes, então, produtos sedutores – pagamento a prazo, brindes. E quando o povo caiu na cilada de querer bens de consumo e começou a ficar em dívida com as lojas da companhia, logo se estabeleceu a restauração de algo parecido com a escravidão, do ponto de vista dos proprietários das plantações.<sup>63</sup>

A United Fruit Company fez independentemente o mesmo na América Central, e as comunidades empresariais dos EUA e da Grã-Bretanha se valeram da mesma técnica no começo do século XX. A partir daí se

desenvolveu este enorme sistema de propaganda dirigido exclusivamente, como dizia Nystrom, para a fabricação de consumidores e “fixar a atenção humana em coisas mais superficiais.”<sup>64</sup> E, é claro, isso vai de par com a tentativa de controlar as ideias e crenças das pessoas. Esta é outra parte do sistema doutrinal.

Essas técnicas não são novas. São mais velhas que andar para frente. Mas assumem formas novas conforme mudam as circunstâncias. As técnicas que hoje vemos são uma reação à conquista de uma liberdade muito maior pelas gerações passadas. E é preciso dizer que é muito mais fácil combater a fabricação de consumidores do que as câmaras de tortura.

*Quando você viaja pelos Estados Unidos, muitas vezes comenta que as comunidades com estações de rádio comunitárias são marginalmente diferentes das que não as têm. Por exemplo, a cidade de Boston, onde você vive, não tem uma estação de rádio comunitária.*

Não é uma conclusão científica – é uma impressão – mas, sim, Boston é um bom exemplo. Não há estações de rádio comunitárias, e as coisas são muito dispersas. As pessoas não têm noção do que esteja acontecendo em outra parte da cidade. Não há interação, não há como reunir as pessoas. Há outros meios, como a Internet, mas não há um lugar a que se dirigir diretamente para saber o que está acontecendo, e até mesmo para ter uma análise crítica do que vem ocorrendo no mundo e que esteja relacionado com os problemas e interesses locais. E isso tolhe a capacidade de criar uma comunidade.

*Você é um educador. Tem lecionado no MIT há décadas. Muita gente anda preocupada com o que está acontecendo com a educação pública. Há notícias de dispensas de milhares de professores em todo o país, classes maiores, fechamento de escolas, grandes cortes no orçamento. Os programas de reforço vêm sendo reduzidos ou completamente eliminados. O poder dominante, as elites empresariais, não precisam de mão de obra treinada e competente? Ou simplesmente vão confiar nos asiáticos do Sul ou do Leste para isso?*

Não acho que o mundo empresarial, pelo menos a curto prazo, esteja preocupado com a falta de mão de obra. Em primeiro lugar, houve um importante programa de offshoring da produção nos últimos trinta anos. Não só trabalho manual, mas também análise de dados. A mão de obra lá fora é muito mais barata. Na realidade, alguns anos atrás, a IBM anunciou incentivos na tentativa de fazer com que sua equipe americana se mudasse para a Índia, onde poderiam viver com salários menores.<sup>65</sup> O que você disse, portanto, é, em parte, verdade. Mas acho que as elites empresariais supõem poder manter uma mão de obra doméstica grande o bastante com uma parte menor da população.

Os desenvolvimentos descritos por você são todos eles parte de um grande esforço para dismantlar completamente a educação pública, essencialmente privatizando-a, o que seria um grande negócio para o poder privado. O poder privado não gosta da educação pública, por muitas razões. Uma delas é o princípio em que ela se fundamenta, que ameaça o poder. A educação pública baseia-se num princípio de solidariedade. Assim, por exemplo, meus filhos nasceram cinquenta anos atrás. No entanto, eu sinto e devo sentir que deveria pagar impostos para que as crianças do outro lado da rua possam ir à escola. Isso vai de encontro à doutrina de que só devemos apenas cuidar de nós mesmos e deixar todo o resto de lado, um princípio fundamental da lei dos negócios. A educação pública é uma ameaça a esse sistema de crenças, pois se fundamenta num senso de solidariedade, comunidade e apoio mútuo.

O mesmo vale para a Previdência Social. Esta é uma das razões pelas quais há tantas tentativas apaixonadas de destruir a Previdência Social, embora não haja razões econômicas para isso, pelo menos significativas. Mas a educação pública e a Previdência Social são resíduos da perigosa concepção de que estamos no mesmo barco e temos de trabalhar juntos para criar uma vida melhor e um futuro melhor. Se você tenta elevar ao máximo o lucro ou o consumo, trabalhar juntos é má ideia. Isso tem de ser varrido da cabeça das pessoas.

A solidariedade torna difícil controlar as pessoas e as impede de serem objetos passivos do poder privado. Por isso, é preciso ter um sistema de propaganda que supere quaisquer desvios do princípio de submissão aos sistemas de poder.

Há tentativas importantes de substituir as escolas públicas por sistemas semiprivatizados, que ainda seriam suportados pelo setor público, mas dirigidos de modo mais ou menos privado, como as escolas de tipo charter.<sup>D</sup> Não há provas de que elas vão melhor.<sup>66</sup> Pelo que eu sei, vão até pior. Mas essa privatização das escolas mina, sim, a solidariedade e o apoio mútuo – ideias perigosas que prejudicam o poder concentrado.

*Com certeza, os sindicatos dos Estados Unidos têm sido historicamente instituições de solidariedade. De um auge de representatividade de 35% de todos os trabalhadores, a filiação aos sindicatos hoje caiu para um só dígito.<sup>67</sup> Pede-se que os trabalhadores trabalhem mais horas, seus salários e benefícios vêm sendo reduzidos, e eles estão perdendo seus empregos. Estará o capital valendo-se da atual crise econômica para pôr em prática seu projeto de longo prazo de esmagar os sindicatos?*

Os sindicatos são profundamente odiados pelo poder privado. Isso sempre foi assim. Os Estados Unidos são uma sociedade governada pelas empresas, muito mais do que as outras sociedades comparáveis. Consequentemente, têm uma história muito brutal da classe trabalhadora, muito pior do que em outras sociedades. Houve constantes esforços no sentido de destruir os sindicatos. Na década de 1920, por exemplo, eles foram quase esmagados. Depois eles voltaram, nos combates dos trabalhadores da década de 1930. O mundo empresarial mais do que rapidamente se organizou para tentar destruí-los de novo. Imediatamente depois da guerra, foi promulgada a lei Taft-Hartley, outras medidas contrárias aos trabalhadores, e imensas campanhas de propaganda – nas igrejas, nas escolas, no cinema, na imprensa – para voltar as pessoas contra os sindicatos.

Ao longo do tempo, essa campanha conseguiu certo sucesso, mas a maioria dos trabalhadores ainda preferiria ser sindicalizada, se pudesse.<sup>68</sup> Foram erguidas barreiras pela legislação estatal, que dificultam em muito a filiação aos sindicatos.<sup>69</sup> A consequência disso tudo é que a sindicalização do setor privado caiu a cerca de 7%.<sup>70</sup> Os sindicatos do setor público ainda

não foram destruídos, mas é por isso que atualmente estão sob violento ataque. O ataque em Wisconsin ao direito de os trabalhadores se organizarem e negociarem coletivamente é um claro exemplo disso.<sup>71</sup> O problema em Wisconsin nada tem que ver com o déficit do orçamento do Estado. Trata-se de uma fraude que simplesmente foi usada como pretexto. A questão é o direito de negociar coletivamente, um dos princípios básicos da organização sindical. O mundo empresarial quer destruir isso.

*Deixando de lado a retórica, será que o Partido Democrático tem sido mesmo um amigo da organização dos trabalhadores e da classe operária?*

Em comparação com os Republicanos, sim, mas isso não quer dizer muita coisa. Os estudos de Larry Bartels e de outros cientistas políticos mostram que os trabalhadores e os pobres tendem a se dar melhor sob as administrações Democráticas do que sob as Republicanas.<sup>72</sup> Mas isso quer dizer apenas que os Republicanos estão mais profundamente nos bolsos do sistema corporativo do que os Democratas. Eles se acomodaram lá muito alegremente. Há membros individuais do Partido Democrático que têm sido amigos dos trabalhadores, mas formam uma minoria dispersa e em declínio.

Vejamos o caso, por exemplo, de Obama. Foi interessante a sessão de fim de mandato do Congresso, depois das eleições intercalares de novembro de 2010. Ele foi muito elogiado, inclusive pelos que o apoiam, pela postura de estadista durante a sessão intercalar, pela atitude conciliadora com os dois partidos e por fazer passar a legislação.<sup>73</sup> O que ele fez passar? Sua maior façanha foi um enorme corte nos impostos dos extremamente ricos.<sup>74</sup> Quando digo extremamente ricos, estou falando sério. Assim, por exemplo, eu vou muito bem do ponto de vista financeiro, mas fiquei abaixo da faixa de redução dos impostos. Essa redução foi um enorme presente a um minúsculo setor dos ricos, com o déficit ainda maior – mas quem liga para isso? Essa foi a maior façanha de Obama. Enquanto isso, ao mesmo tempo, ele deu início a um aumento de impostos para os funcionários federais. Evidentemente, ninguém chamou aquilo de aumento de impostos. Isso não soa bem. Chamaram de congelamento salarial.<sup>75</sup> Mas um

congelamento salarial para os funcionários públicos é exatamente a mesma coisa que um aumento de impostos. Assim, os funcionários públicos são punidos e os executivos do Goldman Sachs são premiados, eles que acabam de anunciar um pacote compensatório de 17,5 bilhões de dólares para si mesmos.<sup>76</sup>

*Numa palestra que você proferiu na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, chamada “A Inteligência Humana e o Meio Ambiente”, você disse que o sistema “está nos levando ao desastre”.<sup>77</sup> Observo que você disse isso muitos meses antes das revoltas políticas em Madison, Wisconsin. E você perguntou: “Então, será que se vai fazer alguma coisa em relação a isso?” E você mesmo respondeu: “As perspectivas não são muito auspiciosas”. Por que não?*

As perspectivas não são auspiciosas por causa do sentimento geral que você descreveu antes, de que não há nada a fazer. Enquanto as pessoas permanecerem passivas e deixarem as coisas acontecerem a elas, a dinâmica do sistema vai dirigir as coisas em certa direção – e a direção é a autodestruição. Não creio que seja difícil demonstrar isso.

Mas a suposição de que não haja nada a fazer está completamente errada. Há muita coisa que se pode fazer. Na realidade, o que aconteceu em Madison mostra isso com muita clareza. Os manifestantes não venceram, mas foi uma manifestação importante. É uma base a partir da qual se pode ir em frente. Há muita coisa que podemos fazer, mas isso não vai acontecer por si mesmo. Se as pessoas se conformarem em estar desamparadas, isoladas, atomizadas, o poder vai vencer. Estas questões são muito graves. Neste exato momento, por exemplo, pela primeira vez na história humana, estamos realmente diante da perspectiva da destruição da espécie.

## INSURREIÇÕES

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS (17 DE JANEIRO DE 2012)

*Mohamed Bouazizi, um vendedor de rua numa cidadezinha da Tunísia, desesperado, ateou fogo em si mesmo e morreu.<sup>78</sup> Isso levou ao que parecia ser uma insurreição espontânea na Tunísia e depois no Egito e outras partes do Oriente Médio árabe.*

Em primeiro lugar, vamos recordar que muita coisa estava acontecendo por baixo da superfície. Só não havia se manifestado. Vejamos o caso do Egito, o país mais importante da região. A manifestação de 25 de janeiro no Egito foi comandada por um grupo relativamente jovem, com noções de tecnologia, chamado Movimento 6 de Abril. Por que 6 de Abril? A razão é que no dia 6 de abril de 2008, o movimento operário egípcio, que tem sido muito militante e ativo, embora ilegal, planejara organizar importantes atos de greve no mais importante centro industrial do Egito, além de ações mais amplas de solidariedade em todo o país, mas foi esmagado pelas forças de segurança do presidente egípcio Hosni Mubarak. Isso, então, é um reflexo da significativa tradição de combate operário. Embora não tenha sido muito noticiado, parece que o movimento operário egípcio tem continuado a tomar medidas muito interessantes, até mesmo ocupando fábricas em alguns lugares.<sup>79</sup>

No caso da Tunísia, foi de fato esse único ato que acendeu a centelha de movimentos ativos de protesto já existentes há muito, e os impulsionou. Mas isso não é tão raro. Consideremos a nossa própria história. O movimento pelos direitos civis, por exemplo. Já tinha havido muita

preocupação e ativismo em relação à repressão violenta dos negros no Sul, e só foi preciso um grupinho de estudantes sentados ao balcão de um restaurante para desencadear o processo. Pequenos atos podem fazer muita diferença quando há um pano de fundo de atenção, compreensão e ativismo prévio.

*Onde você situa historicamente as rebeliões que têm sido chamadas de “Primavera Árabe”?*

É uma revolta tríplice. Em parte, é uma revolta contra os ditadores apoiados pelo Ocidente, pelos EUA, em toda a região. Em parte, é uma revolta econômica contra o impacto das políticas neoliberais de várias décadas para cá. E, em parte, é uma revolta contra a ocupação militar, embora a maior parcela da discussão acerca da Primavera Árabe deixe de lado dois pedaços do Oriente Médio e da África do Norte que estão sob ocupação militar: o Saara Ocidental e a Palestina.

Na realidade, a chamada Primavera Árabe começou em novembro de 2010, no Saara Ocidental, que é literalmente a última colônia africana. Está sob a jurisdição da ONU e deveria ter sido descolonizado. Ele até se encaminhou para a descolonização em 1975, mas foi de imediato invadido pelo Marrocos. O Marrocos, uma dependência principalmente da França, invadiu e começou a despejar no país uma enxurrada de marroquinos, tentando sufocar qualquer movimento de independência possível. Houve um longo combate não violento. Em novembro de 2010, houve protestos no estilo da Primavera Árabe, inclusive a criação de uma cidade das tendas numa das principais cidades.<sup>80</sup> As tropas marroquinas imediatamente chegaram e esmagaram o movimento. Uma vez que o Marrocos é uma dependência da ONU, o movimento Saharawi, uma organização nativa do Saara Ocidental, protestou junto ao Conselho de Segurança, responsável pela descolonização. A França o sufocou e recebeu o apoio dos Estados Unidos.<sup>81</sup> E então aquilo desapareceu da história.

A Palestina também está sob ocupação militar. Os palestinos fizeram algumas tentativas de se unir aos movimentos de libertação no mundo árabe, mas eles foram esmagados muito rapidamente. Assim, praticamente



nada está acontecendo nas duas partes do Oriente Médio e da região da África do Norte, que estão literalmente sob ocupação estrangeira apoiada pelo Ocidente: a França, no caso do Saara Ocidental, e sobretudo os Estados Unidos, no caso da ocupação da Palestina por Israel.

Além da revolta contra a ocupação literal, temos revoltas contra ditaduras e contra a economia neoliberal. E essas duas coisas obedecem a um padrão regular. Assim, como vimos, a América Latina enfim se libertou tanto da ditadura política, como das políticas neoliberais, que tiveram o mesmo efeito na América Latina que nos países do Oriente Médio e da África do Norte – como aqui e na Europa, em modalidades ligeiramente diferentes. Elas enriquecem uma minúscula parcela da população e pune o resto, tanto em termos puramente econômicos, como o declínio da renda real, quanto na qualidade de vida e na liberdade de se filiar aos sindicatos. É impossível impor os princípios neoliberais sem um regime duro. E tem havido uma revolta contra isso.

Outro aspecto pelo qual as revoltas são parecidas – quase idênticas, na verdade – é que os efeitos deletérios do neoliberalismo são muito elogiados pelo que às vezes é chamado de troika Fundo Monetário Internacional (FMI) - Banco Mundial - Tesouro americano. Na realidade, no caso do Egito, as elites financeiras internacionais elogiaram muito a ditadura de Mubarak pelo incrível desempenho econômico e pelas reformas, até poucas semanas antes do colapso do regime.

Coisas parecidas vêm acontecendo na África, aqui e na Europa. Os indignados<sup>E</sup> do Sul da Europa e os movimentos de Ocupação aqui são, em certo sentido, parecidos, embora venham de mundos diferentes. Os protestos não são contra as ditaduras, mas contra o dilaceramento dos sistemas democráticos e as consequências da versão ocidental do sistema neoliberal, que tem tido efeitos estruturalmente consistentes nos últimos trinta anos: uma concentração de riqueza muito estreita numa parcela de 1% da população, estagnação de boa parte do restante, desregulamentação e crises financeiras repetidas, uma pior do que a outra. A mais recente crise financeira, afora o que tem feito à população em geral, foi absolutamente devastadora para a população afro-americana. Sua renda líquida é hoje um vinte avos da dos brancos. É a mais baixa desde que se calculam as estatísticas.<sup>82</sup> O patrimônio familiar líquido dos afro-americanos baixou

para apenas alguns milhares de dólares, praticamente nada, em consequência da quebra do mercado imobiliário.<sup>83</sup>

*Fale sobre o papel dos trabalhadores na Primavera Árabe.*

Se considerarmos os países em que se obteve algum sucesso, a Tunísia e o Egito – a Tunísia mais do que o Egito, na verdade –, ambos têm uma tradição de militância operária. Há uma correlação íntima entre o grau de sucesso na Primavera Árabe e a participação do movimento trabalhador. Joel Beinin, importante especialista em movimentos trabalhadores do Oriente Médio e da África do Norte, mostrou isso.<sup>84</sup> Ele está certo. As manifestações da Praça Tahrir tornaram-se realmente substanciais e significativas quando o movimento operário começou a participar. Na verdade, o movimento operário obteve muitas conquistas. Foram dados agora passos importantes no sentido da unificação num sindicato independente. Não havia sindicatos independentes antes. A imprensa se tornou livre. Boa parte do velho regime ainda está de pé, mas houve um progresso significativo.

Na Tunísia, uma parte da população era organizada: o Islã político. Foi reprimido e esmagado pela ditadura, mas era organizado. Venceram as eleições parlamentares e vêm introduzindo uma versão moderada do Islã político.<sup>85</sup> A Tunísia tem um movimento operário importante também, que desempenhou um papel central nas mudanças de lá.

No resto do Oriente Médio e da região do Norte da África, não aconteceu muita coisa. Nos países centrais, do ponto de vista ocidental – os produtores de petróleo, a Arábia Saudita, os Emirados –, houve tímidas tentativas de se unir às manifestações, mas foram logo reprimidas. Na Arábia Saudita, o país-chave, a presença das forças de segurança era tão impressionante que o povo tinha medo de sair na rua. Em Bahrein, que não é um grande produtor de petróleo, mas é parte importante desse sistema regional, uma insurreição foi brutalmente reprimida pela invasão comandada pelos sauditas, embora ainda persista. É complicada a situação no Iêmen, o que muito preocupa a Arábia Saudita, já que ela parece estar

apoiando o ex-ditador. Não temos informações da Arábia Saudita – é uma sociedade muito fechada –, mas é isso que parece estar acontecendo.

### *O que você diz da Líbia?*

Na Líbia, houve uma insurreição. Depois vieram, realmente, duas intervenções ocidentais. A primeira intervenção aconteceu sob a égide da Resolução 1973 do Conselho de Segurança, que estabeleceu uma zona de exclusão aérea, um cessar-fogo e a proteção dos civis. Essa intervenção durou, talvez, cinco minutos. As potências da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), ou seja, as tradicionais potências imperiais – Grã-Bretanha, França e Estados Unidos – imediatamente se uniram às forças rebeldes e se transformaram na sua força aérea. Nada de cessar-fogo, nada de proteção aos civis. Pode-se discutir se elas estavam certas ou erradas ao fazerem isso, mas o fato é que elas se uniram a uma rebelião para derrubar o regime. Não tinha nada que ver com os termos da resolução da ONU. Enquanto isso, a maior parte do resto do mundo esforçava-se ao máximo para impedir uma provável catástrofe humanitária, que, na realidade, aconteceu, em especial no fim, quando o triunvirato imperial e as forças rebeldes atacaram a base da maior tribo da Líbia, os warfallas.<sup>86</sup> O ataque acabou sendo muito brutal e evidentemente deixou muito ressentimento. Não se sabe aonde isso vai parar.

Bem no começo, a maior parte do mundo pedia negociações, diplomacia e um cessar-fogo, que Kadafi aceitou, pelo menos formalmente. Se teria dado certo, eu não sei. A União Africana (UA) fez um veemente pedido de negociações e diplomacia.<sup>87</sup> Os chamados BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul – defenderam o mesmo.<sup>88</sup> A Europa foi ambivalente. A Alemanha não aderiu.<sup>89</sup> A Turquia tentou até bloquear as primeiras ações da OTAN e mais tarde se uniu a ela com relutância.<sup>90</sup> O Egito não quis se envolver de modo nenhum.<sup>91</sup>

A UA é particularmente interessante. A Líbia é um país africano, e a UA se manifestou no meio dos bombardeios, reiterando seu convite às negociações diplomáticas e fazendo propostas minuciosas, neste caso,

relativas a uma força de paz.<sup>92</sup> Foram totalmente ignorados, é claro. Não se dá atenção aos africanos. A UA tinha uma boa explicação para a sua postura. Essencialmente, o que diziam é que há anos a África vem lutando para se libertar a si mesma da brutal dominação colonial e da escravidão. A maneira como temos feito isso é pelo estabelecimento do princípio da soberania, para nos proteger de um retorno da civilização ocidental. E somos obrigados a ver num ataque a um país africano, perpetrado a despeito das objeções africanas, sem nenhuma consideração pelos direitos soberanos, como um passo na direção da recolonização, algo muito perigoso para todo o continente. A revista Frontline, da Índia, fez uma análise detalhada da posição da UA.<sup>93</sup> Não ouvi sequer uma palavra sobre isso por aqui. Repito, pode-se discutir se a intervenção foi certa ou errada, pode-se debater a questão como se quiser. Mas também temos de encará-la tal como é.

*Ao mesmo tempo que a administração de Obama alertava os diversos movimentos revolucionários em diferentes países a “demonstrar moderação” e dizia que não havia “lugar para a violência”, o presidente elogiava a “capacidade única” dos Estados Unidos em estabelecer uma zona de exclusão aérea sobre a Líbia.<sup>94</sup> Tariq Ali, num artigo recente, chama a Líbia de “outro caso de vigilantismo seletivo por parte do Ocidente.”<sup>95</sup>*

Em primeiro lugar, deve ficar claro que não houve nenhuma zona de exclusão aérea sobre a Líbia. A Resolução 1973 da ONU aconselhou uma zona de exclusão aérea, mas os três países imperiais tradicionais – Grã-Bretanha, França e Estados Unidos – imediatamente descumpriram esta resolução e logo passaram a participar ao lado dos rebeldes. Portanto, não estavam impondo uma zona de exclusão aérea sobre os avanços dos rebeldes. Na realidade, estavam encorajando-os e apoiando-os. Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França decidiram de imediato desconsiderar a resolução da ONU e passar a ajudar os rebeldes a derrubarem o governo.

Isso é seletivo? Com certeza. Mas é muito previsível e muito comum. Se há um ditador com um monte de petróleo e é obediente, submisso e confiável, deixam-no em paz. O exemplo mais importante é o da Arábia Saudita. Lá, devia ter havido manifestações, um “dia da ira”, mas o governo interveio com imensa força. Ao que parece, ninguém estava disposto a se mostrar em Riad. Todos estavam apavorados.<sup>96</sup>

Bahrein é especialmente importante neste contexto. Abriga a Quinta Frota americana, que é de longe a força militar mais poderosa da região, e fica logo ao lado do litoral leste da Arábia Saudita, região de maior concentração petrolífera do país. Como Bahrein, essa região também é xiita em boa medida, ao passo que o governo da Arábia Saudita é sunita. Por um desses estranhos acidentes da história e da geografia, a concentração dos recursos energéticos mundiais fica na parte norte da região do Golfo, que é em sua maioria xiita, e num mundo em ampla medida sunita. Tem sido um pesadelo para os planejadores ocidentais considerar a possibilidade de haver algum tipo de aliança xiita tácita, para além do controle do Ocidente, que possa assumir o controle da maior parte do núcleo dos recursos energéticos do mundo.

Foi, então, só uma leve palmadinha quando a Arábia Saudita enviou uma força militar ao vizinho Bahrein, para violentamente esmagar os protestos ali.<sup>97</sup> Apoiadas pelos sauditas, as forças de segurança do Bahrein expulsaram os manifestantes que haviam ocupado os arredores da Praça da Pérola.<sup>98</sup> Também invadiram um hospital e retiraram grande número de pacientes e funcionários.<sup>99</sup> Tudo isso foi OK. Praticamente ninguém comentou o assunto por aqui.

Por outro lado, quando se tem um ditador como Muamar Kadafi, com muito petróleo, mas não confiável, faz sentido, do ponto de vista imperial, ver se é possível trocá-lo por alguém mais submisso e confiável, que faça o que quiserem que ele faça. Reage-se, portanto, de modo diferente na Líbia.

No Egito ou na Tunísia, segue-se o plano de jogo tradicional. Isso é mais velho que andar para frente. Se há um ditador apoiado por você que esteja perdendo o controle da situação, apoie-o até o fim. Se isso ficar impossível, porque talvez o exército ou a comunidade empresarial se volte contra ele, tire-o de circulação, mande-o para algum lugar, proclame

dramáticas declarações sobre o seu amor à democracia e então tente restaurar o velho regime na medida do possível. É exatamente isto que está acontecendo no Egito. Pode-se chamar isso de seletivo, se quiserem, mas me parece ser o imperialismo racional – nosso velho conhecido.

*No que se refere a essas diversas insurreições que ocorrem por todo o Oriente Médio, há uma pressuposição implícita em todos os comentários de que de algum modo os Estados Unidos devem controlar o que está acontecendo.*

Isso às vezes é dito abertamente. No Wall Street Journal, que costuma ser mais sincero sobre essas coisas, o principal comentarista político, Gerald Seib, disse com todas as letras que o problema é que “não aprendemos a controlar” essas novas forças.<sup>100</sup> A implicação é que temos de descobrir um jeito de controlá-las. Isso nos faz voltar atrás sessenta anos, para os planejadores e conselheiros de Roosevelt. Adolf Berle, um dos principais conselheiros liberais de vários presidentes...

*Ele não fazia parte do Brain Trust<sup>F</sup> de Roosevelt?*

Fazia, sim, e em seguida continuou sendo uma figura importante do sistema político liberal. Ele dizia com todas as letras: se quisermos controlar a energia do Oriente Médio, isso nos dará o “controle substancial do mundo.”<sup>101</sup> O que não é pouca coisa.

*Os Estados Unidos ainda têm o mesmo grau de controle de antigamente sobre os recursos energéticos da região?*

Os principais países produtores de petróleo ainda estão firmemente sob o controle de ditaduras apoiadas pelo Ocidente. Portanto, na verdade, é limitado o progresso feito pela Primavera Árabe, mas não insignificante. O sistema ditatorial controlado pelo Ocidente vem-se erodindo. Na realidade,

já faz algum tempo que isso vem acontecendo. Assim, por exemplo, se voltarmos no tempo cinquenta anos, desde então os recursos energéticos – a principal preocupação dos planejadores norte-americanos – têm sido nacionalizados. Há constantes tentativas de reverter a situação, mas não têm sido bem-sucedidas.

Tomemos como exemplo a invasão do Iraque pelos EUA. Para todos, exceto os ideólogos mais dedicados, está mais do que óbvio que invadimos o Iraque não por causa de nosso amor à democracia, mas porque ele é a segunda ou terceira fonte de petróleo do mundo e fica bem no meio da maior região produtora.<sup>102</sup> Não se deve dizer isso. É considerado teoria conspiratória.

Os Estados Unidos sofreram uma dura derrota no Iraque, infligida pelo nacionalismo iraquiano – sobretudo pela resistência não violenta. Eles podiam assassinar os rebeldes, mas não sabiam como lidar com manifestações de rua de meio milhão de pessoas. Aos poucos, o Iraque conseguiu dismantelar os controles estabelecidos pelas forças de ocupação. Em novembro de 2007, ficou claríssimo que seria muito difícil alcançar os objetivos americanos. E é interessante que, nessa altura, esses objetivos tenham sido formulados explicitamente. Assim, em novembro de 2007, a administração de Bush II veio com uma declaração acerca de quais deveriam ser os futuros acordos com o Iraque. Havia duas exigências principais: uma, que os Estados Unidos devam estar livres para executar operações de combate a partir de suas bases militares, que conservariam sob seu poder; e, dois, “estimular o fluxo de investimentos estrangeiros para o Iraque, em especial os investimentos americanos.”<sup>103</sup> Em janeiro de 2008, Bush tornou isso claro num de seus signing statements.<sup>G 104</sup> Alguns meses depois, diante da resistência iraquiana, os Estados Unidos tiveram de desistir. O controle do Iraque está agora desaparecendo diante de seus olhos.

O Iraque foi uma tentativa de reinstituir pela força uma espécie de velho sistema de controle, mas foi derrotada. Creio que, em geral, a política norte-americana permanece constante, desde a Segunda Guerra Mundial. Mas vem declinando.

### *Declinando por causa da fraqueza econômica?*

Em parte porque o mundo vem se tornando mais diversificado. Tem centros de poder mais diversificados. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos estavam absolutamente no auge do poder: detinham a metade da riqueza mundial e todos os seus competidores estavam seriamente lesados ou haviam sido destruídos. Ocupavam uma posição de inimaginável segurança e desenvolviam planos para praticamente governar o mundo – algo nada irrealista na época.

*Chamavam isso de planejamento da “Grande Área”.*<sup>H</sup>

Sim, isso foi enquanto a guerra ainda não tinha terminado. Logo depois da Segunda Guerra Mundial, George Kennan, chefe da equipe de planejamento diplomático do Departamento de Estado dos EUA, e outros esboçaram os detalhes, que foram postos em prática. O que está acontecendo agora no Oriente Médio e no Norte da África, até certo ponto, e substancialmente na América do Sul, remonta diretamente ao final da década de 1940. A primeira resistência bem-sucedida contra a hegemonia norte-americana aconteceu em 1949. Foi quando aconteceu a chamada “perda da China”, nome interessante. Trata-se de uma expressão interessantíssima, nunca contestada. Houve muita discussão acerca de quem era responsável pela perda da China. Aquilo virou uma questão interna importante. Mas é uma expressão muito interessante. Só podemos perder, no sentido próprio da palavra, o que possuímos. Era tido como óbvio: possuímos a China – e se os chineses caminharem para a independência, perdemos a China. Vieram depois as preocupações com a “perda da América Latina”, a “perda do Oriente Médio”, a “perda de” certos países, tudo baseado na premissa de que possuímos o mundo e tudo o que enfraqueça o nosso controle é uma perda para nós, e ficamos imaginando como recuperá-lo.

Hoje, se lermos, digamos, os jornais de política externa ou, com intenções humorísticas, ouvirmos os debates republicanos, eles se perguntam: “Como impedir futuras perdas?” Se ouvirmos Mitt Romney, o



provável candidato presidencial republicano, a maneira de prevenir mais perdas é assassinar todo o mundo que estiver no nosso caminho. Se não gostarmos deles, nós os matamos. Na realidade, foi exatamente o que ele disse a noite passada.<sup>105</sup> Esta é uma das versões. Mas é a mesma preocupação: temos de manter o controle do mundo.

Por outro lado, a capacidade de preservar o controle caiu drasticamente. Em 1970, o mundo já era o que foi chamado de economicamente tripolar, com um centro industrial norte-americano baseado nos EUA, um centro europeu baseado na Alemanha, de tamanho, grosso modo, comparável, e um centro no Leste Asiático, baseado no Japão, que já na época era a mais dinâmica região do mundo em crescimento. Desde então, a ordem econômica se tornou muito mais diversificada. Fica, então, mais difícil pôr em prática as nossas políticas, mas os princípios subjacentes não mudaram muito.

Vejamos o caso da doutrina Clinton. A doutrina Clinton era a de que os Estados Unidos têm o direito de recorrer à força unilateral para garantir “acesso irrestrito aos principais mercados, ao suprimento de energia e aos recursos estratégicos.”<sup>106</sup> Isso vai além de tudo o que disse George W. Bush. Mas era tranquilo, não era arrogante e contundente, então não provocou muito tumulto. A crença nesse direito continua até o presente. Faz parte da cultura intelectual.

Logo após o assassinato de Osama bin Laden, em meio a todos os vivas e aplausos, houve uns poucos comentários críticos que questionavam a legalidade do ato. Séculos atrás, costumava haver uma coisa chamada presunção de inocência. Quando se prende um suspeito, ele continua sendo um suspeito até se provar que é culpado. Deve ser levado a julgamento. Este é um ponto central da lei americana, que aliás remonta à Magna Carta. Assim, houve umas poucas vozes dizendo que talvez não devêssemos jogar fora a base inteira da lei anglo-americana.<sup>107</sup> Isso provocou muitas reações iradas e furibundas, mas as mais interessantes foram, como sempre, as da extremidade esquerda liberal do espectro. Matthew Yglesias, famoso e respeitadíssimo comentarista da esquerda liberal, escreveu um artigo em que ridicularizava essas ideias.<sup>108</sup> Disse que eram “espantosamente ingênuas”, idiotas. E então apresentou as suas razões. Disse que “uma das

principais funções da ordem institucional internacional é justamente legitimar o uso de força militar letal por parte das potências ocidentais.” Ele não se referia, é claro, à Noruega. Referia-se aos Estados Unidos. Portanto, o princípio em que se fundamenta o sistema internacional é que os Estados Unidos têm o direito de usar a força à vontade. Falar sobre violações do direito internacional por parte dos Estados Unidos, ou algo parecido, é espantosamente ingênuo, completamente idiota. Aliás, eu era o alvo dessas observações, e fico feliz em confessar-me culpado. Creio mesmo que vale a pena dar certa atenção à Magna Carta e ao direito internacional.

Menciono isso simplesmente para mostrar que na cultura intelectual, mesmo na chamada extremidade liberal esquerda do espectro político, os princípios essenciais não mudaram muito. Mas a capacidade de colocá-los em prática foi muito reduzida. É por isso que se fala tanto de declínio americano. Dê uma olhada no número de final de ano de *Foreign Affairs*, a principal revista do sistema. Sua capa pergunta, em letras garrafais: “A América acabou?”<sup>109</sup> É uma queixa comum daqueles que creem que deveriam ter tudo. Se acreditarmos que devemos ter tudo e não abrirmos mão de nada, o mundo vai entrar em colapso. Então, a América acabou? Muito tempo atrás nós “perdemos” a China, perdemos o Sudeste asiático, perdemos a América do Sul. Talvez venhamos a perder o Oriente Médio e os países do Norte da África. A América acabou? Isso é uma espécie de paranoia, mas a paranoia de gente riquíssima e poderosíssima. Se você não tiver tudo, é o desastre.

*O New York Times descreve o “dilema político definidor da Primavera Árabe: como conciliar os impulsos contraditórios dos EUA – apoio à mudança democrática, desejo de estabilidade e cautela com os islamitas, que se tornaram uma poderosa força política.”*<sup>110</sup> *O jornal identifica três objetivos americanos. O que você diz deles?*

Dois deles são exatos. Os Estados Unidos são favoráveis à estabilidade. Mas é preciso lembrar o que significa estabilidade. Estabilidade significa conformidade com as ordens dos EUA. Assim, por exemplo, uma das acusações contra o Irã, a grande ameaça diplomática, é

que ele está desestabilizando o Iraque e o Afeganistão. Como? Tentando expandir a sua zona de influência nos países vizinhos. Por outro lado, nós “estabilizamos” os países quando os invadimos e os destruímos.

Citei ocasionalmente um dos meus exemplos favoritos a este respeito, que vem de um famoso e excelente analista liberal de política externa, James Chace, ex-editor de *Foreign Affairs*. Escrevendo sobre a derrubada do regime de Salvador Allende e da imposição da ditadura de Augusto Pinochet, em 1973, disse ele que tínhamos de “desestabilizar” o Chile no interesse da “estabilidade”.<sup>111</sup> Isso não é visto como uma contradição – e não é. Tínhamos de destruir o sistema parlamentar para ganhar estabilidade, ou seja, fazer com que eles fizessem o que disséssemos. Portanto, sim, somos a favor da estabilidade neste sentido técnico da palavra.

A preocupação com o Islã político é exatamente como a preocupação com qualquer desenvolvimento independente. Temos que nos preocupar com tudo o que seja independente, porque pode nos prejudicar. Na realidade, isso é um pouco irônico, pois tradicionalmente os Estados Unidos e a Grã-Bretanha têm em boa medida apoiado energicamente o fundamentalismo islâmico radical, não o Islã político, como uma força de bloqueio do nacionalismo secular, a verdadeira preocupação. Assim, por exemplo, a Arábia Saudita é o estado fundamentalista mais extremado, um Estado islâmico radical. Tem zelo missionário, vem propagando o Islã radical pelo Paquistão e outros países e financiando o terror. Mas é o bastião da política dos EUA e da Grã-Bretanha. Estes a apoiaram de maneira consistente contra a ameaça do nacionalismo secular do Egito de Gamal Abdel Nasser e do Iraque de Abd al-Karim Qasim, entre muitos outros. Mas não gostam do Islã político, porque ele pode se tornar independente.

O primeiro dos três pontos, nosso anseio de democracia, é algo mais ou menos do mesmo nível que a conversa de Joseph Stalin acerca do compromisso russo com a liberdade, a democracia e a libertação do mundo inteiro. É o tipo de declaração que nos faz dar risada quando a ouvimos de um comissário do povo ou de um religioso iraniano, mas aquiescemos educadamente e talvez até com temor reverencial quando a ouvimos de suas contrapartes ocidentais.

Se consultarmos os documentos, o anseio de democracia é uma piada de mau gosto. Isso é reconhecido até mesmo pelos principais eruditos acadêmicos, embora não usem estas palavras. Um dos maiores eruditos sobre a pretensa promoção da democracia é Thomas Carothers, que é muito conservador e respeitado – um neo-reaganita, não um liberal flamejante. Ele trabalhou no Departamento de Estado e escreveu diversos livros que tratam do processo de promoção da democracia, algo que ele leva muito a sério. Diz ele, sim, este é um ideal americano profundamente arraigado, mas tem uma história engraçada. A história é que toda administração norte-americana é “esquizofrênica”.<sup>112</sup> Elas só apoiam a democracia quando ela se conforma a certos interesses estratégicos e econômicos. Descreve isso como uma estranha patologia, como se os Estados Unidos precisassem de tratamento psiquiátrico ou algo parecido. Há, é claro, outra interpretação, mas esta não pode ocorrer a nenhum intelectual bem-educado e bem-comportado.

*Poucos meses depois da derrubada de Mubarak, no Egito, ele estava preso, tendo de enfrentar acusações e processos criminais.*<sup>113</sup> *É inconcebível que os líderes norte-americanos possam um dia ter de prestar contas por seus crimes no Iraque ou em outros países. Isso pode mudar a curto prazo?*

Este é fundamentalmente o princípio de Yglesias: o verdadeiro fundamento da ordem internacional é que os Estados Unidos têm o direito de usar de violência à vontade. Assim, como se pode acusar alguém?

*E ninguém mais tem esse direito.*

Claro que não. Bom, talvez os nossos clientes o tenham também. Se Israel invadir o Líbano e assassinar milhares de pessoas e destruir metade do país, tudo bem, sem problemas. É interessante. Barack Obama foi senador antes de ser presidente. Não foi muito prolífico enquanto senador, mas fez algumas coisas, inclusive uma de que se orgulhava em especial. Na realidade, se visitássemos seu website antes das primárias, veríamos que ele

dava destaque ao fato de, durante a invasão israelense ao Líbano em 2006, ter sido corresponsável por uma resolução do Senado que exigia que os Estados Unidos não fizessem nada para impedir as ações militares de Israel, até serem atingidos os seus objetivos, e criticava o Irã e a Síria por apoiarem a resistência contra a destruição do Sul do Líbano por parte de Israel, aliás, pela quinta vez em vinte e cinco anos.<sup>114</sup> Eles herdaram esse direito. Outros clientes também.

Mas os direitos residem mesmo em Washington. É isso que significa ser dono do mundo. É como o ar que respiramos. Não se questiona isso. O principal fundador da teoria contemporânea das relações internacionais, Hans Morgenthau, era uma pessoa muito decente, um dos pouquíssimos cientistas políticos e especialistas em Relações Internacionais que criticaram a guerra do Vietnã por motivos morais, não táticos. Algo raríssimo. Escreveu um livro chamado *The Purpose of American Politics* [O propósito da política americana].<sup>115</sup> Já sabemos o que temos pela frente. Os outros países não têm propósitos. O propósito dos Estados Unidos da América, por outro lado, é “transcendente”: levar a liberdade e a justiça ao resto do mundo.<sup>116</sup> Mas Morgenthau é um bom erudito, como Carothers. Consultou os documentos, portanto. Disse ele, quando estudamos os documentos, parece até que os Estados Unidos não têm vivido à altura de seu propósito transcendente. Mas acrescenta, em seguida, que criticar o nosso propósito transcendente “é cair no erro do ateísmo, que nega a validade da religião com argumentos parecidos” – o que é uma boa comparação.<sup>117</sup> Trata-se de uma crença religiosa profundamente arraigada. Tão profunda, que vai ser difícil nos livrarmos dela. E se alguém a questionar, provoca quase uma histeria e, muitas vezes, acusações de antiamericanismo ou de “ódio aos Estados Unidos” – conceitos interessantes, que não existem nas sociedades democráticas, só em sociedades totalitárias e aqui, onde são tidos como óbvios.

## DISTÚRBIOS DOMÉSTICOS

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS (17 DE JANEIRO DE 2012)

*Como alguém interessado no uso político da linguagem, você deve estar gostando de “ocupar” e “ocupação”, termos extremamente negativos, sendo usados de modo muito positivo pelo movimento Ocupe.*

É um emprego interessante, que colou. Agora ocupar significa assumir o controle de algo com objetivos populares. A ocupação de espaços públicos tem sido uma tática muito bem-sucedida. Eu jamais pensaria que isso pudesse funcionar, sinceramente. Há um movimento incipiente, chamado Ocupe o Sonho. Foi formado por representantes dos movimentos Ocupe e os líderes remanescentes do movimento original pelos direitos civis, inclusive Benjamin Chavis.<sup>118</sup> O sonho a que se referem não é aquele lembrado no dia de Martin Luther King. É o sonho real de King: fim da guerra, fim da pobreza, enfrentar o sofrimento real das pessoas, não só direitos civis, o que não é suficiente.

*Houve um aumento do uso de termos como “desigualdade de renda”, “concentração de riqueza”, “salário de executivos”, “pobreza”, “desemprego” desde que o movimento Ocupe Wall Street começou, em setembro de 2011.*

A ideia do 1% e do 99% tornou-se comum. O movimento Ocupe foi bem-sucedido em externar sentimentos, atitudes e compreensões que estavam latentes, ocultos sob a superfície. Puseram isso para fora. De

repente, aquilo explodiu. É interessante, se examinarmos a imprensa de negócios, o Financial Times, que é o mais importante jornal econômico do mundo, tem sido surpreendentemente simpático aos movimentos Ocupe. Não pelos objetivos de longo prazo – não fala sobre isso – mas pelos de curto prazo. Usam muito a imagem dele com bastante liberdade e de maneira bem simpática.

Há enormes esforços de propaganda para tentar denegri-lo e destruir o movimento, dizer que é a política da inveja. Por que não tomam um banho e arrumam emprego? E isso tem seu efeito, sem dúvida. Mas, mesmo assim, o Ocupe acendeu uma centelha, e mudou a substância e o tom do discurso nacional sobre questões fundamentais.

Mas, como acontece com qualquer movimento, é preciso continuar refletindo sobre o que se está fazendo. A tática do Ocupe tem sido extremamente bem-sucedida. Foi uma tática brilhante, não só por levantar questões, mas também por criar comunidades – algo muito importante numa sociedade como a nossa, tão atomizada. As pessoas são solitárias. Sentam-se sozinhas diante da televisão. Não “consultam o vizinho”, para usar a expressão wobbly<sup>I</sup>. E essa atomização é uma técnica de controle e marginalização. Uma das verdadeiras façanhas do movimento Ocupe foi reunir as pessoas, para formarem comunidades livres e democráticas que funcionam e dão apoio – tudo, desde cozinhas a bibliotecas, a centros de saúde, a assembleias gerais livres, onde as pessoas falam e debatem livremente. Isso criou laços e associações que, se persistirem e se expandirem, podem se tornar muito importantes.

Mas toda tática tem seu prazo de validade. Funciona por um tempo e em seguida os lucros começam a diminuir. É inevitável. Portanto, é importante, a certo ponto, talvez agora mesmo, perguntar se a tática do Ocupe já praticamente viveu o que tinha de viver e se não chegou a hora de partir para algo diferente, como o movimento Ocupe o Sonho. Nos arredores de Nova York, Boston e outras cidades, apareceram movimentos Ocupe as Vizinhanças em bairros pobres e de minorias, onde as pessoas se reúnem para tratar de seus próprios problemas, recebendo inspiração dos movimentos Ocupe do centro da cidade, mas dizem: “Vamos fazer isso aqui” – o que é muito importante.

Acho, também, que se deveria aprender com as lições da Tunísia e do Egito e da década de 1930 aqui nos EUA. A menos que o movimento operário se revitalize e se torne parte central do movimento, não acho que isso vá muito longe. Revitalizar o movimento operário pode parecer uma aposta alta demais, se considerarmos o país de hoje, mas atualmente as condições não são piores do que na década de 1930. Lembremo-nos de que na década de 1920 o movimento operário norte-americano, que havia sido militante e bem-sucedido, foi virtualmente esmagado.

O Pânico Vermelho e as perseguições executadas pelo procurador-geral A. Mitchell Palmer haviam esmagado o movimento operário e o pensamento independente e criaram uma mentalidade de fim-da-história, uma utopia dos senhores, no estilo do começo dos anos 1990. Mas o movimento operário ressurgiu. Na realidade, se voltarmos à década de 1920, os visitantes estrangeiros, inclusive os conservadores, ficavam estarecidos com o tratamento e o estatuto dos trabalhadores americanos. Não havia nada semelhante nos outros principais países industriais. Mas, na década de 1930, o movimento operário renasceu e tivemos a formação do CIO<sup>J</sup>, greves de ocupação. Isso poderia acontecer de novo. As sementes para isso estão aí.

*Em 1968, criaram na França um slogan: “exigir o impossível”. O que você se lembra daquele tempo que possa ter alguma relevância para o que vem acontecendo hoje?*

O que aconteceu na França foi significativo. A parte mais significativa, pelo menos para mim, foi o fato de ter havido uma aliança incipiente entre estudantes e trabalhadores, que poderia ter significado alguma coisa. Na realidade, isso não aconteceu, mas aquilo realmente poderia ter significado alguma coisa. É um exemplo de centelha que não levou a uma conflagração.

*Para articular a resistência e desafiar o poder, é necessário superar a barreira do medo. Parece que o movimento Ocupe fez isso.*



Fez, sim. É duro se opor ao poder. Pouco importa se você é um estudante de pós-graduação, uma criança na escola que questione alguma coisa que esteja acontecendo, um líder sindical ou um dissidente político, seja como for, isso vai ter um custo pessoal. Os sistemas de poder, sejam eles quais forem, muito raramente abrem mão alegremente de seu poder. Costumam resistir. Numa sociedade como a nossa, eles dispõem de muitos recursos. Temos uma categoria empresarial com muita consciência de classe nos Estados Unidos. Ela está sempre travando uma dura guerra de classes unilateral e, se topar com alguma oposição, vai reagir. Então, há um custo, sim. E o medo é compreensível. Se tentarmos organizar um sindicato em algum local de trabalho, é fácil ser objeto de punição. As punições são ilegais, mas quando se tem um Estado criminoso, isso pouco importa. O Estado não cumpre as leis. Aliás, o mero fato de quebrar a disciplina para organizar as pessoas já gera um custo.

O medo, então, é compreensível. Hoje em dia, ele vem sendo aguçado por ataques muito severos às liberdades civis fundamentais. Está em ação um sistema de controle e repressão – não vem sendo usado em demasia, mas está em ação e pode ser muito punitivo.

*Detenção militar por tempo indeterminado, por exemplo.*

A nova lei de Autorização de Defesa Nacional<sup>119</sup> não é tão ruim como tem sido descrita na Internet por alguns, mas é ruim. Essencialmente, ela codifica práticas que têm sido executadas pelas administrações de Bush II e Obama, sem muitas objeções. Na realidade, elas são comuns aos dois partidos. Mas agora tais práticas foram codificadas, e isso é pior. A lei, além disso, permite que os militares se envolvam no policiamento doméstico, o que viola princípios que remontam ao fim do século XIX. E torna a detenção militar obrigatória para pessoas que são designadas como terroristas ou inimigos combatentes. Para os cidadãos dos EUA, a detenção militar aparece na lei como uma opção, mas não é obrigatória.<sup>120</sup> Todas estas são medidas perigosas.

Mesmo assim, não acho que essa lei seja o pior ataque às liberdades civis por parte da administração Obama. Há piores. Talvez o pior tenha sido

a decisão da Corte Suprema em *Holder vs. Projeto de Lei Humanitária*.<sup>121</sup> O caso, que não recebeu muita atenção, foi levado ao tribunal pela administração de Obama e defendido pela ex-procuradora-geral Elena Kagan, sua última indicação para a Corte Suprema. O Projeto de Lei Humanitária estava prestando consultoria a um monte de grupos, inclusive alguns que estão na lista oficial do Departamento de Estado dos EUA de Organizações Terroristas Estrangeiras.<sup>122</sup> Falavam com eles a respeito de estratégias de não violência,<sup>123</sup> mas a administração Obama alegou na Corte Suprema que consultoria equivale a “ajuda material” e venceu. Já havia leis contra ajuda material a grupos pertencentes à lista de terroristas. Não é permitido dar armas a eles. Mas Obama estendeu isso a conversações também. Assim, por exemplo, os termos da decisão sugerem que se você falar com alguém que eles chamam de terrorista e aconselhá-lo energicamente a adotar a não violência, você será culpado de dar apoio material a grupos terroristas. O alcance potencial disso é inacreditável. Estas são decisões executivas – sem revisão, sem recurso.

Se examinarmos a lista dos que são designados como terroristas, é chocante. Talvez o caso mais extremo seja o de Nelson Mandela, que só saiu da lista de terroristas cerca de quatro anos atrás.<sup>124</sup> A administração Reagan, que até apoiou o fim do regime de apartheid na África do Sul, condenou o Congresso Nacional Africano como um dos “mais notórios grupos terroristas” do mundo.<sup>125</sup> Mandela, portanto, é um terrorista, porque dizem que ele é. Só agora, pela primeira vez, ele está livre para vir aos Estados Unidos sem autorização especial.<sup>126</sup> Saddam Hussein foi tirado da lista em 1982, e com isso os Estados Unidos puderam lhe fornecer auxílio na agricultura e outros setores de que ele precisava.<sup>127</sup> A lista inteira é grotesca.

Mas estender o conceito de suporte material às conversas – a maioria de nós poderia ser processada por isso. E a lei foi aplicada imediatamente. Assim que o caso foi decidido pela Corte Suprema, o FBI foi enviado para inspecionar apartamentos em Chicago e Minneapolis, para coletar informações acerca de pessoas que eram suspeitas de dar apoio material a grupos palestinos e às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia

(FARC), tal como aconselhá-los vivamente a negociar e a adotar a não violência.<sup>128</sup> Esse foi um ataque duríssimo contra as liberdades civis.

Há, portanto, razões para temer. O governo tem à mão instrumentos que não devia ter.

Logo estaremos comemorando o oitavo centenário da Magna Carta. A Magna Carta foi um imenso passo adiante. Estabeleceu o direito de todo homem livre – mais tarde estendido a toda pessoa – de estar livre de toda perseguição arbitrária. Estabeleceu a presunção de inocência, o direito de estar livre da perseguição do Estado e o direito a julgamento livre e justo. Isso se ampliou na doutrina do habeas corpus e se tornou parte da Constituição americana. Este é o fundamento do direito anglo-americano e uma de suas mais altas conquistas, mas agora vem sendo jogado pela janela.

Um dos mais notáveis exemplos é o de Omar Khadr, o primeiro caso de Guantánamo a chegar a uma comissão militar – não a um tribunal – sob Obama. A acusação era de tentativa de resistir ao ataque à sua aldeia por soldados americanos quando tinha quinze anos de idade.<sup>129</sup> Era esse o crime. Um menino de quinze anos tenta defender sua aldeia de um exército invasor. Logo, é um terrorista. Khadr ficou preso em Guantánamo e, antes disso, em Bagram, Afeganistão, por oito anos. Não preciso dizer como é Guantánamo. Por fim, compareceu ante uma comissão militar, onde lhe foi dada a oportunidade de escolher: afirmar-se inocente e permanecer ali para sempre ou admitir-se culpado e só ficar mais oito anos preso.<sup>130</sup> Isso viola todas as convenções internacionais possíveis e imagináveis, inclusive as leis sobre o tratamento de adolescentes. Viola grosseiramente, é claro, qualquer princípio. Ele tinha quinze anos. Mas isso não provocou nenhum protesto público.

Na realidade, sob certo aspecto, é especialmente impressionante o fato de Khadr ser cidadão canadense. O Canadá poderia pedir sua extradição e libertá-lo, se quisesse, mas eles não querem contrariar o patrão.<sup>131</sup>

*Fale sobre os perigos do sectarismo, que historicamente provocou muitas divisões nos movimentos sociais da década de 1960. Parte desse sectarismo foi concebido pelo Estado, por intermédio do COINTELPRO, o Programa de Contraineligência do FBI, e outros órgãos.*

O sectarismo é muito grave. O núcleo duro do ativismo popular norte-americano na década de 1960 foi o movimento de direitos civis. Mas, em meados da década de 1960, ele praticamente se partiu em pedaços. O Student Nonviolent Coordinating Committee (Comitê de Coordenação dos Estudantes pela Não Violência) e Students for a Democratic Society (Estudantes para uma Sociedade Democrática) foram o centro de intenso ativismo estudantil e de outros tipos de ativismo jovem. Por volta de 1968, a esquerda estudantil se dividiu em dois grupos principais. Um deles era o Progressive Labor (PL), maoísta, que dizia: “Vamos ficar do lado de fora da fábrica da GE em Lynn, Massachusetts, e entregar panfletos para recrutá-los para uma revolução maoísta.” Estou sendo um pouco injusto, mas as coisas eram basicamente assim. A outra divisão eram os Weathermen, que diziam: “As coisas estão tão medonhas e horrorosas que temos que começar uma revolução. E a melhor maneira de fazer isso é quebrando janelas de bancos e atacando as pessoas” – assaltar carros da Brinks, esse tipo de coisa. É duro saber qual deles era mais destrutivo. Os dois eram destrutivos.

Fazer os jovens escaparem dessas tendências era uma autêntica luta. Alguns conseguiram sozinhos, mas muitos foram capturados por eles. Houve muitas tragédias pessoais. Amigos meus passaram anos na cadeia por causa disso. E isso efetivamente destruiu o movimento.

O COINTELPRO era parte da história, mas não devemos exagerar. Boa parte do sectarismo vinha de dentro.

*Uma das críticas dirigidas ao movimento Ocupe Wall Street é que ele não tem liderança, é anárquico, não ideológico. O que você acha do processo decisório, que é não hierárquico? As assembleias gerais, por exemplo, operam por consenso.*

O consenso certamente tem o seu valor, mas também é perigoso. Todos nós que temos anos de rodagem sabemos que as decisões consensuais podem se revelar muito autoritárias. Algum grupúsculo realmente decidido a tomar conta do movimento vai permanecer depois que todos não aguentarem mais de tédio e acabará tomando conta da situação. Isso acontece com frequência. Então, o consenso pode ser uma coisa boa, mas é preciso entender os seus limites.

Sem nenhuma liderança, mais ou menos espontaneamente, o movimento desenvolveu uma mentalidade de tipo “que cem flores desabrochem”.<sup>K</sup> Não desenvolvem uma linha partidária, como, por exemplo, o velho Partido Comunista. Ou, para fazer uma analogia atual, o Partido Republicano. Hoje, o Partido Republicano tem um catecismo. Se você quiser se candidatar, com raríssimas exceções, tem de repetir o catecismo com uniformidade de passo de marcha: o aquecimento global não está acontecendo, nada de impostos para os ricos.

Há cerca de dez coisas que é preciso repetir, acreditem nelas ou não. Todos os que se desviam delas correm perigo. Parte do catecismo é: se houver alguém por aí de que não gostamos ou que achamos que possa nos prejudicar, “nós o matamos”, como diz Romney.<sup>132</sup> Um participante do debate republicano, Ron Paul, disse: “talvez devamos observar uma regra de ouro... na política externa”, tratar os outros como eles nos tratam.<sup>133</sup> As vaias choveram sobre ele e quase o forçaram a sair do palco. Isso é uma reminiscência do velho Partido Comunista.

Os movimentos Ocupe têm toda razão em tentar evitar essa estrutura quase totalitária. Por outro lado, o consenso pode ir longe demais, como qualquer outra tática. Acho que a crítica de que o Ocupe não apresentou propostas ou reivindicações reais é simplesmente falsa. Há muitas propostas que vieram do movimento. Muitas delas são bem viáveis, podem ser postas em prática. Muitas delas, aliás, receberam até o apoio da grande mídia, de instituições como o Financial Times, coisas como um imposto sobre transações financeiras, o que é muito razoável.

*Você se refere ao antigo imposto Tobin, apresentado pelo economista e prêmio Nobel James Tobin, algumas vezes chamado de imposto Robin Hood.*

Sim, um imposto sobre transações financeiras faria uma grande diferença em alguns países, se aplicado de maneira adequada. A total recusa de taxar os super-ricos é outra parte do catecismo Republicano, e ir atrás disso – lidando com essa radical desigualdade social – faz todo o sentido.

O mesmo se pode dizer da criação de empregos. O problema fundamental que enfrentamos não é o déficit, mas a falta de empregos. A maioria da população concorda com isto.<sup>134</sup> Mas os bancos não concordam e, portanto, isso não é discutido em Washington.

Poderíamos ter um sistema de saúde razoável, como outros países industrializados. Isso não é, exatamente, utópico. Mais uma vez, lutar por isso é perfeitamente razoável. Um sistema de saúde unificado pago pelo Estado tem grande apoio popular, mas as instituições financeiras são contra ele, e então não é nem sequer colocado em discussão. Um sistema de saúde nacional, aliás, eliminaria o déficit, entre outras coisas – não que o déficit seja assim tão importante.

Há outros objetivos que não creio serem inalcançáveis, mas poderiam ser revolucionários na área da importação. Assim, por exemplo, se uma empresa multinacional estiver fechando uma instalação industrial eficiente porque não dá lucro suficiente, e ela preferir transferi-la para a China, os trabalhadores e a comunidade poderiam decidir se querem tomar posse dela, adquiri-la, dirigi-la e mantê-la em funcionamento. Na realidade, isso é algo proposto em obras de referência de economia empresarial, que mostram que não há lei da economia ou do capitalismo que diga que as empresas devem agir no interesse dos acionistas e não das partes interessadas. As partes interessadas são todos aqueles sobre os quais suas ações têm um impacto: os trabalhadores, a comunidade, e ainda outros.

O movimento Ocupe poderia pelo menos ser tão imaginativo quanto os livros de referência de economia empresarial. Se buscarem isso, podem alcançar mudanças de grande alcance.

*Diz o sociólogo Immanuel Wallerstein: “O capitalismo está nas últimas”.<sup>135</sup> É cedo demais para se falar em fim do capitalismo?*

Não sei sequer o que isso quer dizer. Em primeiro lugar, nunca tivemos capitalismo, portanto ele não pode chegar ao fim. Temos uma espécie de capitalismo de Estado. Quando viajamos de avião, voamos fundamentalmente num bombardeiro modificado. Quando compramos remédios, a pesquisa básica foi feita com financiamento e apoio públicos. O

sistema high-tech está recheado de controles internos, subsídios governamentais. E se observarmos as alternativas de crescimento, a China é outra forma de capitalismo de Estado. Não sei, então, o que se diz que está acabando.

A questão é se esses sistemas, sejam eles quais forem, podem ser adaptados aos problemas e circunstâncias atuais. Por exemplo, não há justificativa, econômica ou não, para o papel enorme e crescente das instituições financeiras desde a década de 1970.

Até mesmo alguns dos mais respeitados economistas mostram que elas são apenas um estorvo para a economia. Martin Wolf, do Financial Times, diz sem rodeios que não se deveria permitir que as instituições financeiras tivessem o poder que têm.<sup>136</sup> Há muita margem para modificação e mudança. As indústrias de propriedade dos trabalhadores podem se tornar dominantes. Sobre este assunto, há um interessante trabalho de Gar Alperovitz, um dos personagens centrais em boa parte da organização do controle por parte dos trabalhadores.<sup>137</sup> Não é uma revolução, mas é o germe de outro tipo de capitalismo, o capitalismo no sentido de estarem envolvidos os mercados e o lucro.

*Certa vez, Howard Zinn comentou: “Há uma fraqueza fundamental nos governos – por mais poderosos que sejam seus exércitos, por mais ricos que sejam seus tesouros, por mais que controlem as informações passadas ao público –, seu poder depende da obediência dos cidadãos, dos soldados, dos funcionários civis, dos jornalistas e escritores e professores e artistas. Quando essa gente começa a desconfiar que foi enganada e retiram seu apoio, o governo perde a legitimidade e o poder.”<sup>138</sup> Também escreveu que as pessoas “sabem com suprema clareza – quando sua atenção não está concentrada pelo governo e pela mídia em combates de guerra – que o mundo é governado pelos ricos.”<sup>139</sup>*

Isso está basicamente correto. E, aliás, sem tirar nada de Howard, trata-se de um velho princípio. Acho que talvez a sua formulação clássica tenha sido dada por David Hume em “Dos primeiros princípios do

governo”, onde mostrou que “a força está sempre do lado dos governados”.<sup>140</sup> Seja ela uma sociedade militar, uma sociedade parcialmente livre ou o que nós – e não ele – chamamos de Estado totalitário, são os governados que detêm o poder. E os governantes têm de descobrir maneiras de impedir que eles exerçam esse poder. A força tem seus limites, portanto eles precisam usar de persuasão. Precisam, de algum modo, descobrir um jeito de convencer as pessoas a aceitarem a autoridade. Se não conseguirem fazer isso, tudo vai abaixo.

Quando a coerção já não funciona, é preciso recorrer à persuasão. Nas sociedades ricas e desenvolvidas, isso se tornou uma forma de arte. Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, as sociedades mais livres cerca de um século atrás, isso era claramente reconhecido pelos líderes, pelo Partido Conservador na Grã-Bretanha, pelos intelectuais nos Estados Unidos, que já se chegara ao limite da coerção. O povo conquistara liberdades demais – partidos parlamentares trabalhistas, sindicatos de trabalhadores, grupos de direitos das mulheres. Assim, era preciso recorrer ao controle dos comportamentos e da opinião. Esta é a origem da indústria de relações públicas. Edward Bernays, o guru da indústria americana de relações públicas, um progressista liberal, exprimiu a ideia geral, que não era nova para ele: “A nossa deve ser uma democracia de liderança administrada pela minoria inteligente, que sabe como arregimentar e guiar as massas.”<sup>141</sup> Temos de algum modo de persuadir ou mudar o comportamento da população, para que ela se disponha a nos ceder parte do poder. Todos os que apresentam esse tipo de perspectiva fazem sempre parte da “minoria inteligente”. E o modo como fazemos isso é pela propaganda. O termo era usado abertamente na época. Na realidade, Bernays deu a seu livro o título inglês de Propaganda. A palavra inglesa ganhou más conotações na década de 1930, mas antes disso era usada abertamente.<sup>L</sup> Hoje é chamada de publicidade ou relações públicas.

São estas as fundações das indústrias de controle de opiniões e comportamentos, que levam as pessoas ao consumismo e as marginalizam de diversos modos. Enormes somas são destinadas a isso. O marketing é sobretudo uma forma de propaganda. Se todos acreditassem nos mercados, o que só os ideólogos fazem, mas se, por exemplo, as empresas acreditassem nos mercados, não fariam nada parecido com o marketing que



fazem hoje. Se você fizer um curso de economia, eles lhe ensinam que os mercados se baseiam em consumidores informados que fazem escolhas racionais. Mas as empresas destinam rios de dinheiro para tentar criar consumidores desinformados que fazem escolhas irracionais. Isso é evidente assim que observamos uma propaganda. Se tivéssemos um sistema de mercado, a General Motors, por exemplo, colocaria um anúncio de trinta segundos na televisão, dizendo: “Estas são as características dos carros que vamos vender no ano que vem.” Eles obviamente não dizem isso, porque pretendem arruinar o mercado.

Aliás, os líderes políticos e empresariais querem solapar a democracia do mesmo jeito. Aprendemos na oitava série que a democracia é constituída por eleitores informados que fazem escolhas racionais, mas os partidos políticos decerto não acreditam nisso. É por isso que eles têm slogans, usam de retórica, cartazes de propaganda, eventos espetaculares, tudo, menos dizer: “É isto que vou fazer. Vote em mim.” Portanto, o medo e o ódio dos mercados e da democracia têm basicamente as mesmas raízes.

A observação está basicamente correta, repito. Hume foi a primeira pessoa a articulá-la com clareza, que eu saiba. O público tem mesmo poder, e é a tarefa dos poderosos e de seus lacaios – os sacerdotes, os intelectuais, outros – tentar marginalizá-los, manter o público afastado do poder. Temos Walter Lippmann, o grande e célebre intelectual público do século XX, também ele um progressista, dizendo que temos de proteger os homens responsáveis, a minoria inteligente, do “tropol e estrondo da plebe desnorteada”.<sup>142</sup> É a isso que a colossal indústria da propaganda se dedica.

*No fim de 2011, o colunista David Brooks, do New York Times, noticiou que uma pesquisa do Gallup mostrou que em resposta à pergunta “Qual das seguintes será a maior ameaça ao país no futuro – as grandes empresas, os grandes sindicatos ou o grande governo?”, cerca de 65% responderam que o governo e 26%, as empresas.<sup>143</sup> Será isso um exemplo da persuasão e da fabricação de consentimento a que você aludiu?*

Se você olhar um pouco além dessa pergunta e perguntar: “O que você quer que o governo faça?”, a resposta será: “Parem de resgatar os bancos.

Parem de isentar os ricos de impostos. Quero mais impostos para os ricos. Aumentem os gastos com saúde e educação.” E daí por diante. Então, sim, a pergunta foi arranjada para que gente como David Brooks pudesse tirar essa conclusão.

Tomemos o caso da previdência social. Há forte oposição pública contra a previdência social. Por outro lado, o público apoia fortemente o que a previdência social faz. Então, se perguntarmos: “Devemos gastar mais com previdência social?” Não. “Devemos gastar mais com mulheres que tenham filhos dependentes?” Sim.<sup>144</sup> Isso é propaganda bem-sucedida. Conseguiram demonizar a previdência social. Reagan deu um grande passo adiante a este respeito, construindo uma imagem da previdência social como uma mulher rica e negra que vai para o escritório da previdência social em sua limusine com chofer e arranca de você seu suado dinheirinho. Ninguém é a favor disso, portanto nada de previdência social. Mas o que dizer de uma mãe com uma criança que ela não consegue alimentar? Ah, claro, somos a favor de ajudá-la.

Na realidade, se você examinar a década de 1960, ocorreram mudanças significativas na maneira como tais questões são pensadas. Um estudo útil acerca dessa mudança acaba de sair no *Political Science Quarterly*.<sup>145</sup> A concepção do New Deal era a de que ajudar nas necessidades do povo era algo correto. Assim, por exemplo, uma mulher com crianças dependentes tinha direito à alimentação para seus filhos. Isso começou a mudar na década de 1960. Enquanto o sistema previdenciário se expandia, começou uma mudança no sentido da concepção de que se pode obter ajuda, mas é preciso estar trabalhando, o que em última instância leva à passagem da previdência social à previdência do trabalho. Quando se chega à época de Clinton, o direito ao alimento para suas crianças já não é realmente um direito.<sup>146</sup> Só passa a ser alguma coisa quando você consegue um emprego, que é o que você deveria mesmo estar fazendo. Isso se baseia na ideia de que tomar conta das crianças não é trabalho – o que é uma ideia espantosa. Todos os que já tomaram conta de crianças sabem que é trabalho, e trabalho pesado. Mesmo do ponto de vista econômico, adotando a terminologia um tanto grosseira da economia padrão, isso cria o que chamam de “capital humano”. Nos cursos de economia, o capital humano, a qualidade da força de trabalho, é enormemente importante.

Como se obtém capital humano numa criança de quatro anos? Quando a mãe está em casa cuidando dela, não deixando a criança solta pelas ruas enquanto lava pratos num restaurante. E, é claro, quase não há auxílio à família trabalhadora, e assim se destrói a família. É uma mudança de mentalidade muito impressionante.

A força que orienta por trás essas mudanças são pessoas que afirmam lutar pelos “valores da família”. Aqueles que se pretendem conservadores dizem: “Temos de preservar os valores da família, impedindo que as mulheres tenham de fazer uma escolha entre ter ou não filhos e em seguida não lhes dando nenhum apoio quando elas têm de cuidar das crianças. É assim que preservamos os valores da família.” As contradições internas são espantosas.

*Falar dos mecanismos de controle doméstico me faz lembrar dos comentários de Aristóteles acerca da democracia. O que tinha ele a dizer acerca da democracia?*

Em seu livro *Política*, que é a fundação do estudo dos sistemas políticos e é interessantíssimo, Aristóteles falou principalmente de Atenas. Mas estudou diversos sistemas políticos – a oligarquia, a monarquia – e não gostou de nenhum deles em particular. Disse que a democracia é provavelmente o melhor sistema, mas tem seus problemas, e estava preocupado com esses problemas. Um deles é muito impressionante, pois se prolonga até o presente. Aristóteles mostrou que, numa democracia, se o povo – povo não queria dizer povo, mas homens livres, não escravos, não mulheres – tivesse o direito de votar, os pobres seriam a maioria e se valeriam de seu poder de voto para tomar as propriedades dos ricos, o que não seria justo, portanto temos de impedir isso.<sup>147</sup>

James Madison ressaltou o mesmo ponto, mas o seu modelo era a Inglaterra. Disse que se os homens livres tivessem democracia, os pobres lavradores insistiriam em tomar as propriedades dos ricos.<sup>148</sup> Colocariam em prática o que hoje chamamos de reforma agrária – e isso é inaceitável. Aristóteles e Madison enfrentaram o mesmo problema, mas tomaram decisões opostas. Aristóteles concluiu que deveríamos reduzir a

desigualdade, para que os pobres não tomassem as propriedades dos ricos. E, de fato, propôs a visão de uma cidade que adotaria o que hoje chamamos de programas do estado de bem-estar social, refeições em comum e outros sistemas de auxílio. Isso reduziria a desigualdade e, ao mesmo tempo, resolveria o problema de os pobres tomarem as propriedades dos ricos. A decisão de Madison foi a oposta. Devemos reduzir a democracia para que os pobres não possam se unir para fazer isso.

Se examinarmos o plano do sistema constitucional norte-americano, ele seguiu a abordagem de Madison. O sistema madisoniano colocou o poder nas mãos do Senado. O executivo naquela época era mais ou menos um administrador, não era como hoje. O Senado consistia na “riqueza da nação”, aqueles que tinham simpatia pelos proprietários e seus direitos. É ali que devia estar o poder. O Senado, lembre-se, não era eleito. Era escolhido pelos parlamentares, que por sua vez estavam sujeitos ao controle por parte dos ricos e dos poderosos. A Câmara, que ficava mais perto da população, tinha muito menos poder. E havia todo tipo de dispositivos para impedir as pessoas de participarem demais – votar restrições e limitações à propriedade. A ideia era impedir a ameaça da democracia. Este objetivo persiste até hoje. Assumiu diferentes formas, mas continua o mesmo.

## SABEDORIA NÃO CONVENCIONAL

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS (20 DE JANEIRO DE 2012)

*Fale sobre a crise econômica na Europa e seu impacto sobre os Estados Unidos. A zona do euro, com dezessete países, tem um sistema monetário unitário, mas a União Europeia tem vinte e sete países membros.*<sup>M</sup>

É duro explicar o que o Banco Central Europeu (BCE) está fazendo, a não ser em termos de guerra consciente de classe. Um grupo bastante amplo de economistas, inclusive os muito conservadores, reconhece que a pior política possível durante a recessão é a austeridade. É preciso estimular as economias durante a recessão, não fazê-las declinarem. Mas o Banco Central Europeu vem aderindo de forma rígida a programas de austeridade, sob a influência principalmente da Alemanha. A Reserva Federal norte-americana, pelo menos em princípio, tem dois mandatos: um é controlar a inflação, o outro é manter o emprego. Eles, na realidade, não fazem isso, mas este é o mandato. O Banco Central Europeu tem um único objetivo, controlar a inflação. É um banco de banqueiros, não tem nada que ver com a população. A meta inflacionária deles é de 2%, e isso é algo que não se pode desafiar.<sup>149</sup> Aliás, não há ameaça de inflação na Europa, mas eles insistem em não colocar em prática nenhuma medida de estímulo ou qualquer tipo de afrouxamento quantitativo ou outras medidas que possam incrementar o crescimento.

O efeito é que, com essas políticas, os países mais fracos da União Europeia jamais conseguirão escapar da dívida. Na realidade, os níveis de endividamento estão piorando. Quando se corta o crescimento, corta-se a

possibilidade de pagar a dívida. Com isso, a miséria se aprofunda. Com as políticas do BCE, a Grécia e a Espanha, em especial, estão sendo punidas e levadas para o buraco.

É difícil imaginar uma razão para isso, a não ser a guerra de classes. O efeito das políticas é enfraquecer as medidas de bem-estar social e reduzir o poder dos trabalhadores. Isso é guerra de classes. É ótimo para os bancos, para as instituições financeiras, mas péssimo para a população.

*Como isso afetará os Estados Unidos, que são um importante parceiro comercial da Europa?*

Não só um importante parceiro comercial, mas os bancos norte-americanos investiram pesado nas instituições europeias.<sup>150</sup> Portanto, sim, eles podem sofrer com isso também. Na realidade, o que está acontecendo é que tem havido um fluxo de fundos de investimento para os Estados Unidos, para os títulos do Tesouro americano, que são hoje considerados um porto seguro, o que provoca efeitos variados para os Estados Unidos.<sup>151</sup> Isso tende, com o tempo, a elevar o valor do dólar e prejudicar as exportações. Portanto, não é bom para uma economia saudável. Mas, como sempre, há vencedores e perdedores. Até agora, os bancos estão se dando bem.

*O economista Richard Wolff tem viajado pela Europa. Numa entrevista que fiz com ele em Nova York, ele disse que essa política econômica comandada pela Alemanha “vem fazendo para este país o que Hitler tentou e não conseguiu fazer – uma Europa cujo centro dominante é Berlim.”<sup>152</sup>*

Há certa verdade nisso. Desde que a recuperação econômica teve início, no período de pós-guerra, a economia europeia vem fundamentalmente se baseando na Alemanha, que tem a economia mais forte da região. Continua a ser um grande centro industrial e até mesmo de exportação. É a máquina propulsora da Europa. E todas essas políticas a tornam ainda mais poderosa. Por outro lado, podem estar matando a galinha

dos ovos de ouro, porque têm confiado pesadamente no mercado exportador da zona do euro. Se ele entrar em colapso, a Alemanha vai sofrer um golpe. Mas Wolff está fundamentalmente certo. Como eu disse, na Grécia é especialmente impressionante, pois se empenharam a fundo para se livrar da dominação de Hitler.

*Vamos falar da Turquia, que vem tentando há anos, até agora sem sucesso, entrar na União Europeia. Um artigo de primeira página do New York Times observa que “Ataques contra jornalistas empanam o brilho democrático na Turquia”. Os defensores dos direitos humanos na Turquia dizem que a bronca contra os jornalistas “é parte de uma tendência sinistra... As prisões ameaçam ofuscar a imagem do [Primeiro-ministro Recep Tayyip Erdoğan], que é reverenciado no Oriente Médio como um líder regional poderoso, capaz de enfrentar Israel e o Ocidente.” De acordo com essa reportagem, “na Turquia há hoje na cadeia 97 pessoas ligadas aos meios de informação, inclusive jornalistas, editores e distribuidores, segundo o Sindicato dos Jornalistas da Turquia, um número que, segundo os grupos de direitos humanos, supera o número de detidos na China.”<sup>153</sup> Um dos que estão presos é Nedim Şener, um jornalista premiado pela cobertura do assassinato de Hrant Dink, um preeminente jornalista armênio-turco morto em Istambul em janeiro de 2007.*

Já que você trouxe à baila a ironia, devo observar, em primeiro lugar, que essa reportagem do New York Times tem amplas conotações irônicas. O que vem acontecendo hoje na Turquia é muito ruim. Por outro lado, não dá para comparar com o que acontecia na década de 1990. Na época, o Estado turco estava travando uma dura guerra terrorista contra a população curda: dezenas de milhares de pessoas assassinadas, milhares de cidadezinhas e aldeias destruídas, provavelmente milhões de refugiados, tortura, todas as atrocidades que se possam imaginar.<sup>154</sup> O New York Times mal noticiou isso tudo. Certamente não noticiou o fato de que 80% das armas vinham dos Estados Unidos e que Clinton era tão favorável às atrocidades que, em 1997, quando elas estavam no auge, ele enviou à Turquia só naquele ano mais armas do que em toda a época da Guerra Fria

somada.<sup>155</sup> Isso é gravíssimo, mas não se encontra no New York Times. Seu correspondente na Turquia, Stephen Kinzer, mal noticiava coisa alguma. Não que ele não soubesse; todos sabiam.

Portanto, se o New York Times está irritado com as violações dos direitos humanos, temos que tomar sua reação cum grano salis. Hoje os jornalistas estão querendo ressaltar as violações dos direitos humanos porque a Turquia tem enfrentado os Estados Unidos – e disso eles não gostam. A popularidade de Erdogan no Oriente Médio não o torna popular nos Estados Unidos. Ele é de longe a personalidade mais popular do mundo árabe, ao passo que a popularidade de Obama é, na realidade, menor do que a de Bush II, o que é uma façanha.<sup>156</sup>

A Turquia tem desempenhado um papel razoavelmente independente no comércio mundial, algo que os Estados Unidos não apreciam nem um pouco. O país tem fortalecido as relações comerciais com o Irã.<sup>157</sup> Além disso, Turquia e Brasil são culpados de um crime atroz: conseguiram fazer o Irã aceitar um programa de transferência do urânio pouco enriquecido para fora de seu território, o que praticamente duplicou a proposta de Obama.<sup>158</sup> Na realidade, Obama havia escrito uma carta a Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente do Brasil, instando-o a levar adiante esse plano, sobretudo porque Washington imaginou que o Irã jamais concordaria, e então poderiam usar essa recusa como arma diplomática e ganhar maior apoio para as sanções.<sup>159</sup> Mas o Irã concordou, e houve muita irritação aqui, porque qualquer acordo pode solapar a pressão por sanções, que é o que Obama realmente desejava.

E há outras fontes ainda de hostilidade dos EUA contra a Turquia. Por exemplo, a Turquia, que é membro da OTAN, interferiu com os primeiros esforços desta organização para bombardear a Líbia.<sup>160</sup> Washington também não gostou disso.

Então, hoje é apropriado condenar as violações de direitos humanos na Turquia. E elas existem, de fato. Na realidade, ocorreu um considerável progresso na Turquia em relação aos direitos humanos nos últimos dez anos, mas os últimos anos têm sido bem desagradáveis. Houve um retrocesso, e, deixando o cinismo de lado, está certo protestar contra os abusos na Turquia.



*Em março de 2011, Orhan Pamuk, grande escritor turco, vencedor do prêmio Nobel, foi multado por sua declaração a um jornal suíço de que “assassinamos 30 mil curdos e 1 milhão de armênios.”*<sup>161</sup>

Estive na Turquia um ano atrás, numa conferência sobre a liberdade de expressão. Boa parte foi dedicada a conversas com jornalistas turcos, que descreveram suas atividades, tentando expor o assassinato de Hrant Dink, as atrocidades contra os armênios, a repressão dos curdos. São pessoas muito corajosas. Não são como o correspondente do New York Times, que poderia escrever sobre estes temas, se quisesse, sem sofrer nenhuma represália. Talvez fosse censurado pelos editores, mas esses caras podem ser presos e torturados – o que é sério. E ainda assim eles falam abertamente, energicamente.

Aliás, uma das coisas mais interessantes em relação à Turquia – mais uma vez, ironicamente – é que a União Europeia diz que ela não pode ser admitida por não corresponder aos nossos altos padrões de direitos humanos.<sup>162</sup> A Turquia, que eu saiba, é o único país em que os principais intelectuais, jornalistas, acadêmicos, escritores, professores e editores não só protestam constantemente contra as atrocidades do Estado, mas praticam regularmente atos de desobediência civil contra ele. Eu mesmo participei, até certo ponto, quando estive lá dez anos atrás. Não há nada parecido no Ocidente. Eles fazem seus parceiros ocidentais se envergonharem. Portanto, se há lições a aprender, acho que é no sentido oposto. Sinceramente, nunca pensei que a Turquia fosse aceita na UE, principalmente por motivos racistas. Não creio que os europeus ocidentais gostem da ideia de ver os turcos andando à vontade pelas suas ruas.

*Como as relações turco-israelenses influenciam Washington, com o ataque de um comando israelense, em 2010, em águas internacionais, contra um navio turco, matando nove turcos, um dos quais cidadão norte-americano?*  
<sup>163</sup>

A Turquia foi o único país importante, certamente o único país da OTAN, que protestou muito energicamente contra o ataque norte-americano-israelense a Gaza em 2008-2009.<sup>164</sup> E foi um ataque norte-americano-israelense. Israel soltou as bombas, mas os Estados Unidos o apoiaram, com aprovação de Obama.<sup>165</sup> A Turquia condenou veementemente tudo aquilo. Num famoso incidente em Davos, no Fórum Econômico Mundial, Erdogan fez declarações fortes contra o ataque, enquanto Shimon Peres, o presidente israelense, estava no palco com ele.<sup>166</sup> Os Estados Unidos, é claro, não gostaram. Ter relações cordiais com o Irã e condenar os crimes israelenses são coisas que não fazem de você um personagem de destaque nos coquetéis de Georgetown.

*E agora corre uma notícia de que Israel, que por muito tempo negou o genocídio armênio, vem considerando uma resolução de condenação a ele, principalmente para irritar os turcos, que, como eles sabem muito bem, são hipersensíveis a qualquer menção a esse genocídio.*<sup>167</sup>

Isso vai nos dois sentidos. Israel e Turquia eram íntimos aliados. Na realidade, a Turquia era o mais íntimo aliado de Israel, além dos Estados Unidos. Sua ligação era mantida em segredo, mas era muito clara do final da década de 1950 em diante. Para Israel, era muito importante ter como aliado um poderoso Estado não árabe. A Turquia e o Irã sob o xá eram muito amigos de Israel, que na época se recusava a permitir qualquer discussão do genocídio armênio.<sup>168</sup>

Em 1982, Israel Charny, uma pessoa que conheci quando criança num acampamento hebreu, organizou uma conferência sobre o Holocausto em Israel.<sup>169</sup> Queria convidar alguém para falar sobre as atrocidades armênias, e o governo tentou impedir aquilo. Eles inclusive pressionaram Elie Wiesel, que devia ser o presidente de honra, a renunciar.<sup>170</sup> Os organizadores da conferência, porém, levaram-na adiante mesmo assim, sob forte oposição do governo.

Naquela época, a Turquia era uma aliada, portanto não se falava de genocídio armênio. Agora, como você diz, as relações estão desgastadas,

então é possível impingi-lo aos turcos. Agora se pode falar a respeito. E o comportamento de Israel, a propósito, tem sido notabilíssimo. Um dos incidentes que não foi muito noticiado por aqui, mas realmente irritou os turcos, foi um encontro entre o embaixador turco em Israel, Ahmet Og uz Çelikkol, e Danny Ayalon, o vice-ministro das relações exteriores. Ele convocou o embaixador turco e armaram uma foto com ele sentado numa cadeira bem baixinha e Ayalon sentado numa cadeira mais alta, acima dele.<sup>171</sup> E a foto foi publicada por toda parte. Os países não gostam disso; é muito humilhante.

Este é apenas um de uma série de acontecimentos que, na realidade, do próprio ponto de vista estratégico de Israel, não foram muito brilhantes. A relação estratégica militar e comercial entre a Turquia e Israel tem sido muito significativa. Repito, não conhecemos bem os detalhes, mas durante anos Israel cooperou com a Turquia sobre treinamento militar e usou seu espaço aéreo para se preparar contra possíveis agressões no Oriente Médio.<sup>172</sup> Se sacrificarem isso, é porque a coisa é séria.

*Os curdos são, talvez, o maior grupo étnico do mundo sem Estado nacional. Conquistaram certa semiautonomia no norte do Iraque. Isso é viável?*

É frágil. Há muita repressão e corrupção no norte do Iraque. Além disso, a economia deles não é realmente viável. Não têm acesso ao mar. Se não receberem um significativo auxílio de fora, não podem se sustentar por muito tempo. Também estão rodeados de inimigos, Irã de um lado, Turquia do outro, e também o Iraque árabe. Há uma ligação com a Síria, mas não é de grande valia. Portanto, a região curda no norte do Iraque existe pela tolerância das grandes potências, sobretudo os Estados Unidos, algo que pode vir a acabar.

Os Estados Unidos têm repetidas vezes vendido os curdos ao longo dos anos.<sup>173</sup> Vendeu-os a Saddam Hussein na década de 1970 e de novo na de 1980. Durante as atrocidades de Saddam Hussein contra os curdos, o governo norte-americano tentou silenciá-los. A administração Reagan tentou pôr a culpa pelas atrocidades no Irã. Os curdos têm um velho ditado,

que diz mais ou menos o seguinte: “Nossos únicos amigos são as montanhas”, querendo dizer que não podem confiar no auxílio de fora. Se examinarmos sua história, eles têm muitas razões para pensar assim.

Um dos poucos jornalistas americanos que realmente trabalharam na região, Kevin McKiernan, certa vez descreveu uma montanha do norte do Iraque, chamada Monte Qandil. Disse que ela tem dois lados: num dos lados, ficam os terroristas e, do outro lado, ficam alguns combatentes pela liberdade.<sup>174</sup> São exatamente o mesmo povo, nacionalistas curdos. Mas um dos lados dá para a Turquia, portanto são terroristas. Do outro lado, dão para o Irã e são, portanto, combatentes da liberdade.

*Ia mesmo perguntar a você sobre o Irã. As palavras belicosas contra o Irã parecem ter fluxos e refluxos, como as marés. Com intervalo de poucos meses, ouvimos notícias sobre potenciais ataques dos EUA e de Israel contra o Irã.*

A retórica continua veemente. Por outro lado, pelo menos segundo os dados disponíveis, os serviços secretos e os comandos militares supremos dos EUA e de Israel não estão muito ansiosos para se envolver numa campanha militar contra o Irã.<sup>175</sup> Mas quando se eleva a tensão, algo pode acontecer, mesmo que seja por acidente. Aconteceu muitas vezes no passado, e é fácil imaginar cenários assim. Pode haver um confronto entre uma pequena embarcação iraniana que transporte mísseis e um porta-aviões americano. Quem sabe a que isso poderia levar?

E o Irã provavelmente vai logo retaliar pela guerra que se está travando agora contra ele. Quando cientistas são assassinados e se apertam as sanções a ponto de elas começarem aberta e deliberadamente a estrangular a economia, isso é agressão.<sup>176</sup> Equivale a um bloqueio, e, na realidade, altos funcionários do exército americano consideram agressão esse tipo de medida, se tomada contra os Estados Unidos. Alguns anos atrás, saiu uma análise elaborada por um grupo de analistas militares internacionais de primeira linha, inclusive dois generais aposentados da OTAN, examinando questões estratégicas, definindo ameaças aos Estados Unidos que consideraríamos agressão. Uma delas seria o uso de instituições

financeiras para prejudicar a economia americana.<sup>177</sup> Isso é agressão, podemos responder com a força. Também acrescentaram que deveríamos evitar usar primeiro as armas nucleares.<sup>178</sup> Se generalizarmos esses princípios, o Irã poderia reagir. Se o governo iraniano concluir que nada mais tem a perder – com a economia estrangulada e o controle político a ponto de ser destruído –, pode partir para o tudo ou nada.

*Informações como o apoio dado pelos Estados Unidos a Saddam Hussein durante toda a guerra Irã-Iraque foram lançadas ao buraco da memória de Orwell.*<sup>179</sup> *Isso me faz lembrar de um comentário que você fez sobre a amnésia histórica. Você disse: “A amnésia histórica é um fenômeno perigoso, não só porque destrói a integridade moral e intelectual, mas também porque lança as fundações para crimes que ainda estão por vir.”*<sup>180</sup>

Se não reconhecermos nossos próprios crimes, nada há que os impeça de continuar. Está ocorrendo neste momento um exemplo muito dramático disso. Comemoram-se os cinquenta anos da decisão tomada por John F. Kennedy de iniciar a guerra contra o Vietnã do Sul. É gravíssimo o esquecimento do quinquagésimo aniversário do início de uma das piores atrocidades da história posterior à Segunda Guerra Mundial. Mas quase ninguém se deu conta disso. Não creio que se vá ouvir alguma coisa a este respeito. E, sem dúvida, isso abre caminho para futuras agressões.

*Um assunto que sempre aparece na mídia e entre a classe política é a instabilidade do Paquistão e a vulnerabilidade do arsenal nuclear.*

Aqui nos Estados Unidos, a discussão é sempre acerca de como não se pode confiar no Paquistão, que não é um aliado confiável. Suponhamos que os russos tivessem dito, na década de 1980: “O Paquistão não é um aliado confiável. Temos de fazer alguma coisa a este respeito.” Naquele tempo, o Paquistão estava no centro do apoio norte-americano para o armamento e o treinamento dos mujahidin, os guerrilheiros que combatiam os russos no

Afeganistão. Os principais especialistas em Paquistão, inclusive historiadores militares de primeira linha e especialistas em questões do Sul da Ásia, dizem que a atitude dos paquistaneses em relação ao Talibã hoje é muito parecida com a que tinham em relação aos mujahidin na década de 1980.<sup>181</sup> Não gostam deles, não os querem por perto, mas consideram que eles estão travando uma guerra contra um invasor estrangeiro. Portanto, aparentemente há uma enorme oposição no Paquistão à pressão para participarem de uma guerra norte-americana contra pessoas que, segundo eles, estão defendendo seu próprio país.<sup>182</sup>

Os Estados Unidos fazem regularmente ataques no Paquistão. Ontem, aconteceu outro. Um drone assassinou um suposto líder da Al-Qaeda que estaria planejando ações contra os Estados Unidos.<sup>183</sup> Quem sabe? Mas os paquistaneses certamente não gostam disso. Não gostam de ser bombardeados, não importa onde, mesmo se for na região tribal. Ficaram loucos com a invasão e o assassinato de Bin Laden, com razão. E, na realidade, a população pachtum, que atravessa as fronteiras do Afeganistão e do Paquistão, nunca aceitou a Linha Durand, a fronteira imposta pelos britânicos que corta o seu território.

*Estabelecida em 1893.*

E na realidade, nunca nenhum governo afegão independente a aceitou. Mas estamos exigindo que o Paquistão bloqueie qualquer tentativa pachtum de derrubar o que nunca aceitaram e o Afeganistão nunca aceitou. Estamos levando o Paquistão a uma posição muito perigosa. Uma das interessantes revelações do Wikileaks veio de Anne W. Patterson, a embaixadora americana no Paquistão, que apoia a política norte-americana neste país, mas ressaltou que ela traz consigo o perigo de “desestabilizar o Estado paquistanês”, levando, talvez, até a um golpe, o que poderia provocar o vazamento de materiais radioativos para dentro das redes da Jihad.<sup>184</sup> Os jihadistas não são a força dominante no Paquistão, mas estão presentes, e isso desde a islamização radical ocorrida durante os anos de Reagan. Reagan e a Arábia Saudita estavam dando apoio ao pior ditador da história

paquistanesa, Muhammad Zia-ul-Haq. Um dos seus principais objetivos era operar uma islamização radical do país, estabelecendo madraçais em toda parte. É daí que vêm os talibãs.

Há, sim, portanto, um elemento islâmico radical no Paquistão, ele está quase certamente envolvido de algum modo na vasta indústria nuclear. É possível que, sob pressão, se possa encontrar algum vazamento de materiais nucleares para as mãos dos jihadistas, o que poderia levar a uma bomba suja em Londres ou Nova York. É provável.

## ESCRavidÃO MENTAL

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS (20 DE JANEIRO DE 2012)

*Bob Marley, o famoso cantor de reggae da Jamaica, cantava na letra de uma canção popular: “Emancipe-se da escravidão mental.”<sup>185</sup> Este é um tema tratado por você muitas vezes em sua obra.*

Eu devo conhecer a canção. É verdade, quando as pessoas quiseram ter liberdade suficiente para não serem escravizadas ou assassinadas ou oprimidas, desenvolveram-se naturalmente novos modos de controle, que tentaram impor formas de escravidão mental, para que elas aceitassem um quadro de doutrinação, sem fazer perguntas. Quando se consegue fazer as pessoas caírem na armadilha de nem notar doutrinas fundamentais – questioná-las, então, nem se diga –, elas já terão sido escravizadas. Vão essencialmente seguir ordens, como se tivessem uma arma apontada para elas.

*Em algumas de suas palestras, quando lhe perguntam o que fazer em resposta aos problemas que você analisa, ouvi você dizer que as pessoas podem começar desligando a televisão.*

A televisão impinge pela repetição certos limites fixos de pensamento em nossas cabeças, o que certamente emburrece. As doutrinas não são afirmadas formalmente. Não é a Igreja Católica: “Você tem de crer nisto. Você tem de ler isto todos os dias, dizer isto todos os dias”. É apenas



pressuposto. Propõe-se um quadro de referência e as pessoas apenas vêm a aceitá-lo.

Um sistema de propaganda decente não revela seus princípios ou intenções. Esta é uma das razões pelas quais o velho sistema soviético era relativamente ineficiente, pelo que sabemos. Se dissermos às pessoas: “É isto que você deve pensar”, elas entenderão: é isso o que o poder quer que pensemos. E então conseguem encontrar uma saída. É mais difícil se livrar de um sistema de pressupostos não declarados do que de uma doutrina explicitamente formulada. É assim que funciona um bom sistema de propaganda.

Nosso sistema de propaganda é sofisticadíssimo. Os atores substancialmente entendem o que estão fazendo, ao que parece. Vejamos o caso das eleições presidenciais de 2008, que, como toda eleição, era um festival de publicidade. A indústria da propaganda estava muito consciente do seu papel. Na realidade, pouco depois das eleições, a revista Advertising Age concedeu o prêmio de melhor campanha de marketing do ano para a campanha de Obama, organizada pela indústria da publicidade.<sup>186</sup> Houve, depois, certa discussão na imprensa empresarial sobre essa façanha.<sup>187</sup> Houve euforia na comunidade empresarial. Isso vai mudar o estilo das salas de reunião das diretorias das grandes empresas. Hoje sabemos enganar as pessoas melhor do que antes. Ninguém tem nenhuma ilusão, ao que parece, acerca de o candidato vencer com base em suas propostas ou intenções. Foi só uma boa campanha de marketing, melhor do que a de John McCain.

*Numa cultura dominada pela imagem, fico pensando qual será o futuro dos livros. E estou perguntando isso a alguém que lê vorazmente. Seus hábitos de leitura são lendários. Estamos sentados em seu escritório, rodeados por pilhas e pilhas de livros. Como você consegue ler tudo isso?*

Infelizmente, não consigo. Esta é a pilha das leituras urgentes. Há muitas outras em outro lugar. Mas uma das experiências dolorosas que procuro evitar ao máximo é calcular quanto tempo levaria, se eu lesse constantemente, para ler tudo isso. E ler um livro não significa apenas virar as páginas. Significa pensar sobre ele, identificar partes a que queremos

voltar, perguntando como situá-lo num contexto mais amplo, dar sequência às ideias. Não tem sentido ler um livro se o deixarmos passar diante dos olhos e em seguida esquecê-lo dez minutos depois. Ler um livro é um exercício intelectual, que estimula o pensamento, os questionamentos, a imaginação.

Suspeito que isso vá desaparecer. Vemos graves sinais disso. Houve uma mudança nas minhas próprias classes nos últimos dez ou vinte anos. Se antes eu podia fazer referências literárias esporádicas e as pessoas sabiam mais ou menos do que eu estava falando, hoje isso acontece cada vez menos. Vejo pela minha correspondência que as pessoas estão sempre fazendo perguntas sobre algo que viram no YouTube, mas não sobre um artigo ou um livro. Com razão, muitas vezes me perguntam: “Você disse isso e aquilo. Quais são suas provas?” Na realidade, num artigo que escrevi na mesma semana que aquela conversa, podia haver notas de rodapé e análises, mas não lhes passa pela cabeça procurá-las.

*O que isso significa, então, para a cultura intelectual?*

Isso vai rebaixar a cultura intelectual. Não tem jeito. É uma história complicada. Vejamos, por exemplo, o caso dos livros eletrônicos. Eles têm suas vantagens. Você tem meia dúzia de livros que pode ler numa viagem de avião. Por outro lado, quando leio um livro que admiro, quero fazer comentários nas margens, quero sublinhar trechos. Quero fazer observações na página de guarda. Sem isso, não sei aonde quero voltar. Não é possível fazer isso num livro eletrônico. As palavras simplesmente passam diante dos olhos. Talvez sequer permaneçam no cérebro.

O mesmo vale para a Internet. Navegar na Internet é ótimo. Está disponível uma enorme quantidade de material. Por outro lado, é algo fugidio. A menos que saibamos o que procuramos e o salvemos adequadamente e o contextualizemos, é como se nunca o tivéssemos visto. Não tem sentido termos um monte de dados à disposição se não pudermos entendê-los. E isso exige pensamento, reflexão, investigação. Creio que, até certo ponto, essas capacidades vêm se degradando. Não é possível medir, mas tenho a sensação de que é verdade.

*O que você acha do Twitter? Temos cento e quarenta caracteres para exprimir alguma coisa.*

Sim. Bev Stohl, que trabalha comigo no MIT, me falou sobre isso. Recebo toneladas de e-mails. Cada vez mais, as mensagens que recebo têm sido perguntas ou comentários de uma só sentença, às vezes tão breves que vêm na linha de título do email. Bev me mostrou que é esse o tamanho das mensagens do Twitter. Se as observarmos, vemos que têm um caráter razoavelmente consistente. Dão a impressão de ser algo que alguém acaba de pensar. Estamos andando pela rua, ocorre uma ideia, e a postamos no Twitter. Se pensássemos por dois minutos, ou se fizéssemos um mínimo esforço para refletir sobre o assunto, não o teríamos postado. Na realidade, cheguei ao ponto de às vezes mandar uma carta padronizada dizendo que não posso responder a uma pergunta online.

*Voltando aos livros, suas palestras são repletas de referências a informações que você obteve dos livros, por exemplo, algo acerca de Martin Luther King que Taylor Branch escreveu, ou algo sobre o movimento operário norte-americano escrito por David Montgomery. Você consegue introduzir esse conhecimento vindo das leituras nas formulações intelectuais que apresenta.*

Qualquer um faz isso. Não é um talento especial. Mas é preciso estar disposto a pensar sobre o que estamos lendo. Podemos seguir uma falsa pista. Podemos nos enganar. O mesmo vale para as ciências. Podemos seguir certa ideia que nos parece intrigante, dar duro sobre ela, conseguir o que nos parece ser uma explicação e então descobrir que caminhamos na direção errada e que temos de voltar atrás. Podemos aprender com isso, também. Mas se não pararmos para pensar, refletir e contextualizar, é desperdício de tempo. Podíamos nem ter lido.

*Fiquei impressionado, numa palestra em Nova York, com o fato de você ter mencionado Ragtime<sup>188</sup> de E.L. Doctorow. Foi o último romance que você*

leu?

Acho que o último romance que li foi o do prêmio Nobel islandês Halldór Laxness. Eu estava na Islândia, alguém me emprestou um de seus romances e eu o li no avião de volta. É ótimo. Quando estava na Inglaterra, cerca de um ano atrás, um amigo me deu O Caso das mangas explosivas, um romance paquistanês de Mohammed Hanif.<sup>189</sup> É muito bom. Não posso ler tanta ficção quanto gostaria.

*Estados do mundo inteiro, da China à Síria e aos Estados Unidos, vêm se tornando cada vez mais receosos com a Internet e as redes sociais. Estão em alta os pedidos de controle e de censura.*

Neste exato momento está ocorrendo uma grande batalha entre os titãs do setor acerca da proposta de uma nova legislação, chamada Lei de Combate à Pirataria Online.<sup>N</sup> A indústria do cinema, as gravadoras e outros grandes operadores querem restringir o que chamam de pirataria, a posse de seus produtos sem pagamento ou acordo. Mas há outras grandes empresas que estão resistindo. A Wikipedia fechou por um dia em protesto contra isso.<sup>190</sup> Google, uma das maiores empresas do mundo, também protestou.<sup>191</sup>

Todo país rico e desenvolvido pratica a pirataria. Durante o seu período de rápido crescimento, os Estados Unidos roubaram muita tecnologia avançada e eficiente da Grã-Bretanha, que fez o mesmo com países que estava oprimindo: Irlanda, os Países Baixos, Bélgica, Índia. É disso que acusamos a China de estar fazendo agora, seguindo nossos passos.

Os acordos comerciais impostos pelos ricos e poderosos preveem pesadíssimas penas contra a pirataria. Os chamados direitos de propriedade intelectual foram incluídos nas normas da Organização Mundial do Comércio e em outros acordos comerciais, com exigências muito severas. Um dos exemplos mais importantes é a proteção dada à indústria farmacêutica. Assim, por exemplo, há diretrizes para impedir que países

com indústrias farmacêuticas, como a Índia, produzam medicamentos baratos que fiquem à disposição da população em geral, diminuindo os lucros das grandes empresas internacionais.

As empresas farmacêuticas argumentam que precisam de lucros para novas pesquisas e desenvolvimento. A indústria do cinema e as gravadoras dizem precisar de lucros maciços para apoiar artistas criativos. Esses argumentos têm certa plausibilidade superficial, até observarmos com atenção a questão. O economista Dean Baker mostrou de modo bem conclusivo que tais argumentos não são convincentes. Assim, por exemplo, com a pesquisa e o desenvolvimento farmacêuticos, segundo os cálculos dele, que me parecem muito razoáveis, se as empresas farmacêuticas fossem obrigadas a entrar no mercado e se todos os custos de pesquisa e desenvolvimento passassem a ser pagos pelos consumidores, estes fariam uma enorme economia, pois de qualquer maneira a maior parte do trabalho é custeada com dinheiro público, nas universidades, nos Institutos Nacionais de Saúde.<sup>192</sup> As empresas farmacêuticas apoderam-se desse trabalho no fim da linha e executam os testes, preparam o marketing, a embalagem. Dão, sim, a sua contribuição, mas boa parte de seus esforços consiste em lançar no mercado réplicas de medicamentos. Basta modificar uma molécula e se pode vender o remédio.

Com relação aos artistas criativos, Baker também fez algumas sugestões que me parecem sensatas. A saber, eles deveriam receber financiamento público.<sup>193</sup> É basicamente o que acontece, por exemplo, com a música clássica e a ópera. Se fosse possível ampliar isso, não seriam necessários direitos de propriedade intelectual e o problema da pirataria desapareceria.

*Como os Estados Unidos conciliam sua ruidosa celebração do livre fluxo de informações e dos direitos democráticos de expressão com sua resposta ao WikiLeaks?*

As declarações de compromisso com os direitos vêm sempre marcadas por uma hipocrisia fundamental: são direitos se quisermos, mas não se não quisermos. O exemplo mais claro disso é o apoio à democracia. Ficou

muito bem demonstrado durante muitas décadas que os Estados Unidos só apoiam a democracia se ela se encaixar com seus objetivos estratégicos e econômicos. Caso contrário, opõem-se a ela. Os Estados Unidos estão longe de ser os únicos a fazer isso, é claro. O mesmo vale para o terrorismo, a agressão, a tortura, os direitos humanos, a liberdade de expressão, e tudo o mais.

*Portanto, não cola o argumento de que o enorme tesouro de informações que se espalhou com o WikiLeaks comprometesse a segurança dos Estados Unidos.*

Ele comprometeu a segurança em que os governos costumam estar interessados: sua segurança contra a inspeção por parte de seus próprios povos. Não li tudo acerca do WikiLeaks, mas tenho certeza de que há gente que está dando duro para encontrar algum caso sobre o qual possam afirmar terem sido prejudicados interesses legítimos de segurança. Eu mesmo não consegui encontrá-lo.

Uma das coisas em que os Estados Unidos são notavelmente abertos é em tornar públicos os documentos governamentais. Comparativamente falando, temos melhor acesso às decisões governamentais internas do que qualquer outro país que eu conheça. O sistema não é perfeito, mas há um procedimento normal de abolição do regime de segredo – a Lei de Liberdade de Informação funciona até certo ponto – e há uma razoável quantidade de acesso. Gastei muito tempo trabalhando com documentos que se tornaram públicos, e a maior parte deles é incrivelmente chata. Podemos ler volume após volume de *Foreign Relations of the United States*<sup>O</sup> e talvez encontremos três sentenças em que vale a pena prestar atenção. Muitos dos documentos secretos pouco têm a ver com a autêntica segurança, mas muito a ver com impedir a população de saber em que o governo está metido. Acho que isso vale também para o que tenho visto no WikiLeaks.

Tomemos o exemplo que mencionei, o comentário da embaixadora Patterson a respeito do Paquistão e do perigo de a política de Bush-Obama desestabilizar um país com um dos maiores programas de armas nucleares

do mundo, na realidade, um programa que vem crescendo rápido e interligado com elementos jihadistas. Isso é algo que a população deveria saber, mas é preciso manter longe dela. É preciso descrever as nossas políticas em termos de autodefesa frente a ataques, quando de fato estamos aumentando o risco de ataque. Isso vem acontecendo repetidas vezes.

Há outras revelações interessantes no WikiLeaks. Na época do golpe militar em Honduras, em 2009, a embaixada deste país levou adiante uma ampla investigação, para determinar se o golpe havia sido legal ou ilegal, e concluiu: “A perspectiva da Embaixada é que não há dúvida de que as Forças Armadas, a Corte Suprema e o Congresso nacional conspiraram no dia 28 de junho, no que se constitui num golpe ilegal e inconstitucional contra o Poder Executivo.”<sup>194</sup> Essa avaliação foi enviada a Washington, o que significa que a administração de Obama soube dela, mas descartaram a descoberta e, depois de diversas medidas, acabaram apoiando o golpe militar, como ainda o fazem.<sup>195</sup> Para quem quiser entender as ideias de Obama sobre a liberdade e a democracia, esta é uma informação importante. Mas não é algo que o governo queira que você saiba.

Um dos aspectos mais interessantes das revelações do WikiLeaks foi a maneira como foram tratadas. Algumas das divulgações foram proclamadas como maravilhosas. Por exemplo, houve revelações relacionadas aos telegramas diplomáticos. Trata-se de telegramas diplomáticos, então não se sabe quão precisos sejam. Os diplomatas tendem a relatar o que sabem que a central quer ouvir, portanto já ocorre uma filtragem. Mas houve telegramas de embaixadas do Oriente Médio dizendo que os ditadores árabes apoiam a política dos Estados Unidos em relação ao Irã. Citou-se o rei da Arábia Saudita dizendo que nós “cortamos a cabeça da cobra”.<sup>196</sup> Isso apareceu em todas as manchetes. Apareceram artigos de comentaristas de primeira linha, como Jacob Heilbrunn, dizendo que isso é fantástico.<sup>197</sup> Deveríamos dar os parabéns ao WikiLeaks por nos mostrar que somos tão maravilhosos, que as ditaduras árabes nos apoiam. É como se a CIA estivesse governando o WikiLeaks.

Ao mesmo tempo que acontecia essa discussão sobre o apoio árabe aos objetivos norte-americanos no Irã, saiu uma pesquisa que mostrava que os povos árabes são energicamente contra a política americana no Irã. Tão

contra que, por exemplo, no Egito, cerca de 80% da população achavam que a região seria mais segura se o Irã tivesse armas nucleares.<sup>198</sup> Estão preocupados com ameaças reais, os Estados Unidos e Israel.<sup>199</sup> Mas essa matéria mal foi publicada. Temos, então, aqui o aplauso pelo fato de os ditadores nos apoiarem, e o silêncio sobre o fato de as populações se oporem energicamente a nós. Isso mostra bem como é o nosso compromisso com a democracia.

*Há indicações de que os telegramas que o WikiLeaks revelou acerca da ditadura de Zine El-Abidine Ben Ali, na Tunísia, exerceram grande influência sobre a revolta naquele país.*

Isso é questionável. As revelações mostraram que o governo norte-americano entendeu muito bem que Ben Ali era um ditador cruel e corrupto, que a população estava muito descontente e se opunha energicamente a ele.<sup>200</sup> Mas isso não mudou em nada o apoio ao seu regime.

*Você quer dizer apoio por parte de Washington?*

Apoio norte-americano. Apoio francês, em primeiro lugar. A França se comportou de um jeito estranho. Depois que a rebelião já havia começado, a ministra francesa Michèle Alliot Marie visitou de férias a Tunísia.<sup>201</sup> Trata-se de um país que esteve sob o domínio francês por muito tempo e com certeza está infiltrado pelos serviços secretos franceses. Mas o quanto essas revelações influenciaram os protestos é uma questão em aberto. Duvido que os tunisinos dessem muita bola para a hipocrisia francesa e norte-americana, que foi só o que o WikiLeaks revelou – nada que eles já não soubessem.

*Fale sobre a ligação entre Daniel Ellsberg e Bradley Manning.*



Dan é um velho amigo. Ele trabalhou comigo para ajudar a publicar os Papéis do Pentágono, o que me parecia ser uma coisa muito certa. Testemunhei no seu julgamento. No caso de Bradley Manning, ele é acusado de ter entregado certo material a Julian Assange, que o distribuiu no WikiLeaks.<sup>202</sup> Está preso desde maio de 2010, boa parte disso em confinamento solitário – o que é tortura. Ele tem sido ameaçado de maneira podre e tem sido violentamente atacado.

Este é o caso de alguém acusado por ter feito algo que, em minha opinião, não é um crime, mas um serviço prestado ao país. Mas seja como for, ele é acusado, pode ainda ser julgado. Na realidade, até o momento não há sequer uma previsão de julgamento.<sup>P</sup> Eles estão tratando o caso como de corte marcial, interna ao sistema militar.<sup>203</sup>

Acho que Manning deveria ser aplaudido e o governo deveria ser duramente condenado por desrespeitar os princípios fundamentais da lei e dos direitos humanos.

*Obama, que é professor de Direito Constitucional, não fez um pré-julgamento acerca de Bradley Manning?*

Disse imediatamente que ele era culpado.<sup>204</sup> Isso é injustiça. Mesmo se Obama não fosse um advogado especializado em direito constitucional, ele é o presidente. Deveria saber que o presidente não deve dizer isso de uma pessoa que é objeto de acusações de crime.

Há coisas piores – por exemplo, assassinar Osama bin Laden. Ele não foi levado a julgamento. Ele é inocente até prova em contrário. Mas o assassinamos se não gostamos dele.

*Como também fizeram com Anwar al-Awlaki no Iêmen, um cidadão norte-americano.*<sup>205</sup>

Esse caso recebeu um pouco de atenção porque al-Awlaki é cidadão americano. Talvez seja culpado de alguma coisa, talvez não. Mas se, por

exemplo, terroristas iranianos matarem alguém amanhã – digamos, Leon Panetta, o secretário da defesa – por estar envolvido no planejamento de ataques ao Irã, o que é verdade, será que acharíamos certo?

*Parece que muitos liberais que criticaram os crimes de guerra durante a presidência de George W. Bush têm permanecido relativamente calados durante o governo de Obama.*

É verdade. Alguns estão falando, mas não muitos. Obama também deixou claro que ninguém será punido por crimes de guerra no período Bush, o que é muito compreensível.<sup>206</sup> Se alguém fosse punido por isso, ele mesmo poderia ser punido por crimes semelhantes hoje.

*Isso me leva a um comentário que você fez anos atrás, de que todo presidente desde 1945 poderia ser julgado por crimes de guerra.*<sup>207</sup> *Ainda acha isso?*

Creio ter sido muito cauteloso. Disse que essa seria uma asserção justa segundo os princípios de Nuremberg. Não segundo a prática de Nuremberg, que se desviou muito dos princípios.

*O princípio é que “o planejamento, a preparação, a iniciação ou a execução de uma guerra de agressão ou de uma guerra que viole tratados, acordos ou garantias internacionais” são crimes internacionais de guerra.*<sup>208</sup>

Essa era a acusação principal, mas havia muitas outras. Assim, por exemplo, uma das principais acusações contra Joachim von Ribbentrop, o ministro das relações exteriores da Alemanha, enforcado depois da guerra, era que ele ou permitira ou fora cúmplice num ataque preventivo contra a Noruega. A Noruega realmente representava uma ameaça para a Alemanha. Os britânicos estavam lá e planejavam atacar a Alemanha. Compare-se isso

com o que aconteceu com Colin Powell quando foi cúmplice de um ataque preventivo contra o Iraque. Powell não foi julgado por ter ido às Nações Unidas e apresentado histórias forjadas que abriram caminho para o ataque ao Iraque, onde não havia nenhuma ameaça, na realidade, nem sequer uma ameaça remota.

Há, portanto, os princípios de Nuremberg. Mas, é claro, o resultado prático é muito diferente. O tribunal de Nuremberg foi o mais autêntico e mais significativo dos tribunais internacionais sobre crimes de guerra que já houve, mas teve falhas fundamentais. E essas falhas eram conhecidas dos procuradores. Por exemplo, Telford Taylor as comentou de imediato. Realmente, disse ele, o tribunal definiu os crimes de guerra como algo que vocês fizeram e nós, não.<sup>209</sup> Era esse o critério. Assim, por exemplo, o bombardeio de concentrações de civis, um bombardeio urbano, não foi considerado crime de guerra porque os Aliados o perpetraram muito mais do que o Eixo. Na realidade, o almirante alemão Karl Dönitz conseguiu repelir as acusações contra ele porque apresentou testemunhos do almirantado britânico e da Marinha americana dizendo que tinham feito a mesma coisa, portanto não se tratava absolutamente de crime de guerra.<sup>210</sup>

*Uma das coisas que você diz sobre si mesmo, que muitas vezes espanta as pessoas, é que você é um conservador de velho estilo. O que quer dizer com isso?*

Por exemplo, acho que a Magna Carta e toda a tradição jurídica que se desenvolveu a partir dela tinham certo sentido. Acho que a expansão do horizonte moral ao longo dos séculos, em especial a partir do Iluminismo, é importante. Creio que não há nada de errado com esses ideais. O conservador, pelo menos como costumavam ser entendidos, é alguém que se preocupa com os valores tradicionais. Hoje, esses valores vêm sendo jogados pela janela. Devemos condenar isso.

*Então por que você é visto como um radical desvairado?*

Porque defender os valores tradicionais é uma posição muito radical. Ameaça e abala o poder.

*Uma eterna pergunta que você recebe em suas palestras é: “Vai haver eleições, professor Chomsky. O que devo fazer? Votar? Ficar em casa?”*

O primeiro ponto é que acho que se devem gastar cerca de cinco minutos na pergunta. Há perguntas muito mais importantes, como “O que devo fazer para tentar mudar o país?” Mas a pergunta sobre as eleições não exige muita reflexão, na minha opinião. Quando chegam as eleições presidenciais – deixemos de lado as primárias –, temos um pequeno número de opções. Haverá dois candidatos, dos quais ninguém gosta. Um será provavelmente muito mais perigoso do que o outro. Se estivermos num Estado seguro, como o chamam, onde sabemos antecipadamente o resultado das eleições, teremos algumas opções. Podemos dizer: “Certo, não vou votar – ou então, vou votar em algum partido que esteja tentando se tornar uma alternativa independente, por exemplo, os Verdes.” Se estivermos num Estado instável, teremos de nos perguntar: “Quero ajudar o pior candidato a se eleger ou quero impedir que isso aconteça?” Isso não quer dizer que gostemos do outro candidato. Mas, na realidade, é esta a escolha. Então, temos de perguntar: “É melhor ajudar o pior candidato a se eleger?” É possível defender essa posição. Na realidade, havia um princípio do velho Partido Comunista, no começo da década de 1930, que dizia: “quanto pior, melhor”. Se o pior candidato se eleger, vai ser melhor, porque então haverá maior apoio à revolução. Foi esta a opção de algumas pessoas na Alemanha, e sabemos aonde isso levou. Então, é uma questão sobre a qual se deve pensar, mas não acho que seja preciso pensar muito.

*Você acha que os movimentos Ocupe devem se envolver com política eleitoral ou trabalhar de baixo para cima, sem se envolver no sistema?*

Hoje, eles não são uma força eleitoral. Em primeiro lugar, não creio que consigam adotar uma posição unificada. Não contam com mecanismos para adotarem decisões unificadas, e acho isso bom. É melhor ter uma

variedade de opiniões e posturas, assim como intercâmbios e interação sobre o que fazer, e aceitar e tolerar opiniões opostas dentro de um quadro geral. Acho isso muito mais importante do que fazer uma votação em assembleia geral dizendo que apoiamos X ou Y ou Z.

*Há algumas medidas práticas que, segundo você, os movimentos podem tomar?*

Eles já tomaram medidas práticas. Por exemplo, mudaram substancialmente o discurso geral no país. Há hoje uma clara preocupação e um claro compromisso com questões de desigualdade, o poder extraordinário das instituições financeiras, o papel das finanças e do dinheiro em geral na compra e na formatação das eleições. E eles podem ir adiante – o que já fazem, até certo ponto. Por exemplo, podem perguntar: por que cabe aos executivos e aos administradores tomar decisões acerca do lugar onde as coisas serão produzidas e o que será produzido e sobre como os lucros serão distribuídos? Por que isso deve ficar restrito à diretoria das empresas? Normalmente, os bancos são um pequeno setor de gente rica. Será que eles têm o direito natural de tomar essas decisões? Não por nenhum princípio econômico. Na realidade, há todas as razões do mundo para defender que essas decisões sejam tomadas pelas chamadas partes interessadas (stakeholders) – as comunidades, os trabalhadores e outros afetados pelo que for decidido.

*Mas ao irem em frente, como vão conseguir se defender desse sistema de propaganda e da força policial cada vez mais repressiva? Uma das coisas que muita gente tem comentado é o grau de militarização das polícias locais.<sup>211</sup> Estão cada vez mais parecendo forças de operações especiais.*

O poder não comete suicídio. Haverá, sim, tentativas de pôr em prática a repressão. Mas a repressão que existe hoje não é nem de longe a que foi no passado. Não há nada como o Pânico Vermelho de Wilson ou o COINTELPRO. Até onde sabemos, não há assassinatos de líderes de

movimentos. Mas há, sim, repressão. E algumas das táticas usadas pelo movimento Ocupe, que são boas táticas, os tornam alvos fáceis da repressão policial. Assim, ocupar espaços é uma tática muito boa. Acho bom que o Ocupe tenha feito isso. Mas é preciso reconhecer que ela abre espaço para ataques policiais, que provavelmente receberiam ampla aprovação popular. É preciso, então, descobrir novas táticas.

O melhor jeito de lidar com a repressão e a difamação que vão ocorrer é conseguir mais apoio popular. O que os movimentos Ocupe têm de fazer se quiserem se sustentar é reconhecer que táticas não são estratégias. A tática pode ser ótima, mas depois de um tempo, elas tendem a dar um retorno menor. As pessoas se cansam e os meios perdem eficácia, então é preciso partir para outra coisa. Acho que nos movimentos todos reconhecem que eles têm de se abrir e alcançar outros setores da sociedade. Houve tentativas neste sentido, como se unir aos movimentos contrários à execução de hipotecas. Mas, repito, a participação ativa dos trabalhadores será essencial.

*Falemos mais do meio ambiente. Você diz que “os riscos do sistema financeiro podem ser remediados pelos contribuintes, mas ninguém virá em nossa ajuda se o meio ambiente for destruído. Que ele deva ser destruído é quase um imperativo institucional.”<sup>212</sup> Explique-se.*

É um imperativo institucional. Por imperativo, não quero dizer que seja uma lei da natureza. É possível mudá-lo. Mas, dada a maneira como as instituições funcionam hoje, seu objetivo central é aumentar ao máximo o lucro e o poder de curto prazo. Este é um elemento crítico para os responsáveis pela tomada de decisões na economia e na sociedade – e, portanto, no sistema político. E isso leva quase diretamente à destruição do meio ambiente. Na realidade, podemos ver isso bem à nossa frente. A ameaça é seríssima. Os principais organismos de monitoramento das emissões globais têm feito previsões sinistras. A Associação Internacional de Energia (AIE) divulgou dados que, segundo a conclusão de seus principais economistas, nos dão talvez mais cinco anos antes de chegarmos a um ponto irreversível.<sup>213</sup>

*Faith Birol, economista-chefe da AIE, disse o seguinte: “A porta está se fechando... Estou muito preocupado – se não mudarmos de direção agora sobre o modo de usar a energia, ultrapassaremos o que, segundo os cientistas, é o mínimo [para a segurança]. A porta permanecerá fechada para sempre.”*<sup>214</sup>

A AIE é um organismo muito conservador. Não é um bando de radicais. Aliás, ela foi constituída por iniciativa de Henry Kissinger. Não tenho visto muitos comentários sobre isso, mas uma das poucas notícias citava John Reilly, o codiretor do Programa Conjunto de Ciência e Política de Mudança Global do MIT, que também disse que as estimativas do IPCC<sup>Q</sup> eram baixas demais.<sup>215</sup> “Quanto mais falamos sobre a necessidade de controlar as emissões, mais elas crescem”, alertou ele, e se não fizermos algo imediatamente em relação aos combustíveis fósseis, perderemos o controle da situação. “A dependência cada vez maior do carvão está pondo o mundo em perigo”, acrescentou ele. Repito, isso não vem de radicais extremistas, mas de instituições importantes, de cientistas de primeira linha.

É interessante ver como a mudança climática é discutida na mídia. Normalmente, ela é apresentada como uma questão de diz-que-diz. Por um lado, temos o IPCC. Por outro, um punhado de cientistas e uns poucos senadores que dizem: “Não acreditamos em nada disso”. São estas as opções. Na verdade, há um terceiro grupo de cientistas, que quase nunca chega à imprensa e é muito maior do que o grupinho de negacionistas: gente que diz que o consenso é conservador demais, que os riscos são muito maiores. Gente como a que dirige o programa do MIT que mencionei ou o economista-chefe da Associação Internacional de Energia. Mas são ignorados, e quase nunca ouvimos suas ideias. E o público é relegado à escolha entre duas posições, que ele não tem capacidade de julgar.

Além disso, temos uma enorme ofensiva de propaganda vinda do setor empresarial, que diz: “Não acredite em nada disso. Nada disso é real.” Um pouco para minha surpresa, isso tem afetado até mesmo as partes mais sérias e responsáveis da imprensa empresarial, como o Financial Times, talvez o melhor jornal do mundo. Ao mesmo tempo que esses relatórios sobre as emissões estavam saindo, o Financial Times sugeriu, euforicamente, que os Estados Unidos estavam adentrando uma nova era de

abundância e poderiam ter um século de independência energética, e até mesmo a hegemonia global, pela frente, graças às novas técnicas de extração de combustíveis fósseis do xisto e das areias.<sup>216</sup> Deixando de lado os debates sobre o acerto dessas previsões, comemorar essa perspectiva é como dizer: “Que legal, vamos nos suicidar”. Tenho certeza de que as pessoas que escreveram esses artigos leram os mesmos relatórios sobre a mudança climática que eu li e os levaram a sério. Mas seu papel institucional transformam essas posições numa necessidade social ou cultural. Podiam tomar decisões diferentes, mas isso exigiria repensar realmente a natureza das nossas instituições.

*A barreira da propaganda tem sido eficiente. Como escreveu Naomi Klein na Nation, “uma pesquisa da Harris feita em 2007 descobriu que 71% dos americanos creem que a queima sustentada de combustíveis fósseis provocaria mudanças climáticas. Em 2009, o número caíra para 51%. Em junho de 2011, o número de americanos que concordavam com isso caíra a 44% – bem abaixo da metade da população. Segundo Scott Keeter, diretor de pesquisas sobre enquetes do Pew Research Center for People and the Press, esta é uma das ‘maiores mudanças em curto espaço de tempo da história recente da opinião pública.’”*<sup>217</sup>

Uma maioria significativa dos americanos ainda acha que a mudança climática seja um problema sério, mas é verdade que ela encolheu. As pesquisas do Pew são muito interessantes, por serem internacionais e mostrarem que há internacionalmente uma preocupação muito forte. Nos Estados Unidos, a preocupação é muito menor do que em países comparáveis. E a queda descrita por Klein é exatamente o que elas indicam. É muito duro duvidar de que isso esteja ligado à campanha de propaganda, que tem sido feita de modo muito aberto.

Na realidade, alguns anos atrás, pouco antes das vitórias das companhias de seguro em relação à lei de reforma da saúde, o chamado Obamacare, apareceu um relatório no New York Times acerca dos líderes do American Petroleum Institute e outros grupos empresariais, que encaravam a vitória no caso da campanha da assistência médica como um



modelo para minar a preocupação acerca do aquecimento global.<sup>218</sup> Nos debates presidenciais republicanos, por exemplo, a mera menção do aquecimento global seria um suicídio político.

Alguns dos candidatos têm posições notáveis acerca da mudança climática. Ron Paul, por exemplo. Ele é bem considerado por muitos progressistas. Disse ele na Fox: “Creio que o maior embuste em muitos e muitos anos, senão séculos, tem sido o embuste acerca do meio ambiente e do aquecimento global.”<sup>219</sup> Não apresenta nenhum argumento ou prova para desconsiderar o consenso científico – eu digo isso, ponto final. Com essa postura, estamos realmente perto de perder o controle da situação.

E, na verdade, vêm sendo tomadas medidas para pôr em prática essas ideias. Um sinal da mudança de natureza no discurso da elite nos últimos anos é que os Republicanos do Congresso estão hoje tentando derrubar as poucas regulamentações e normas ambientais que existem, promulgadas no governo Nixon. Nixon pareceria um radical hoje, e Dwight Eisenhower, um super-radical.

## APRENDER A DESCOBRIR

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS (15 DE MAIO DE 2012)

*Faz mais de cinco décadas desde que você escreveu pela primeira vez sobre a gramática universal, a ideia de uma capacidade inata em cada cérebro humano que permite à criança aprender a linguagem. Quais são alguns dos mais recentes desenvolvimentos no campo?*

Bom, aí a coisa passa a ser técnica, mas vem sendo realizado um trabalho muito animador no refinamento dos princípios propostos para a gramática universal. O conceito é muito mal compreendido na mídia e nas discussões públicas. A gramática universal é algo diferente: não é um conjunto de observações universais acerca da linguagem. Na realidade, há interessantes generalizações a respeito da linguagem que vale a pena estudar, mas a gramática universal é o estudo da base genética da linguagem, da base genética da faculdade da linguagem. Não há nenhuma dúvida séria de que exista algo assim. Caso contrário, o bebê não poderia aprender reflexivamente a linguagem a partir de quaisquer dados complexos ao seu redor. Portanto, isso não é matéria controversa. A única questão é qual é a base genética da linguagem.

Há aqui algumas coisas sobre as quais podemos estar bastante confiantes. Uma delas é que está claro que não há nenhuma variação detectável entre humanos. Todos eles parecem ter a mesma capacidade. Há diferenças individuais, como em tudo, mas não há diferenças reais de grupo – salvo, talvez, bem marginalmente. Isso quer dizer, então, por exemplo, que se um bebê de uma tribo de Papua Nova Guiné que não tem tido contato com outros humanos nos últimos trinta mil anos chegar a Boulder,

Colorado, ele vai falar como qualquer criança do Colorado, porque todas as crianças têm a mesma capacidade linguística. E a recíproca é verdadeira. Isso é distintivamente humano. Não há nem de longe algo parecido com isso entre os outros organismos. Qual a explicação para isso?

Se voltarmos cinquenta anos no tempo, eram muito complexas as propostas que foram feitas quando este tema entrou para os programas. Apenas para dar conta dos fatos descritivos que víamos em muitas línguas diferentes, parecia necessário admitir que a gramática universal permitisse mecanismos muito intrincados, com grandes variações de língua para língua, porque as línguas pareciam muito diferentes umas das outras.

Nos últimos sessenta anos, um dos desenvolvimentos mais significativos, a meu ver, é o movimento constante, que prossegue hoje, no sentido de se tentar reduzir e refinar os pressupostos, para que eles conservem ou até ampliem seu poder explicativo em relação às línguas particulares, mas se tornem mais viáveis em relação a outras condições que a resposta deve satisfazer.

Seja o que for que está em nosso cérebro e gera a linguagem, desenvolveu-se bem recentemente no tempo da evolução, provavelmente nos últimos cem mil anos. Algo muito significativo aconteceu, que é provavelmente a origem do esforço criativo humano num sem-número de campos: artes criativas, fabricação de ferramentas, estruturas sociais complexas. Os paleoantropologistas às vezes chamam isso de “o grande salto para frente”. Em geral se admite, provavelmente, que essa mudança esteja vinculada ao surgimento da linguagem, para a qual não há indícios reais antes da história humana, nem em nenhuma outra espécie. Seja o que for que aconteceu, tem de ser bem simples, pois se trata de um espaço de tempo muito curto para que aconteçam mudanças evolucionárias.

O objetivo do estudo da gramática universal é tentar mostrar que há, sem dúvida, algo muito simples que pode satisfazer a estas diversas condições. Uma teoria plausível tem de dar conta da variedade de línguas e do pormenor que vemos no estudo superficial delas – e, ao mesmo tempo, ser simples o bastante para explicar como a linguagem pode ter surgido muito rapidamente, mediante alguma pequena mutação do cérebro ou algo parecido. Houve um grande progresso no sentido deste objetivo e, num esforço paralelo, tentar dar conta da evidente variabilidade das línguas, mostrando que, na realidade, as diferenças percebidas são superficiais. A

patente variabilidade está ligada a mudanças menores nuns poucos princípios estruturais, que são fixos.

Certas descobertas na biologia têm incentivado esta linha de pensamento. Se remontarmos ao fim da década de 1970, François Jacob argumentava que poderia acontecer – e é, provavelmente, certo – que as diferenças entre as espécies, por exemplo, um elefante e uma mosca, pudessem ser rastreadas até pequenas mudanças nos circuitos regulatórios do sistema genético, os genes que determinam o que outros genes fazem em determinados lugares. Ele dividiu um prêmio Nobel por trabalhos pioneiros sobre este tema.

Parece que algo semelhante possa valer para a linguagem. Há, hoje, trabalhos sobre um leque extraordinariamente amplo de línguas tipologicamente diferentes – e, cada vez mais, parece que é isso mesmo. Há muito trabalho pela frente, mas boa parte dessa pesquisa se encaixa de maneira que seria inimaginável trinta ou quarenta anos atrás.

Na biologia, até bem pouco tempo era plausível afirmar que os organismos podem variar de maneira praticamente ilimitada e que cada um deles tem de ser estudado separadamente. Hoje, isso mudou tão radicalmente, que alguns biólogos sérios propõem que há fundamentalmente um único animal multicelular – o “genoma universal” – e que os genomas de todos os animais multicelulares que se desenvolveram desde a explosão do Cambriano, meio bilhão de anos atrás, são apenas modificações de um único padrão. Esta tese não foi provada, mas é levada a sério.

Algo parecido está se passando, a meu ver, no estudo da linguagem. Na verdade, eu deveria deixar claro que esta é a perspectiva de uma minoria, se contarmos o número de seguidores. A maior parte do trabalho acerca da linguagem sequer compreende estes desenvolvimentos ou os leva a sério.

### *A aquisição da linguagem é biológica?*

Não sei como alguém possa duvidar disso. Basta considerar uma criança recém-nascida. O recém-nascido é cercado de todo tipo de estímulos, o que William James chamou, numa frase famosa, de “uma

grande, viçosa e alvoroçada confusão.”<sup>220</sup> Se pusermos, por exemplo, um chimpanzé ou um gato ou um passarinho nesse ambiente, ele só consegue captar o que está relacionado com as suas próprias capacidades genéticas. Por outro lado, o recém-nascido consegue. O bebê instantaneamente capta dados relacionados à linguagem em meio a essa massa confusa. Na realidade, hoje sabemos que isso já acontece até no útero. Os recém-nascidos são capazes de detectar certas propriedades do idioma de suas mães como distinta de alguns – não todos, mas alguns – outros idiomas.

E então vem uma progressão muito constante de aquisição de conhecimentos complexos, a maior parte deles totalmente reflexivos. O ensinamento não faz nenhuma diferença. Um bebê apenas o colhe do meio ambiente. E isso acontece com muita rapidez, de maneira muito regular. Sabe-se muita coisa sobre esse processo. Por volta dos seis meses, o bebê já analisou o que chamam de estrutura prosódica da língua, o acento, a altura – as línguas diferem umas das outras assim – e, de certo modo, já identificou a língua de sua mãe ou de seja o que for que ele ouça, sua mãe e seus amiguinhos. Por volta dos nove meses, mais ou menos, a criança já identificou a estrutura sonora relevante do idioma. Assim, quando ouvimos as pessoas de língua japonesa falarem inglês, reparamos que, do nosso ponto de vista, elas confundem o “r” e o “l”, o que significa que elas não conhecem essa distinção. Isso já está fixado na mente das crianças com menos de um ano de idade.

As palavras são aprendidas muito cedo e, se considerarmos o significado de uma palavra com alguma atenção, veremos que isso é extremamente complexo. Mas as crianças muitas vezes identificam palavras depois de se depararem com ela uma única vez, o que significa que a estrutura já devia estar na mente. Algo está sendo etiquetado com determinado som. Por volta de, digamos, dois anos, há ótimos indícios de que as crianças já dominam os rudimentos da língua. Talvez produzam apenas sentenças de uma ou duas palavras, mas há hoje indícios, experimentais ou não, de que há muito mais ali. Aos três ou quatro anos, uma criança normal terá amplas capacidades linguísticas.

Ou isso é um milagre, ou é guiado biologicamente. Simplesmente não há outra opção. Há tentativas de afirmar que a aquisição da linguagem é uma questão de reconhecimento de padrões ou de memorização, mas

mesmo um olhar superficial a estas propostas mostra que elas se esboroam muito rapidamente. Não quero dizer que elas não tenham sido tentadas. Na realidade, essas linhas de investigação são muito populares. A meu ver, porém, não passam de uma grande perda de tempo.

Há ideias estranhíssimas correndo por aí. Por exemplo, muitos trabalhos da última moda afirmam que as crianças adquirem a linguagem porque os seres humanos têm a capacidade de compreender a perspectiva de outra pessoa, segundo o que chamam de teoria da mente. A capacidade de dizer que outra pessoa pretende fazer algo se desenvolve nas crianças normais por volta dos três ou quatro anos. Mas, na realidade, se examinarmos o espectro do autismo, uma das síndromes clássicas é o fracasso em se desenvolver uma teoria da mente. É por isso que as crianças autistas, ou mesmo os autistas adultos, não parecem entender quais sejam as intenções das outras pessoas. No entanto, sua linguagem pode ser absolutamente perfeita. Além disso, essa capacidade de entender a intenção dos outros se desenvolve muito depois que as crianças já dominam quase todas as características fundamentais da linguagem, talvez todas elas. Portanto, não pode ser essa a explicação.

Há outras sugestões que tampouco podem ser verdadeiras, mas ainda se trabalha ativamente nelas. Lemos sobre elas na imprensa, como lemos coisas sobre outros organismos que têm a capacidade da linguagem. Há muita mitologia acerca da linguagem, o que é muito popular. Não quero mesmo parecer desdenhoso, mas é assim que eu me sinto. Acho que essas ideias não podem ser levadas a sério.

Seja como for a nossa faculdade de linguagem, os seres humanos a desenvolvem muito rapidamente, com base em muito poucos dados. Em algumas áreas, como o significado de expressões, praticamente não há dados. No entanto, ele é identificado com muita rapidez e muita precisão, de um modo complexo. Mesmo com as estruturas sonoras, onde há muitos dados – há sons ao nosso redor, nós os ouvimos –, ainda é um processo regular, distintamente humano. O que é impressionante, pois hoje se sabe que o sistema auditivo dos símios superiores, como os chimpanzés, é muito parecido com o sistema auditivo humano, identificando até mesmo os tipos de sons que desempenham um papel distintivo na linguagem humana. No entanto, aquilo é só barulho para os símios – nada podem fazer com aquilo. Não têm capacidades analíticas, sejam elas quais forem.

Qual é a base biológica dessas capacidades humanas? Este é um problema bem difícil. Sabemos muita coisa, por exemplo, sobre o sistema visual humano, em parte por experiências. No nível neuronal, sabemos algo sobre ele principalmente por meio de experiências invasivas em outras espécies. Quando se fazem experiências invasivas em outros mamíferos, gatos ou macacos, é possível encontrar os neurônios reais do sistema visual que respondem a uma luz em movimento em determinada direção. Mas não é possível fazer isso com a linguagem. Não há indícios comparativos, porque as outras espécies não têm essa capacidade e não é possível fazer experiências invasivas com seres humanos. Portanto, é preciso descobrir maneiras muito mais complexas e sofisticadas para conseguir chegar a algum indício de como o cérebro lida com isso. Houve certo progresso neste problema extremamente difícil, mas estamos muito longe de produzir o tipo de informação que se consegue pelas experiências.

Se fosse possível fazer experiências com seres humanos, por exemplo, isolando uma criança e controlando minuciosamente os dados apresentados a ela, aprenderíamos muita coisa sobre a linguagem. Mas, obviamente, não se pode fazer isso. O máximo a que chegamos é a observação de crianças com deficiências sensoriais, cegas, por exemplo. O que descobrimos é bastante surpreendente. Por exemplo, um estudo muito minucioso da linguagem dos cegos mostrou que eles compreendem com muita precisão as palavras visuais olhar, ver, brilhar, fitar etc., embora não tenham nenhuma experiência visual. Isso é espantoso. O caso extremo é, de fato, um material com que a minha mulher, Carol, trabalhou – adultos surdocegos. Existem técnicas para ensinar línguas para os surdos e cegos. Na verdade, Helen Keller, o caso mais famoso, as inventou para seu próprio uso. Envolve pôr a mão sobre o rosto de alguém, como os dedos nas bochechas e o polegar sobre as cordas vocais. Conseguem-se alguns dados assim, mas extremamente limitados. Mas são estes os dados disponíveis aos surdos e cegos, e eles têm uma notável capacidade linguística. Helen Keller era incrível, uma grande escritora, muito lúcida. É um caso extremo.

Carol fez um estudo aqui no MIT. Ela descobriu, ao trabalhar com pessoas com privação sensorial, que elas tinham uma capacidade linguística bem grande. É preciso fazer experiências muito sutis para descobrir coisas que elas não sabem. Na verdade, elas conseguiam se virar sozinhas. O paciente principal, o mais avançado, era um técnico de precisão na

fabricação de ferramentas, creio eu. Trabalhava numa fábrica em algum lugar do Meio Oeste. Vivia com a mulher, que também era surdacega, mas tinham descoberto um jeito de se comunicarem com campainhas pela casa e coisas que se podem tocar e que vibram. Ele também conseguia ir sozinho de sua casa até Boston para fazer as experiências. Ele portava um cartãozinho que dizia: “Sou surdo e cego. Posso pôr a minha mão no seu rosto?”, assim, se ele se perdesse, se alguém o deixasse fazer isso, ele poderia se comunicar. E vivia uma vida bem normal.

Um fato muito impressionante é que todos os casos bem-sucedidos eram de pessoas que haviam perdido a vista e a audição por volta dos dezoito meses de idade ou mais – naquela época, era principalmente por causa da meningite espinal. As pessoas com idade menor do que essa ao se tornarem surdas e cegas nunca aprendiam a linguagem. Não havia casos suficientes para provar realmente coisa nenhuma, portanto os resultados do estudo nunca foram publicados, mas este era um resultado bem geral. Helen Keller se encaixa nele. Tinha vinte meses de idade quando perdeu a vista e a audição. Isso sugere, no mínimo, que aos dezoito ou vinte meses uma enorme quantidade de linguagem já seja conhecida. Não pode se evidenciar, mas está lá, em algum lugar, e provavelmente pode ser de alguma forma estimulada a se revelar.

*Sabe-se que a capacidade de aprender línguas começa a diminuir de modo bem acentuado por volta dos quinze anos.*

Isso está, descritivamente, correto, embora, mais uma vez, não 100% correto. Há variações individuais. Há indivíduos que podem aprender uma língua em nível praticamente de língua materna com idade muito mais avançada. Um deles aliás trabalhava em nosso departamento – Kenneth Hale, um dos grandes linguistas modernos, podia aprender uma língua como um bebê. Costumávamos brincar com ele, dizendo que ele nunca crescera.

*É uma exceção?*



É. Grosso modo, o que você disse está certo. O fundamento não é muito conhecido, mas há algumas ideias a este respeito. Uma das coisas que sabemos é que, desde o comecinho, o desenvolvimento do cérebro implica a perda de capacidades. Nosso cérebro está configurado de maneira que possa aprender tudo o que um ser humano possa aprender. No caso das línguas, por exemplo, está configurado para podermos aprender japonês, bantu, mohawk, inglês etc. Com o tempo, isso vai diminuindo. Em alguns casos, diminui até com alguns meses de idade. O que acontece com todas as capacidades cognitivas, não só no caso da linguagem, é que estão sendo perdidas ligações sinápticas, conexões internas ao cérebro. O cérebro está sendo simplificado, refinado. Algumas coisas se tornam mais eficientes, outras simplesmente desaparecem. Há aparentemente uma grande perda de sinapses na puberdade ou pouco antes, o que pode ser relevante.

*Assisti a um dos seus seminários de linguística aqui no MIT alguns anos atrás, e fiquei impressionado com algumas coisas. Primeiro, eu era um dos poucos não asiáticos de sua classe. Eram principalmente alunos vindos do Sul e do Leste asiáticos. A outra coisa é a quantidade de matemática envolvida. Você sempre estava escrevendo fórmulas na lousa.*

Devemos deixar isso bem claro. Não é matemática profunda. Não é como provar teoremas difíceis em topologia algébrica ou coisa parecida. Mas há boas razões pelas quais certa sofisticação na matemática seja pelo menos vantajosa, talvez necessária, para trabalhos avançados. A razão fundamental é que a linguagem é um sistema computacional. Assim, qualquer outra coisa que ela também seja, a capacidade que nós dois estamos usando e compartilhando se baseia num procedimento computacional que forma um leque infinito de expressões hierarquicamente estruturadas.

*Muita gente confunde a linguística com a capacidade de falar muitas línguas. Então, no seu caso, as pessoas pensam, ah, Chomsky, ele deve conhecer dez ou doze línguas. Mas na verdade a linguística é outro*

*universo. Explique por que é importante o estudo da linguagem. Você evidentemente se entusiasma com ele. Dedicou a maior parte da vida a ele.*

Devo dizer que às vezes se faz uma distinção entre “linguistas” e linguistas. O linguista é aquele que sabe falar um monte de línguas; o linguista é aquele que se interessa pela natureza da linguagem.

Por que é interessante? Pense no retrato que apresentei antes, que acho razoavelmente incontroverso. Em algum momento no passado muito recente, de um ponto de vista evolutivo, aconteceu algo muito dramático na linhagem humana. Os seres humanos desenvolveram o que hoje temos: um leque muito amplo de capacidades criativas, desconhecidas nos registros anteriores ou entre outros animais. Não há nada análogo a elas. Este é o núcleo da natureza cognitiva, moral, estética do homem – e bem no âmago dela estava o surgimento da linguagem.

É muito provável, aliás, que a linguagem tenha sido a alavanca pela qual as outras faculdades se desenvolveram. Na verdade, as outras faculdades talvez estejam apenas pegando carona com a linguagem. É possível que nossas faculdades matemáticas e – muito provavelmente – as nossas capacidades morais tenham se desenvolvido de um modo parecido, talvez com base nos mecanismos analíticos e computacionais que produzem a linguagem em toda a sua rica complexidade. Até onde entendemos essas outras coisas, o que não é muito, parece que estão usando os mesmos mecanismos computacionais ou outros parecidos.

*Sem dúvida, a cultura influencia e molda a linguagem, ainda que não a determine.*

Esse é um comentário comum, mas quase não tem sentido. O que é cultura? Cultura é apenas um termo genérico para tudo o que acontece. Sim, é claro, tudo o que acontece influencia a linguagem.

*Se estivermos, por exemplo, num ambiente violento, isso não molda o vocabulário? Isso não nos levaria a falar de “epicentro” e “Ground Zero” e “terrorismo” e outras expressões do léxico da violência?*

Sem dúvida, há um efeito sobre as escolhas léxicas. Podemos tomar qualquer língua existente e acrescentar esses conceitos a ela – uma questão razoavelmente trivial. Mas nada sabemos mesmo acerca dos efeitos da cultura nas escolhas léxicas. Na minha opinião, é improvável que os ambientes culturais afetem de maneira significativa a natureza da linguagem. Tomemos, por exemplo, o inglês, e voltemos a seus primeiros tempos. O inglês era diferente no tempo de Chaucer ou no tempo do Rei Artur, mas a língua não mudou de maneira fundamental, e o vocabulário mudou. Não muito tempo atrás o Japão era uma sociedade feudal e hoje é uma moderna sociedade tecnológica. O idioma japonês mudou, é claro, mas não de maneira que reflita essas mudanças. E se o Japão voltasse a ser uma sociedade feudal, a língua tampouco mudaria muito.

O vocabulário muda, é claro. Falamos sobre coisas diferentes. Por exemplo, a tribo de Papua Nova Guiné que mencionei há pouco não teria uma palavra para computador. Mas, repito, isso é muito trivial. Pode-se acrescentar uma palavra para computador. O trabalho desenvolvido por Ken Hale desde a década de 1970 sobre esta questão é muito instrutivo. Ele era um especialista em línguas aborígenes australianas e mostrou que muitas dessas línguas carecem de elementos que são comuns nas línguas indo-europeias. Por exemplo, não há palavras para números ou cores e não há orações subordinadas relativas. Ele estudou o tema em profundidade e mostrou que essas carências eram muito superficiais. Então, por exemplo, as tribos com que trabalhou não tinham números, mas não tinham dificuldade para contar. Assim que passaram para uma sociedade de mercado e tiveram de lidar com a contagem, simplesmente usaram outros mecanismos. Em vez de vocábulos para números, eles usavam a mão para cinco, duas mãos para dez. Não havia palavras para cores; talvez tivessem só preto e branco, que aparentemente todas as línguas têm. Mas usavam expressões de tipo como sangue para o que chamamos de vermelho.

A conclusão de Hale foi de que todas as línguas são fundamentalmente a mesma. Há buracos. Temos muitos buracos em nossa língua que as outras línguas não têm. É mais ou menos como falei antes sobre se os organismos variam infinitamente ou existe um genoma universal. Se examinarmos os organismos, eles parecem muitíssimo diferentes, portanto era muito natural supor, cinquenta anos atrás, que eles variassem de todas as maneiras possíveis. Quanto mais aprendíamos, menos plausível isso parecia. Há

grande conservação de genes. As leveduras têm uma estrutura genética que não é tão diferente assim da nossa, sob muitos aspectos, embora as leveduras tenham uma aparência muito diferente da nossa. Mas existem processos biológicos que apenas se mostram de maneira diferente na superfície e parecem diferentes até que os compreendamos. E algo parecido vale para a linguagem. O trabalho de Ken sobre este tema é o mais sofisticado. Há muita discussão popular sobre “dados semelhantes” hoje, mas a maior parte dela é extremamente superficial e ignorante. Na realidade, não há quase nada que esteja sendo discutido hoje de que não falássemos de maneira muito mais séria quarenta anos atrás.

*Acho que as pessoas que se limitam a ler os seus livros não se dão conta de que você tem um lado brincalhão. No seminário de linguística de que participei, eu disse a você que tinha de sair mais cedo e você me disse para balançar a cabeça para frente e para trás, ao sair da sala de aula, e dizer: “Não sei do que esse tal de Chomsky está falando. É só um monte de bobagem.”*

É assim que tudo isso soa quando não se tem a formação necessária. Existe esta ideia de senso comum: quando falo, não penso em nada dessas coisas de que os linguistas estão falando. Não tenho nenhuma dessas estruturas na cabeça. Então, como isso pode ser real? Esse tipo de antiintelectualismo profundo, uma insistência na ignorância, cobre boa parte da cultura. Com as discussões sobre a linguagem, é quase onipresente.

Pode-se dizer o mesmo sobre a visão. Por exemplo, uma das coisas mais interessantes que se conhecem sobre o sistema visual é que ele tem propriedades essenciais que interpretam a realidade complexa em termos de objetos rígidos em movimento. Na verdade, quase nunca vemos objetos rígidos em movimento. Não faz parte da experiência. Mas é assim que o sistema visual funciona.

Vejamos o caso, por exemplo, de uma partida de beisebol. Quando interpretamos um outfielder pegando uma bola no ar, nem nós nem ele perscrutamos introspectivamente o método pelo qual ele faz isso, o que é uma coisa muito notável. Coisas do tipo: como o outfielder sabe imediatamente para onde correr logo que ouve o som da batida? É um

cálculo muito sofisticado, que compreendemos bastante bem. Mas não o examinamos introspectivamente. Na verdade, se fizéssemos isso, erraríamos feio e não conseguiríamos pegar a bola. É mais ou menos como tentar examinar introspectivamente como digerimos a comida. Não podemos fazer isso. As pessoas acham que deveríamos poder fazer isso nas áreas cognitivas porque somos parcialmente conscientes – temos, pelo menos, uma consciência de alguns dos aspectos superficiais de nossas ações. Por exemplo, sabemos que estamos correndo para pegar uma bola. Mas a consciência de aspectos superficiais de nossa atividade não nos dá nenhuma percepção dos cálculos internos ao cérebro que permitem que tais ações aconteçam.

*Você disse muitas vezes que os seus trabalhos linguístico e político não se cruzam de modo algum. Mas o que é impressionante é o seu poder de síntese, sua capacidade de reunir informações as mais díspares numa imagem coerente.*

Acho que qualquer um pode fazer isso. Não tenho talentos especiais neste aspecto. Há alguns talentos que são, por assim dizer, úteis para as ciências – ou para o estudo, por exemplo, das relações internacionais ou pessoais. Um desses talentos que todos têm, se quiserem se valer dele, é a capacidade de se intrigar. Por que as coisas acontecem assim? Se examinarmos a história da ciência moderna, essa capacidade tem produzido resultados impressionantes sob muitos aspectos. Albert Einstein estava interessado na questão de como veríamos o mundo se estivéssemos viajando à velocidade da luz. Estava intrigado com isso. Daí nasceram ideias importantes.

A ciência moderna realmente se desenvolveu a partir da disposição de questionar coisas que sempre haviam sido consideradas óbvias. Se eu segurar com as mãos uma taça cheia de água fervente e depois soltá-la, o vapor sobe e a taça cai. Por quê? Durante milênios, os melhores cientistas tinham uma resposta: a taça e o vapor iam para o seu lugar natural. O lugar natural do vapor é lá em cima, o lugar natural da taça é lá embaixo. Fim de papo. Mas Galileu e mais outros decidiram que estavam intrigados com esse acontecimento. Por que acontece isso? E assim que começaram a se

intrigar, a pergunta começou a se mostrar significativa. Assim que olhamos com atenção, descobrimos que todas as nossas intuições estão erradas. A nossa intuição é que uma bola pesada e uma bola leve caíam com velocidades diferentes. Mas não é assim. Na realidade, quase todas as intuições estão erradas. A ciência moderna surgiu desta compreensão.

Quando passamos à área social e política, há certas doutrinas que são tidas como óbvias, como as coisas que vão para o seu lugar natural. Por exemplo, os Estados Unidos são um agente do bem. Cometem erros, mas seus líderes estão empenhados em fazer o bem no mundo. As pessoas cometem erros, este mundo é complicado, mas estamos promovendo a democracia. Amamos a democracia. Se você não aceitar esses dogmas, simplesmente não toma parte do discurso. Isto vale para o discurso ordinário. Vale em grau notável para a atividade acadêmica profissional. Vale para a maioria esmagadora da mídia. Podemos descobrir caso por caso.

Dê uma olhada num artigo do New York Times escrito por Bill Keller, o ex-editor executivo do jornal, sobre o nosso caráter inerentemente benévolo.<sup>221</sup> Ele ressalta que há exceções muito perturbadoras: apoiamos no passado e continuamos a apoiar no presente graves atrocidades em Bahrein e nada fazemos contra o mais reacionário Estado da região, Arábia Saudita. Diz ele que essas exceções são perturbadoras porque não se encaixam em nossa natureza geral. É algo do nível de “as coisas vão ao seu lugar natural”.

Não é preciso ser muito brilhante para reconhecer que isso não é esquizofrenia e nada tem de surpreendente. É exatamente assim que os grandes Estados operam. Eles têm estruturas domésticas de poder que determinam a política. Há muitos outros fatores, mas não são esmagadoramente significativos. Se considerarmos os objetivos e as intenções das elites políticas, tudo se encaixa. É claro, se adotarmos essa postura, somos excluídos do discurso polido – como, aliás, Galileu o foi. Não conseguiu convencer os financistas, os aristocratas, de que as suas ideias faziam sentido, porque elas eram muito contrárias ao senso comum. Sofreu por isso sob a Inquisição, como os dissidentes costumam sofrer. Foi forçado a renunciar a tudo aquilo em que acreditava. Diz a lenda que teria sussurrado “Eppur si muove” (“E no entanto se move”). Se é ou não verdade, não sei.

Quase toda sociedade de que tenho notícia, desde os primeiros documentos, ameaça aqueles que chamamos de dissidentes, pessoas que se afastam do consenso estabelecido, de modo bem rude. O grau de rudeza depende da sociedade. Outra coisa interessante sobre a nossa cultura é que ficamos muito indignados com o tratamento duro dado aos dissidentes em países inimigos. Assim, o tratamento dispensado a Václav Havel ou Alexander Soljenítsin, por exemplo, é considerado uma total indignidade, e com razão. Podemos encontrar inúmeros artigos do New York Times acerca do horrível tratamento dispensado aos dissidentes em outros países. Mas se considerarmos os fatos, os dissidentes nos domínios norte-americanos são tratados de maneira muito mais severa. Pode-se ler na Cambridge History of the Cold War [História da Guerra Fria, da Cambridge University Press] que desde 1960 o número de assassinatos, torturas e outras atrocidades nos domínios norte-americanos supera em muito tudo o que se passou nos domínios soviéticos e russos.<sup>222</sup> Isso é obviamente verdade. Então, é verdade que Havel foi preso – o que é péssimo. Explodiram as cabeças de seis intelectuais jesuítas em El Salvador<sup>223</sup> – pior ainda. Na verdade, ninguém sequer sabe o nome deles. Todos sabem os nomes dos dissidentes do leste europeu. Agora tente achar alguém que conheça os nomes dos dissidentes em, digamos, El Salvador ou na Colômbia, em qualquer um dos domínios norte-americanos.

*Boa parte da chamada nova mídia, Facebook e Twitter, mais os chamados dispositivos manuais, iPads, tablets etc., está criando maior atomização social e isolamento. Tive a experiência de estar num restaurante onde todos estavam debruçados sobre seus iPhones, enviando mensagens e consultando os e-mails. Que impacto pode ter isso sobre a sociedade?*

Não faço mesmo parte dessa cultura, de jeito nenhum, portanto só estou observando-a de fora, e não com muita intensidade ou compreensão. Mas a minha impressão é que as pessoas que dela participam, os jovens que dela participam, têm uma sensação de intimidade e interação. Mas devo dizer que isso me faz lembrar um amigo íntimo meu que, quando criança, tinha um caderninho onde escrevia o nome de todos os amigos. Ele

costumava se gabar de ter duzentos amigos, o que significava que ele não tinha nenhum amigo, porque ninguém tem duzentos amigos. E desconfio que seja mais ou menos isso. Se você tem uma multidão de amigos no Facebook ou coisa parecida, deve ser algo bem superficial. Se é essa a sua abertura para o mundo, está realmente faltando alguma coisa na sua vida.

Na realidade, um dos aspectos significativos dos movimentos Ocupe, talvez seu aspecto mais significativo, é a maneira como vêm superando isso, criando comunidades reais de pessoas que interagem, que têm associações e vínculos e ajudam umas às outras, dão apoio umas às outras, falam livremente umas com as outras, algo que faz muita falta em toda a sociedade. Isso acontece de forma dispersa, é claro. Mas acho que tem havido por muito tempo um esforço consciente de atomizar a sociedade, de isolar as pessoas, de romper o que a literatura sociológica chama de associações secundárias: grupos que interagem e constroem espaços em que as pessoas podem formular ideias, testá-las, começar a entender as relações humanas e aprender o que significa cooperar uns com os outros. Os sindicatos eram um dos principais exemplos disso, e esta é parte da razão de seu impacto em geral muito progressivo sobre a sociedade. E, é claro, eles têm sido um alvo importante de ataque, creio que, em parte, por esta razão.

Todo o conceito de solidariedade social é considerado muito perigoso pelo poder concentrado. Isto vale para qualquer sistema, e é algo muito pronunciado entre nós.

Embora as redes sociais sejam sem dúvida de grande valia para organizar e manter vivas certas relações, creio que elas contribuam para a atomização. Esta é a minha impressão superficial desde fora.

*Falemos sobre a educação numa sociedade capitalista. Você lecionou durante muitos anos. Uma de suas principais influências foi o educador John Dewey, descrito por você como “uma das relíquias da tradição liberal clássica do Iluminismo.”*<sup>224</sup>

Uma das principais conquistas dos Estados Unidos é ter sido pioneiro na educação pública de massa, não só da educação de elite para uns poucos e, quem sabe, certo treinamento para a maioria, se é que algum. A abertura



de faculdades e escolas financiadas por terras cedidas pelo governo, no século XIX, foi um avanço muito significativo. Mas se olharmos para trás no tempo, as razões para isso foram complexas. Na verdade, Ralph Waldo Emerson examinou uma delas. Ficou intrigado com o fato de que as elites empresariais – ele não usou estas palavras – estivessem interessadas na educação pública. Especulou que a razão era que “devemos educá-los para que não cortem nossos pescoços.”<sup>225</sup> Em outras palavras, a massa da população está conquistando mais direitos e a menos que seja adequadamente educada, pode vir em nosso encalço.

Há um corolário para isso. Quando se tem uma educação livre, que gere criatividade e independência, a maneira de se considerar o mundo de que falamos antes é que as pessoas vão querer cortar a sua cabeça, pois elas não vão querer ser governadas. Portanto, desenvolvamos um sistema de educação de massa, mas de um tipo especial, que inculque a obediência, a subordinação, a aceitação da autoridade, a aceitação da doutrina. Um sistema que não provoque muito questionamento. A educação proposta por Dewey era bem o contrário disso. Era uma educação libertária.

Os conflitos acerca do tipo de educação ideal remontam aos primórdios do Iluminismo. Havia duas imagens marcantes que, a meu ver, captam a essência do conflito. Uma delas é a de que a educação deva ser como derramar água num balde. Como todos sabemos por experiência, o cérebro é um balde com muito vazamento, podemos estudar para um exame sobre algum assunto de um curso em que não estamos interessados, aprender o suficiente para passar no exame e uma semana depois esquecermos tudo sobre esse curso. A água vazou. Mas essa abordagem da educação nos treina para sermos obedientes e cumprirmos ordens, mesmo as ordens sem sentido. O outro tipo de educação foi descrito por um dos grandes fundadores do sistema moderno de educação superior, Wilhelm von Humboldt, figura de proa e fundador do liberalismo clássico. Dizia ele que a educação deve ser como dar uma pista que o estudante segue à sua maneira.<sup>226</sup> Ou seja, oferecer uma estrutura geral em que o aprendiz – seja ele criança ou adulto – explore o mundo de sua própria maneira criativa, individual e independente. Desenvolver conhecimento, não só adquiri-lo. Aprender a aprender.

É esse o modelo que encontramos numa boa universidade científica. Assim, se você estiver no MIT, um curso de física não é uma questão de derramar água num balde. Isso foi descrito magnificamente por um dos grandes físicos modernos, Victor Weisskopf, que faleceu alguns anos atrás. Quando os estudantes lhe perguntavam qual seria a matéria do curso, ele dizia: “Não importa a matéria. O que importa é o que vocês descobrem.” Em outras palavras, se você conseguir aprender a descobrir, então não importa qual seja a matéria. Você pode usar esse talento para outras coisas. Esta é essencialmente a concepção da educação de Humboldt.

Devo dizer que aprendi isso não nos livros, mas por experiência. Eu estudei numa escola experimental deweyiana, e era assim que as coisas funcionavam – parecia muito natural. Só mais tarde vim a ler sobre isso.

A batalha sobre a educação vem ocorrendo já há muito tempo. A década de 1960 foi um período importante de agitação, ativismo, exploração e exerceu um grande efeito civilizador sobre a sociedade: direitos civis, direitos das mulheres, muita coisa. Mas, para as elites, aqueles foram tempos perigosos, pois exerceram um efeito civilizador forte demais sobre a sociedade. As pessoas estavam questionando a autoridade, querendo conhecer respostas, não só aceitar tudo que era oferecido. Houve um “excesso de democracia.”<sup>227</sup>

Buscar respostas – isso é assustador. Houve uma reação imediata na década de 1970, e ainda estamos vivendo com os resultados disso. Tudo isto está bem documentado. Dois dos mais impressionantes documentos, cuja leitura creio valer muito a pena, de extremos opostos do espectro, são, à direita, o memorando Powell e, na chamada esquerda, o relatório da Comissão Trilateral.

Lewis Powell era um lobista empresarial da indústria do tabaco, muito próximo a Nixon, que mais tarde o designou para a Corte Suprema. Em 1971, ele escreveu um memorando para a Câmara de Comércio, o principal lobby empresarial.<sup>228</sup> Era para ser secreto, mas vazou. É uma leitura muito interessante, não só pelo conteúdo, mas também pelo estilo, muito típico da literatura empresarial e da cultura totalitária em geral. É uma leitura parecida com a do NSC-68.<sup>229</sup> A sociedade inteira está desmoronando, tudo está se perdendo. As universidades estão sendo tomadas pelos seguidores de Herbert Marcuse. A mídia e o governo foram tomados pela

esquerda. Ralph Nader está destruindo a economia privada, e assim por diante. Os homens de negócio são os elementos mais perseguidos da sociedade, mas não devemos aceitar isso, dizia Powell. Não devemos deixar esses malucos destruírem tudo. Nós temos a riqueza, somos os administradores das universidades, somos os donos da mídia, não devemos deixar tudo isso acontecer. Podemos nos unir e usar nosso poder para forçar as coisas na direção que quisermos – ele usou, é claro, palavras bacanas, como democracia e liberdade.

Trata-se de uma caricatura tão grotesca, que ficamos imaginando que espécie de loucura pode gerar algo assim. Mas é normal. Como para uma criança de três anos que não consegue impor sua vontade, se você acha que deve ter tudo e perde alguma coisa, já acha que tudo se perdeu. É bem essa a atitude daqueles que estão acostumados com o poder e creem ter direito a ele.

No extremo oposto do espectro, temos o relatório da Comissão Trilateral, *A Crise da Democracia*, escrito basicamente por internacionalistas liberais, por liberais do governo Carter. Estavam preocupados com o que consideravam ser o fracasso das “instituições que têm desempenhado o papel principal na doutrinação dos jovens”.<sup>230</sup> Os jovens não vêm sendo doutrinados da maneira correta pelas escolas, pelas igrejas. Isso fica claro pela pressão por democracia demais. E temos de fazer algo em relação a isso. Não é muito diferente do memorando Powell. É um pouco mais matizado, mas a ideia é essencialmente a mesma.

Liberdade demais, democracia demais, doutrinação insuficiente – como lidar com isso? No sistema educacional, move-se no sentido de maior controle, mais doutrinação, redução das experiências perigosas com a liberdade e a independência. É o que temos visto. Essas mudanças correspondem ao período em que começou a ocorrer a transformação das universidades em empresas, com um forte aumento das estruturas administrativas e uma abordagem de estilo contábil da educação, e também quando os custos do ensino começaram a subir. O problema dos custos do ensino se tornou tão enorme, que hoje está nas primeiras páginas. A dívida estudantil está na escala da dívida com cartões de crédito e hoje provavelmente a supera.<sup>231</sup> Os estudantes são onerados com dívidas imensas. Mudaram as leis para que não haja saída – nada de falência, nada

de escapatória.<sup>232</sup> Assim, você está encurralado para o resto da vida. É uma bela técnica de doutrinação e controle.

Não há razões econômicas para elevar os custos do ensino. Na década de 1950, a nossa sociedade era muito mais pobre, mas a educação era essencialmente gratuita. A lei GI<sup>R</sup> era, evidentemente, seletiva – feita para brancos, não para negros, sobretudo para homens, não para mulheres –, mas realmente oferecia educação gratuita para uma imensa parcela da população que, sem isso, jamais poderia frequentar as universidades.<sup>233</sup> De um modo mais geral, os custos do ensino eram muito baixos para os padrões atuais. Isso era muito útil para a economia, aliás. As décadas de 1950 e 1960 foram as de maior crescimento econômico da história, e a população recentemente educada foi parte significativa dessa história.

Hoje somos uma sociedade muito mais rica do que na década de 1950. A produtividade cresceu muito. Há muito mais riqueza. Portanto, é ridículo dizer que a educação não possa ser financiada. Chega-se à mesma conclusão quando consideramos os outros países, como, por exemplo, o México, que é um país pobre. Tem um sistema de educação superior bem decente, de alta qualidade. O salário dos professores é baixo, para os nossos padrões, mas o sistema é muito respeitável – e é gratuito. Na verdade, o governo tentou, alguns anos atrás, acrescentar uma pequena mensalidade, mas houve uma greve nacional dos estudantes e ele recuou.<sup>234</sup> Assim, a educação nesse país pobre ainda é gratuita. O mesmo vale em países ricos como a Alemanha e a Finlândia, que têm o melhor sistema educacional do mundo, segundo diversas avaliações.<sup>235</sup> A educação nesses países é gratuita – ou praticamente gratuita. Se considerarmos a porcentagem do nosso produto interno bruto que seria necessária para oferecer educação superior gratuita, ela é mínima. Portanto, é muito difícil alegar que haja razões econômicas fundamentais para o aumento do preço da educação. Mas isso tem um efeito de controle e doutrinação.

Consideremos a educação do jardim da infância ao ensino médio. Políticas como a de “Nenhuma criança deixada para trás” de Bush e “Corrida para o topo” de Obama, apesar do que eles possam afirmar, basicamente exigem que as escolas ensinem com vistas ao exame. Eles controlam os professores e se certificam de que eles não ajam de maneira

independente, o que é mais um passo na direção da imposição de um modelo empresarial, como nas faculdades. Todos os que têm alguma experiência com o sistema do jardim ao ensino médio sabe como ele funciona. Exige-se que os alunos se conformem, decorem coisas para passar no próximo exame. E há medidas punitivas para manter os professores na linha. Se os alunos não obtiverem uma nota suficiente no exame – o que poderia querer dizer que eles são criativos e independentes demais –, o professor estará em apuros. Assim, eles são obrigados a se conformar com esse sistema.

Enquanto isso, os problemas básicos do sistema educacional nunca são tratados. Seu financiamento é muitíssimo insuficiente. O tamanho das classes é grande demais. Diane Ravitch, antes uma crítica conservadora da educação e que hoje combate o sistema atual, de que é profunda conhecedora, desenvolveu recentemente certo trabalho comparativo com o sistema educacional finlandês, aquele que consegue os melhores resultados do mundo. Ela mostrou que uma das principais diferenças é que os professores são respeitados na Finlândia.<sup>236</sup> A docência é uma profissão respeitada. Boa gente entra para esse setor de atividade. Os professores exercem seu trabalho com energia e iniciativa. Dispõem de boa dose de liberdade para fazerem experiências, explorar, deixar os alunos pesquisarem por si mesmos.

Na Science, revista da Associação Americana para o Progresso da Ciência, Bruce Alberts, um bioquímico, escreveu uma série de editoriais acerca da educação científica.<sup>237</sup> O que ele diz é muito interessante. Diz que a educação científica está cada vez mais sendo projetada no sentido de matar qualquer interesse pela ciência. Se você estiver na faculdade, talvez tenha de decorar um monte de nomes de enzimas ou coisa parecida. Se estiver na escola elementar, decora a tabela periódica. Ao estudar a descoberta do DNA, só ensinam a você o que os cientistas já descobriram. Você decora o fato de que o DNA é uma hélice dupla. A ciência vem sendo ensinada de maneira tal que se perde todo o prazer com ela, não se mostra o que é uma descoberta. É o oposto da perspectiva de Weisskopf, de que o que importa é o que se descobre, não a matéria do curso.

Alberts dá alguns bons exemplos de alternativas que funcionam. Numa sala de jardim da infância, cada criança recebia um prato com uma mistura

de pedrinhas, conchas e sementes e perguntavam a ela: “Como você sabe que uma coisa é uma semente?”<sup>238</sup> Assim, a aula começou com o que chamaram de “conferência científica”. As crianças se reuniram e discutiram as diversas maneiras de se representar o que é uma semente. Eram guiadas pela professora, e então se as coisas perdessem o rumo, ela podia intervir. Mas essencialmente fornecendo uma pista. É essa a sua tarefa: compreender. E com o tempo, as crianças compreenderam. Fizeram algumas experiências, aventaram novas ideias, interagiram. No fim desse programa, cada criança recebeu uma lente de aumento. Elas cortaram as sementes e descobriram como é o embrião que dá energia à semente e a diferença de uma pedrinha. Essas crianças aprenderam alguma coisa. Não só aprenderam algo sobre sementes, o que não é lá muito importante, mas aprenderam o que é descobrir alguma coisa, algo divertido e emocionante, aprenderam por que devemos tentar fazer o mesmo com outras coisas, por que devemos ficar intrigados e investigar.

Isso pode ser feito em qualquer nível de educação. Uma amiga minha que dá aulas na sexta série uma vez me descreveu como ensinara aos alunos a Revolução Americana. Algumas semanas antes de receberem essa tarefa, ela começou a agir com muito rigor, dando ordens, mandando fazer coisas, exigindo que as crianças fizessem todo tipo de coisas que elas não queriam fazer. Elas ficaram loucas da vida e quiseram fazer alguma coisa contra aquilo. Começaram a se unir e protestar. Quando chegou o momento certo, ela começou a lição sobre a Revolução Americana. Disse: “Muito bem, agora vocês podem ver por que as pessoas se revoltam”. E as crianças entenderam. Esse é o tipo de ensinamento criativo que não passa necessariamente em algum exame convencional; mas permite que as crianças aprendam. Isso pode ser feito em qualquer nível, do jardim da infância à universidade, em qualquer matéria – história, ciência, seja o que for.

São estes, então, os dois conceitos. E está muito claro em que direção o sistema vem sendo pressionado – e creio que há uma razão para isso. Temos de educar as pessoas para que elas não cortem os nossos pescoços, como disse Emerson muito tempo atrás. No nível do jardim ao Ensino Médio, tenta-se hoje destruir o sistema público de educação. É essencialmente esse o significado das escolas charter. Não produzem

resultados melhores. Elas comem do prato público, o público paga por elas, mas estão essencialmente fora do sistema público e sob um controle muito mais privado, foram essencialmente privatizadas. Isso está destruindo a ética do sistema educacional público. A ética desse sistema é a solidariedade. Temos um sistema público de educação porque devemos nos preocupar se há para as crianças que não conhecemos, e que nada têm a ver conosco, a oportunidade de elas irem para a escola. Isso é solidariedade social, mas é muito perigoso – o oposto da atomização.

Minha impressão é de que a Previdência Social está sob ataque pelas mesmas razões. Não há razões econômicas. Está em ótima forma; com alguns reparos, pode seguir em frente indefinidamente.<sup>239</sup> Mas é sempre citada como um dos grandes problemas. Temos de fazer alguma coisa com a Previdência Social. Acho que é a mesma questão: trata-se de um sistema baseado no conceito de que devemos nos preocupar com os outros, devemos nos preocupar com o problema de se os idosos que não conhecemos podem viver uma vida decente. Não podemos ter esse tipo de coisa. Se uma viúva em algum lugar não tem o que comer, o problema é dela. Ela casou com o marido errado ou não investiu corretamente. Numa sociedade em que cada um cuida só de si mesmo, ninguém se importa com mais ninguém.

Perguntaram a Ron Paul<sup>S</sup> num debate presidencial o que fazer se “algo terrível acontecer” com um sujeito que não tenha seguro de saúde. Ele respondeu: “É esse o significado da liberdade: assumir seus próprios riscos.”<sup>240</sup> Na realidade, quando o moderador insistiu nisso, ele recuou e disse que as pessoas sem seguro de saúde seriam cuidadas pela família ou pela igreja. Em seguida, Rand Paul<sup>T</sup> – e isto é mais interessante – disse que o sistema de saúde nacional equivale a escravidão.<sup>241</sup> Ele disse: “eu sou médico e se houver um sistema de saúde nacional, o governo vai estar me forçando a tratar de alguém que está doente. Por que devo ser um escravo do Estado?” Aqui temos a patologia capitalista em sua forma mais extrema, maluca. É o oposto da solidariedade, do apoio mútuo, da ajuda mútua.

*Isso é uma forma de darwinismo social?*



Nem chamaria isso de darwinismo social. É sofisticado demais. É só: eu cuido de mim e de mais ninguém – e é assim que deve ser. Apareceu recentemente um estudo elaborado no Instituto de Política da Universidade de Harvard acerca da atitude dos jovens de dezoito a vinte e nove anos de idade.<sup>242</sup> Era muito impressionante. Há muita simpatia pelo que nos Estados Unidos são chamadas de ideias libertárias. O libertário nos Estados Unidos está muito próximo do totalitário. Se realmente pensarmos até o fim o que chamam de conceitos libertários, eles dizem fundamentalmente que devemos ceder o poder de decisão para concentrações de poder privado e com isso todos serão livres. Não digo que as pessoas que defendam essas ideias tenham essa intenção, mas se as pensarmos até o fim, é essa a consequência, além da decomposição dos laços sociais. Muitos jovens sentem-se atraídos por essas ideias. Por exemplo, menos da metade dos que responderam à pesquisa de Harvard achava que o governo deveria garantir um seguro de saúde ou “as necessidades básicas, como alimentação e moradia” aos necessitados que não têm como conseguir isso.<sup>243</sup>

Quando se fala do governo nos Estados Unidos, estão falando de alguma força alienígena. O ódio à democracia está tão profundamente arraigado no sistema doutrinal, que não pensamos no governo como nosso instrumento. É algum instrumento alienígena. Deu muito trabalho fazer as pessoas odiarem a democracia. Numa sociedade democrática, na medida em que é uma sociedade democrática, o governo é você. São as suas decisões. Mas aqui o governo é retratado como algo que nos ataca, e não como o instrumento para fazermos o que decidirmos.

Na realidade, uma das mais apavorantes estatísticas da pesquisa de Harvard está relacionada com o meio ambiente. Só 28% acham que “o governo deva agir com maior energia para diminuir a mudança climática, mesmo em detrimento do crescimento econômico.”<sup>244</sup> Se continuar assim, é a sentença de morte da espécie. Mas esse é o resultado antecipado do grande ataque à solidariedade social, à participação, à interação e aos fundamentos da democracia.

O dia 15 de abril, aquele em que pagamos os nossos impostos, nos dá uma boa indicação de como a democracia está funcionando. Se a democracia estivesse funcionando mesmo, o dia 15 de abril seria um dia de festa. É o dia em que nos reunimos para ajudar a colocar em prática as



políticas que decidimos. É assim que o 15 de abril devia ser, mas aqui é um dia de luto. Essa força alienígena veio para roubar o nosso suado dinheirinho. Isso mostra um desprezo total pela democracia, e é natural que uma sociedade e um sistema doutrinal governados pelas empresas tentem inculcar essa crença.

## ARISTOCRATAS E DEMOCRATAS

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS (15 DE MAIO DE 2012)

*Houve um grande escândalo sexual envolvendo a Cúpula das Américas em Cartagena, Colômbia, na primavera de 2012, mas numa coluna do New York Times Syndicate, você destacou alguns desenvolvimentos mais substantivos.*<sup>245</sup>

Foi, de fato, uma conferência muito interessante e significativa. Os participantes não produziram uma declaração formal, porque não conseguiram chegar a um consenso. A razão pela qual não chegaram a um consenso foi que, em duas questões importantes, os Estados Unidos e o Canadá rejeitaram aquilo em que o resto do hemisfério insistia, a inclusão de Cuba e um exame sério da descriminalização da política relativa às drogas.<sup>246</sup> Isso é muito significativo, mais um passo na direção do isolamento dos Estados Unidos e do Canadá – e da integração dos países latino-americanos e caribenhos, o que é importantíssimo.

Cerca de um ano atrás, formou-se uma nova organização chamada CELAC, a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos.<sup>247</sup> A CELAC reúne todos os países do hemisfério, menos os Estados Unidos e o Canadá. Acredita-se que ela possa realmente substituir a Organização dos Estados Americanos, tradicionalmente dominada pelos Estados Unidos. Já foram dados passos nessa direção, com a UNASUL, a União das Nações Sul-Americanas, que tem funcionado com certo sucesso em diversos casos.

A América Latina também tem demonstrado uma independência cada vez maior nos negócios internacionais. O Brasil, por exemplo, tem

assumido um papel muito interessante no sistema internacional, algo de que os Estados Unidos não gostam.

Se houver uma nova cúpula do hemisfério e Cuba for aceita, os Estados Unidos provavelmente vão ficar em casa. Ou, se os Estados Unidos bloquearem de novo a participação de Cuba, simplesmente não acontecerá a cúpula. Washington também está isolado em sua posição em relação às drogas. Cada vez mais países do hemisfério têm mudado a política relativa às drogas. Mesmo presidentes conservadores estão defendendo a descriminalização. Não a legalização, mas fazendo a posse de drogas passar de crime a um problema administrativo, como uma multa de trânsito. Essas políticas têm sido muito bem-sucedidas na Europa. É fundamentalmente nessa direção que a América Latina está se movendo, começando com a maconha e talvez passando depois a outras drogas. Mais uma vez, os Estados Unidos rejeitam isso peremptoriamente.

Isso é muito significativo, porque os povos da América Latina e do Caribe são vítimas dessas políticas. Só no México, dezenas de milhares de pessoas foram assassinadas na violência relacionada às drogas. E os Estados Unidos são a origem do problema, uma fonte dupla, na verdade – segundo a demanda, o que é óbvio, e também segundo a oferta, o que mal é discutido. As armas para os cartéis mexicanos vêm cada vez mais dos Estados Unidos. O Departamento de Alcool, Tabaco e Armas de Fogo, entidade do governo federal, analisou as armas que são confiscadas no México. Segundo seus números, cerca de 70% delas vieram dos Estados Unidos.<sup>248</sup> Além disso, o tipo de armas tem mudado com o passar dos anos. Poucos anos atrás, talvez estivessem contrabandeando pistolas, agora são rifles.<sup>249</sup> No ano que vem, quem sabe o que será?

Isso tudo está ligado à cultura maluca das armas nos Estados Unidos. Não sei se você viu, mas Rand Paul acaba de propor a criação de uma nova organização que se oponha ao empenho de Obama e Hillary Clinton em acabar com o pouco que resta de nossa soberania, permitindo que as Nações Unidas tomem as nossas armas.<sup>250</sup> E então, é claro, eles virão e nos conquistarão. A base para isso é que a ONU está debatendo agora um tratado sobre armas de pequeno porte.<sup>251</sup> E “armas de pequeno porte” não significa pistolas. Significa nada menos que um tanque. Tanques têm

massacrado gente pelo mundo inteiro, centenas de milhares de pessoas têm sido a cada ano assassinadas com armas de pequeno porte, e uma alta porcentagem delas vem dos Estados Unidos.<sup>252</sup> Por isso se tenta elaborar um tratado relativo a essas armas, para regulamentar seu fluxo. Na cabeça dos libertários de Rand Paul, trata-se de mais uma tentativa desse bando agourento e diabólico, as Nações Unidas, de acabar com as nossas liberdades.

*Rand Paul é senador republicano por Kentucky e filho de Ron Paul.*

E aparentemente está sendo preparado para ser o futuro do libertarianismo ou algo parecido.

*Que dizer do papel do Canadá nisso tudo? Por que Ottawa está tão vinculada à política de Washington?*

É um desenvolvimento interessante ocorrido nos últimos anos. Está ligado à NAFTA, mas reflete questões mais gerais. O capital canadense e norte-americano estão cada vez mais integrados, o que leva as elites a se unirem. É possível se perguntar sobre a relação de causa e efeito, mas as políticas canadenses, sobretudo no governo de Stephen Harper, o primeiro ministro, não estão só se aproximando das políticas americanas, mas, em alguns casos, vão até além delas em extremismo. O Canadá vem se tornando um país cada vez menos independente, sob muitos aspectos, culturalmente, economicamente, politicamente. Está cada vez mais integrado ao sistema comandado pelos Estados Unidos, como uma espécie de Estado cliente.

O sistema de energia é parte essencial dessa integração. As areias betuminosas do Canadá são uma enorme fonte potencial de energia – e de destruição ambiental. Há uma controvérsia em curso acerca de quem vai explorar as areias. O Estados Unidos querem que sejam eles, mas o Canadá vez por outra avisa que vai fazer parceria com a China, que está louca para desenvolver esses campos, se os EUA não o fizerem.<sup>253</sup> Esta é uma

questão importante, hoje. Em seu discurso sobre o Estado da União de 2012, Obama se mostrou entusiasmadíssimo com a ideia de ter um século de independência energética, graças ao uso dos combustíveis fósseis da América do Norte – o gás natural dos Estados Unidos e o combustível das areias.<sup>254</sup> Não falou que tipo de mundo teremos daqui a cem anos se usarmos esses combustíveis fósseis. Há certa discussão sobre os efeitos ambientais locais de se desenvolver as areias betuminosas canadenses, mas há uma questão muito mais ampla acerca do efeito geral sobre o meio ambiente global. Estas são questões muito sérias.

O Canadá é também um dos maiores centros de operações mineiras em todo o mundo. Conflitos sobre a mineração de recursos naturais estão levando a guerras e à violência no mundo inteiro, da América Latina à Índia. Internamente, a Índia está praticamente em pé de guerra por causa dos recursos naturais.<sup>255</sup> O mesmo vale para a Colômbia e outros países.

*O que você diz do processo de fraturamento hidráulico para a extração de gás natural, conhecido como fracking?*

O fracking tem ramificações ambientais muito graves, pois usa quantidades enormes de água. O processo em si é destrutivo do meio ambiente local, sob muitos aspectos, e há uma considerável oposição pública em relação a isso.<sup>256</sup> Mas acho que não devemos deixar de lado o problema mais profundo. Suponhamos que ele fosse ambientalmente puro. Ainda estaríamos usando combustíveis fósseis. E estamos chegando a um ponto de ruptura no que se refere aos combustíveis fósseis. Não podemos continuar nesta direção por muito tempo, sem chegarmos a um ponto irreversível de devastação. Não podemos ter certeza sobre a data, mas está muito claro que ela está se aproximando.

*O time de futebol americano dos Vikings estava ameaçando se mudar para Los Angeles, então os bons contribuintes do estado de Minnesota vão oferecer quase meio bilhão de dólares de dinheiro público para a construção de um novo estádio para que eles continuem por lá.*<sup>257</sup>

A Flórida também anunciou recentemente que está reduzindo o financiamento da universidade estatal. A Universidade da Flórida está fechando alguns importantes programas acadêmicos, inclusive na área das ciências da computação, mas aumentando o financiamento dos esportes.<sup>258</sup>

*Os departamentos de esportes das universidades americanas trabalham num mundo à parte. Os salários dos técnicos são de milhões de dólares.*<sup>259</sup>

Lembro-me ter ido a uma faculdade para dar uma palestra – não me lembro onde –, mas a primeira coisa por que passamos foi um enorme estádio. Bem perto do estádio ficava um grande edifício. Perguntei aos estudantes o que era, e eles me disseram: “É aqui que vivem os jogadores de futebol americano.” Eles recebem um treinamento especial que lhes permite passar de ano para poderem continuar jogando futebol.

*Anos atrás, você falou que ouvia programas interativos de esporte no rádio. Não sei se ainda faz isso.*

Ainda ouço.

*Lembro-me de que na época você comentou que esses programas desmentiam a ideia de que o homem da rua não consegue compreender dados complexos e esotéricos. E que os participantes demonstram certa intrepidez. Você os ouviu dizer: “Coloque pra fora esse incompetente”, “Dispensem esse técnico”, “Vendam tal jogador”.*

É muito impressionante. Em primeiro lugar, há uma quantidade enorme de conhecimento e muita autoconfiança e desafio à autoridade, o que é normal. Se não gostamos do que o técnico fez, dizemos que ele tomou uma decisão idiota, e deve ser mandado embora. Somos mais inteligentes

que ele. Se pudéssemos levar isso para outros setores da vida, isso teria sua importância.

*Não sei se você sabe que a sua cidade natal, Philadelphia, está fechando quarenta de suas escolas públicas.*<sup>260</sup>

Não vi isso, mas está acontecendo em outros lugares também. Há alguns meses, fui convidado por uma comunidade negra do Harlem para fazer uma palestra numa das igrejas de lá, uma igreja famosa, com uma longa história de direitos civis. Queriam que eu falasse sobre educação. E boa parte das preocupações expressas pelas pessoas era que o sistema público de educação está sob violento ataque, tanto pela redução do financiamento quanto pelas escolas charter, o que está dividindo a comunidade e solapando as contribuições básicas do sistema público de educação, que são muito reais na comunidade negra.

Na Califórnia, um dos lugares mais ricos do mundo, mas hoje sob severas limitações orçamentárias, as principais universidades públicas, Berkeley e UCLA, as joias da coroa, estão de fato sendo privatizadas. Hoje, elas não são muito diferentes das unidades da Ivy League.<sup>U</sup> Os custos dos cursos são astronômicos, e as instituições contam com doações. Ao mesmo tempo, o sistema universitário estatal vem sendo rebaixado, tanto assim que os estudantes e os professores estão planejando uma greve progressiva contra os cortes no orçamento.<sup>261</sup> A California State University anunciou que vai ter de recusar a admissão de alunos para a primavera do ano letivo de 2013.<sup>262</sup> O sistema educacional vem sendo degradado para a população em geral. Mas temos uma educação particular para os ricos e os privilegiados, e alguns grupinhos que serão selecionados para receberem bolsas. É um sistema de dois níveis bem distintos.

Uma das coisas incríveis que estão acontecendo nos últimos anos é a corporatização das universidades, que se revela de diversas formas. Tem havido um rápido aumento do número de administradores e de camadas de administração. Eles trazem consigo uma mentalidade empresarial. Cada novo administrador tem de ter um subadministrador, e este tem de ter um

sub alguma outra coisa. Enquanto isso, o papel do corpo docente no governo da universidade vem decaindo rapidamente. Existe um livro útil sobre este tema, escrito por Benjamin Ginsberg, chamado *The Fall of the Faculty* [A queda do corpo docente].<sup>263</sup>

Todos esses desenvolvimentos fazem parte do assalto geral à educação, que, não nos esqueçamos, faz parte de um assalto muito mais geral à sociedade como um todo. É esse o programa neoliberal, que vem sendo contestado no mundo inteiro, pelo movimento Ocupe, pelos ativistas na Praça Tahrir, no Egito, sob diferentes formas em diferentes países, mas em toda parte. É um sistema muito daninho, salvo para os muito ricos. Na realidade, existe uma monografia breve, mas excelente, que acaba de ser publicada pelo Economic Policy Institute – que é a principal fonte de dados confiáveis e autênticos sobre a América trabalhadora e a economia – chamada *Failure by Design* [Fracasso programado].<sup>264</sup> O autor, Josh Bivens, passa em revista as políticas econômicas dos últimos quarenta anos, mais ou menos, e mostra que elas são um fracasso cuja origem são as classes. Essas políticas são, é claro, um grande sucesso para os 10% mais ricos da população – os investidores e altos executivos –, mas são um fracasso para a grande maioria. De maneira planejada. Existe um sem-número de políticas alternativas, mas são essas outras as escolhidas.

Temos atualmente visto uma dinâmica semelhante na Europa, onde os bancos e os burocratas têm imposto uma política de austeridade em meio à estagnação, o que quase necessariamente piora a situação e dificulta o pagamento das dívidas. Eles têm sido violentamente criticados pelos economistas, até mesmo pela imprensa empresarial, mas vêm fomentando a austeridade. É difícil dar uma razão para isso em termos econômicos. Aliás, acho que é impossível. Mas é possível encontrar uma razão. Na realidade, ela foi mais ou menos declarada pelo presidente do Banco Central Europeu, Mario Draghi, numa entrevista ao *Wall Street Journal*, em que afirma que o contrato social na Europa acabou.<sup>265</sup> Em outras palavras, estamos assassinando o contrato social.

*Você sempre fala dos imperativos institucionais e do esteio estrutural dessas políticas. Mas não é preciso manter o paciente com saúde*



*razoavelmente boa e em funcionamento? Não estão matando a galinha dos ovos de ouro?*

Depende da escala temporal que você tenha em mente. Há muita mão de obra barata pelo mundo. Você pode transferir a produção para o exterior. Se você é a Apple, uma das empresas mais ricas do mundo, pode fazer com que os trabalhadores sejam contratados pela Foxconn, uma empresa de Taiwan, no sudoeste da China, onde vivem e trabalham em condições medonhas, cometem suicídio e você pode ter um bom lucro com isso.<sup>266</sup> Se a China acabar ficando cara demais, pode ir a Bangladesh e à África subsaariana. A coisa pode se prolongar por muito tempo. Sim, existe um problema de longo prazo, mas esses problemas de longo prazo existem de qualquer jeito nas economias capitalistas. Há um problema de superprodução. Há uma crise de acumulação. Estes são problemas de longo prazo que é possível tentar manter à distância de diversas maneiras, enquanto se fazem planos para conservar a riqueza e os privilégios a curto prazo. É assim que funcionam os negócios.

*Muito convenientemente, a Apple tem também um escritório em Reno, Nevada, e com isso, segundo um relatório recente, “evitou pagar milhões de dólares em impostos na Califórnia” e outros estados.*<sup>267</sup> *Enquanto isso, a Califórnia vem cortando programas a torto e a direito.*

É uma técnica padrão. Hoje chamam de globalização. Tem sido usada há bastante tempo.

*Robert Reich foi secretário do ministério do trabalho durante a administração Clinton. Hoje ele é um guru da mídia e professor em Berkeley. Diz ele, na França, “o socialismo não é a resposta para os problemas básicos que afligem as nações ricas. A resposta”, diz ele, “é reformar o capitalismo... Não precisamos de socialismo. Precisamos de um capitalismo que trabalhe para a grande maioria.”*<sup>268</sup> *O que você acha da ideia de capitalismo sustentável?*

Em sentido estrito, concordo com ele. Se estivermos falando de objetivos viáveis a curto prazo, não faz muito sentido falar de socialismo. Não há base popular para ele. Não há compreensão do que seja ele. Evidentemente, não é isso o que ele quis dizer – mas se nos mantivermos nesse quadro reduzido, sim, é isso mesmo.

A longo prazo, isso é quase uma contradição. O capitalismo se baseia na produção voltada para o lucro, não para as necessidades. Baseia-se também numa exigência de crescimento constante do lucro. Isso é autodestruidor – deixando inteiramente de lado o processo constante de monopolização, bem como a superprodução e o declínio da taxa de lucro. Estas são tendências de longo prazo que podem ser postergadas, mas são inerentes ao capitalismo.

E, pelo menos do meu ponto de vista, há algo essencialmente errado com o sistema atual. Aqui tocamos no problema dos valores. Será que queremos um sistema em que algumas pessoas dão ordens e as outras obedecem? Esta é uma pergunta mais profunda. Queremos isso no sistema político? Queremos isso no sistema econômico, sobretudo dada a interação inevitável entre os dois, com a concentração de renda influenciando pesadamente o poder político? Dê a isso o nome que quiser. Pode chamar de capitalista, se quiser. Pode chamar de qualquer coisa. Mas esta é uma direção para a qual as políticas poderiam caminhar: para mais democracia, solapando a autoridade ilegítima.

Vêm ocorrendo diversas iniciativas neste sentido. Está sendo formada uma nova organização, uma Organização Internacional para uma Sociedade Participativa, vinda em boa medida do coletivo ZNet.<sup>269</sup> A United Steelworkers tem uma nova iniciativa com Mondragon, o enorme conglomerado de propriedade dos trabalhadores e da comunidade sediado no País Basco, na Espanha.<sup>270</sup> A Mondragon gerencia empresas industriais, bancos, escolas, hospitais, habitação. É muito bem-sucedida economicamente e muito complexa. A Mondragon funciona numa economia capitalista internacional – uma economia de quase mercado –, o que muitas vezes tem imensas consequências. Mas coisas como a Mondragon ainda poderiam se tornar o que Mikhail Bakunin chamava de “sementes do futuro” na sociedade de hoje.<sup>271</sup> Não sei o que Robert Reich

acha disso, mas eu diria que é um caminho muito mais sadio a percorrer a longo prazo.

*Numa conferência na Loyola University, você ressaltou que Thomas Jefferson preocupava-se muito com o destino da experiência democrática.<sup>272</sup> Temia o surgimento de uma nova forma de absolutismo, mais ameaçador do que o domínio britânico derrubado na Revolução Americana. Ele distinguia em seus últimos anos entre o que chamava de “aristocratas e democratas”.<sup>273</sup> E dizia: “Espero que esmaguemos... no berço a aristocracia de nossas corporações endinheiradas, que já ousam desafiar o nosso governo para o duelo e enfrentar as leis de nosso país.”<sup>274</sup> Também escreveu: “Creio sinceramente... que os estabelecimentos bancários são mais perigosos do que exércitos armados.”<sup>275</sup> Esse é o tipo de citação de um Pai Fundador que não vemos muito por aí.*

É verdade, essas linhas não costumam ser citadas. Mas essa foi uma preocupação que logo se fez sentir, por uma complexa série de razões. Elas assumem constantemente novas formas.

*Não foi Bakunin que disse: “se há um Estado, tem de haver o domínio de uma classe sobre a outra”?<sup>276</sup>*

Foi, mas eu discordaria em parte. O Estado não é o único centro de poder em nossa sociedade. Na realidade, há outro centro de poder: o capital privado concentrado. E enquanto ele existir, sob muitos aspectos, o Estado será uma proteção contra os seus excessos. Portanto, acho que ele está certo em criticar o Estado como uma instituição opressiva, mas isso também está relacionado com a natureza do resto da sociedade.

Bakunin não era um pensador sistemático, mas tinha sacadas significativas sobre a natureza do poder e de seu exercício. Suas desavenças com Karl Marx estavam relacionadas com um elemento desse conflito. Ele

se opunha à concepção de Marx de uma espécie de intelligentsia radical que governasse o movimento operário, para seu próprio proveito, é claro. Ele mostrou, com muita precisão, que o que chamava de uma nova classe de intelligentsia científica, que afirmasse deter todo o conhecimento, se moveria numa de duas direções: ou se tornaria uma “burocracia vermelha”, que instituiria o mais opressivo domínio jamais visto em nome das classes trabalhadoras, ou reconheceria que o poder reside em outro lugar, no capital privado, e se tornaria sua serva.<sup>277</sup> Foi essencialmente isso que aconteceu. Foi uma ótima previsão – uma das poucas previsões de longo alcance nas ciências sociais que realmente se confirmaram. Só isso já faz que ela deva ser estudada em toda parte.

*Está ocorrendo um movimento no país para reverter a decisão Citizens United x Federal Election Commission da Corte Suprema de janeiro de 2010, que desregulamentou o sistema de financiamento de campanhas e, como diz um crítico, “legalizou o suborno de nossos representantes eleitos por parte das empresas.”<sup>278</sup> Quais são as suas ideias acerca do caso Citizens United e a eficácia de se recorrer a esse tipo de ratificação de emenda constitucional, o que pode levar anos e anos?*

Há muitas questões, inclusive uma questão tática do tipo da que você levantou e uma questão de princípio, o âmago da questão. E há algo a dizer sobre cada uma delas. Sobre a questão tática, creio que uma campanha para fazer uma emenda à Constituição pode se justificar como um esforço educativo, um jeito de fazer as pessoas darem atenção à questão. Isso independe do tempo que pode levar para se ratificar algo desse tipo. Se um número suficiente de pessoas se interessar pelo problema, elas podem se voltar para objetivos mais radicais e, a meu ver, mais ligados a princípios. Acho que Citizens United foi uma péssima decisão. É, porém, como sopa no mel. A ideia de personalidade corporativa tem um século. Não foi instituída por Citizens United. E deveríamos pensar nisso.

Por que se devem conceder direitos pessoais às empresas? Hoje, as empresas têm direitos que vão muito além dos das pessoas de carne e osso. Elas são imortais, são protegidas pelo poder estatal. Na realidade, a base da

empresa é a responsabilidade limitada, o que significa que, como participante de uma empresa, você não será responsabilizado pessoalmente, por exemplo, se ela assassinar dezenas de milhares de pessoas em Bhopal.

*Você está se referindo à explosão da Union Carbide em Bhopal, Índia, que matou cerca de vinte mil pessoas em 1984.*<sup>279</sup>

O que é só mais um exemplo. Por que uma instituição dessas deveria ter direitos pessoais? Além disso, essas instituições são dirigidas para elevar ao máximo os direitos dos acionistas (shareholders) em detrimento dos direitos das partes envolvidas nas atividades da empresa (stakeholders), por lei. Por que devemos aceitar isso? Com certeza, não se trata de um princípio econômico.

Sob o NAFTA, as empresas norte-americanas têm o direito do que chamam de “tratamento nacional” no México.<sup>280</sup> Um mexicano não tem o direito de receber “tratamento nacional” no Arizona, obviamente. Por que uma empresa deve ter esses direitos?

Outra importante decisão da Corte Suprema, Buckley x Valeo, da década de 1970, interpretou o dinheiro como uma forma de discurso.<sup>281</sup> Isso teve implicações de longo alcance. Se o dinheiro é uma forma de discurso, então aqueles que têm dinheiro podem gritar mais alto. Eu diria que a União Americana pelas Liberdades Civis apoiou essas decisões com base numa espécie de absolutismo da liberdade de expressão.<sup>282</sup> Não creio que eles tenham pensado as implicações até o fim.

Citizens United abre caminho para contribuições maciças que distorcem o sistema político.<sup>283</sup> Mas isso é algo que vem acontecendo há muito tempo. Estamos, então, falando de algo que nem deveria ter começado a acontecer.

*Marx disse que é preciso não só entender o mundo, mas mudá-lo. Você dedicou boa parte da vida a isso.*

Se estava certo, cabe aos outros decidirem. Mas, sem dúvida, acho que é o que todos deveríamos tentar fazer: mudar o mundo a curto prazo, superando os problemas imediatos – alguns deles, como o desastre ambiental e a guerra nuclear, são problemas letais. Não são problemas pequenos. O destino da espécie depende deles. Portanto, a curto prazo, podemos nos empenhar pelas chamadas reformas. Outros tentam chegar ao âmago das formas de autoridade ilegítima, desmantelá-las e partir para maior liberdade e independência.

*Mas você avisa que as vitórias não vêm rapidamente. Então, não estamos numa corrida de velocidade, mas numa maratona.*

É uma maratona, e além disso, uma maratona em que muitas vezes recuamos. Regredimos, também. Os últimos trinta anos têm sido, sob certos aspectos, um período de regressão, embora quanto ao ativismo popular tenha sido uma expansão. A história nunca é simples.

*Você tem netos. Que tipo de mundo você acha que eles estão herdando?*

Uma projeção realista não seria muito atraente. Mas muita coisa depende da vontade humana, como sempre. Não podemos prever o curso dos movimentos sociais, dos esforços por mudar as coisas. Jamais conseguimos fazer isso. Ninguém poderia ter previsto, na década de 1960, que um punhado de estudantes negros sentados em frente a um balcão de bar em Greensboro, Carolina do Norte, iria deflagrar um maciço movimento pelos direitos civis. E ninguém poderia prever, nas primeiras etapas do movimento feminista, que ele iria mudar radicalmente a cultura, como aconteceu de maneira muito efetiva. Se você me tivesse perguntado um ano atrás: “Faz sentido ocupar Zuccotti Park<sup>V</sup>?”, eu teria dito que você enlouqueceu. Isso não podia dar certo. E deu espetacularmente certo. Como será daqui para a frente, depende.

*Que conselhos você daria aos jovens que estão começando?*

Toda noite, quando volto para casa e começo a responder às centenas de e-mails diários que recebo, boa parte deles é de jovens que dizem: “Não gosto do jeito que o mundo vai. Não aguento mais. Que devo fazer?” Hoje em dia, recebo tantos deles que sou quase obrigado a recorrer a respostas prontas. E o que eu mostro é que você está no bom caminho para responder você mesmo à pergunta, porque reconhece que há um problema. Não há respostas genéricas para todos. Não há resposta certa para todas as pessoas, em todas as circunstâncias. Depende de quem você é, quais são suas preocupações, quais são as suas opções, como você pretende se dedicar a isso, quais são os seus talentos. Mas provavelmente você é muito privilegiado. Caso contrário, não estaria escrevendo uma carta para mim via Internet. Isso quer dizer que você tem muitas oportunidades – muito mais do que seus semelhantes em outros países, ou mesmo de uma geração atrás. Há, então, um legado de que você pode se servir. Não vai ser fácil – nunca é. Mas você pode dar a sua contribuição. Só tem que descobrir seu próprio caminho.

Não há como responder às perguntas por outras pessoas. “A que devo dedicar a minha vida? Como devo viver?” Essas são coisas que temos de decidir sozinhos. Você vai entrar em becos sem saída. Haverá fracassos, dos quais você pode aprender e então voltar e começar de novo numa direção diferente. Está nas suas mãos.

*Desculpe-me por dizer isto, mas você já passou dos oitenta. Vai manter sua dura agenda de viagens e conferências? Você praticamente se aposentou da docência, certo?*

Sim, embora trabalhe com estudantes e às vezes lectione e dê conferências, é claro. Vou tentar conservar os dois lados de minha vida até quando puder. Não tenho coisas profundas a dizer sobre isso. Não espero um longo tempo pela frente, mas farei o que puder.

*Mas a saúde vai bem?*

Razoavelmente bem. Não tenho queixas. <sup>284</sup>



# NOTAS DO EDITOR/TRADUTOR

- A. Escritora indiana e ativista política, ganhadora do Man Booker Prize pelo livro *O Deus das Pequenas Coisas*. (NE)
- B. Do grego antigo, populacho. (NE)
- C. Em inglês, naturalmente: Association of Community Organizations for Reform Now. (NE)
- D. A proposta das escolas charter é serem escolas públicas independentes em que o Estado transfere para a iniciativa privada um pagamento pela sua gestão. Há um “contrato de gestão” entre a iniciativa privada e o governo. Mas elas integram o sistema público de educação e devem ser gratuitas. (NE)
- E. Em espanhol no texto original. (NT)
- F. Grupo de aconselhamento do presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt, ligado ao planejamento do New Deal na década de 1930. (NT)
- G. Declaração pronunciada pelos presidentes dos Estados Unidos ao assinar uma lei. (NT)
- H. Grand Area, tradução inglesa literal do conceito de Grossraum, criado pelo jurista e filósofo alemão Carl Schmitt (1888-1985). (NT)
- I. Membro do movimento operário americano Industrial Workers of the World, ativo principalmente no começo do século XX. (NT)
- J. Congress of Industrial Organizations (Congresso de Organizações Industriais) era uma central sindical norte-americana fundada em 1938. (NT)
- K. De uma frase de Mao Tsé Tung, dos anos 1950: “Que mil flores desabrochem; que mil escolas de pensamento discutam”. (NT)
- L. Como em português ainda hoje. (NT)
- M. Em 1 de julho de 2013 o número chegou a vinte oito países, com a adesão da Croácia. (NE)
- N. Conhecido como SOPA (Stop Online Piracy Act), o projeto de lei teve sua tramitação suspensa em janeiro de 2012. (NE)
- O. Coleção de livros publicados anualmente pelo governo americano desde Lincoln, com a correspondência diplomática oficial dos Estados Unidos. (NT)
- P. No final de julho de 2013, Bradley Manning foi absolvido pelo crime de ajuda ao inimigo, mas condenado por outras dezenove acusações, entre elas espionagem e roubo de informações sigilosas. Em meio aos documentos secretos revelados havia um vídeo gravado no Iraque que mostrava civis desarmados sendo vítimas de disparos de soldados americanos a bordo de um helicóptero. (NE)

Q. Intergovernmental Panel on Climate Change, ou Painel intergovernamental sobre a mudança climática. (NT)

R. Nome pelo qual é conhecida a Servicemen's Readjustment Act (Lei de Reajuste para os Militares), assinada em 22 de junho de 1944. A lei garantiu determinados benefícios aos veteranos da Segunda Guerra Mundial, como assistência médica, seguro-desemprego, acesso ao ensino superior e habitação. Permitiu também que, após a Segunda Guerra Mundial, quase 2,5 milhões de veteranos fossem para a faculdade e 3,5 milhões recebessem formação escolar e treinamento para o trabalho. (NE)

S. Médico e político norte-americano que concorreu à vaga de candidato à presidência nas primárias do Partido Republicano em 2008 e 2012. (NE)

T. Também político e médico norte-americano, filho de Ron Paul. (NE)

U. Grupo de oito universidades particulares do Nordeste dos Estados Unidos: Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Pensilvânia, Princeton e Yale. (NT)

V. Praça localizada no sul de Manhattan construída em 1968 sob uma espécie de parceria público-privada. Em 2011 se tornou o epicentro dos protestos deflagrados pelo movimento Ocupe Wall Street.

# NOTAS GERAIS

- 1 Para detalhes acerca do Vietnã, vide Noam Chomsky, *At War with Asia: Essays on Indochina* [Em guerra com a Ásia: ensaios sobre a Indochina], (Oakland, CA: AK Press, 2004). Vide também Noam Chomsky, *For Reasons of State* [Por razões de Estado], (New York: New Press, 2003), e *Rethinking Camelot: JFK, the Vietnam War, and US Political Culture* [Repensando Camelot: Kennedy, a Guerra do Vietnã e a política cultural Americana], (Cambridge, MA: South End Press, 1999).
- 2 Noam Chomsky, *Year 501: The Conquest Continues* [Ano 501: a conquista continua], (Cambridge, MA: South End Press, 1993), p. 22.
- 3 Bernard Porter, *Empire and Superempire: Britain, America and the World* [Império e superimpério: Grã-Bretanha, Estados Unidos e o mundo], (New Haven, CT: Yale University Press, 2006), p. 64.
- 4 Vide Philip S. Foner, *The Spanish-Cuban-American War and the Birth of American Imperialism* [A guerra hispano-cubano-americana e o nascimento do imperialismo Americano], 2 vols. (New York: Monthly Review Press, 1972).
- 5 Para ulterior discussão, vide Noam Chomsky, *Hopes and Prospects* [Esperanças e perspectivas], (Chicago: Haymarket Books, 2010).
- 6 Simon Romero, “Ecuador’s Leader Purges Military and Moves to Expel American Base” [Presidente do Equador faz uma limpeza no exército e considera expulsar base americana], *New York Times*, 21 de abril de 2008.
- 7 Hugh O’Shaughnessy, “US Builds Up Its Bases in Oil-Rich South America” [EUA constroem suas bases na América do Sul rica em petróleo], *Independent* (London), 22 de novembro de 2009.
- 8 Equipe, “Controversial Agreement” [Acordo controvertido], *Panama Star*, 29 de setembro de 2009. I. Roberto Eisenmann Jr., “Be Careful That with the Drug Story, We Return to Having Bases Again!” [Cuidado para que com a história de drogas não venhamos a ter bases de novo!], *La Prensa*, 2 de outubro de 2009.
- 9 Para discussão, vide Mark Weisbrot, “More of the Same in Latin America” [Mais do mesmo na América Latina], *New York Times*, 11 de agosto de 2009.
- 10 Charlie Savage, “DEA Squads Extend Reach of Drug War” [Esquadrões DEA ampliam o alcance da Guerra das Drogas], *New York Times*, 7 de novembro de 2011. Vide também John Lindsay-Poland, “Beyond the Drug War: The Pentagon’s Other Operations in Latin America” [Para além da Guerra das Drogas: as outras operações do Pentágono na América Latina], *NACLA Report on the Americas*, 26 de agosto de 2011.

11 Para ulterior discussão, vide “Militarizing Latin America” (Militarizar a América Latina), Chomsky.info, 30 de agosto de 2009. Disponível em <http://chomsky.info/articles/20090830.htm>. Vide também William M. LeoGrande, “From the Red Menace to Radical Populism: U.S. Insecurity in Latin America” [Da ameaça vermelha ao populismo radical: a insegurança norte-americana na América Latina], *World Policy Journal* 22, n. 4 (Inverno de 2005-06), p. 25-35.

12 James Zacharia, “Obama Backing of Honduras Election Crimps Latin Ties” [Apoio de Obama às eleições em Honduras dificulta laços latinos], *Bloomberg News*, 27 de novembro de 2009.

13 James Gerstenzang e Juanita Darling, “Clinton Extols Mitch Relief Efforts by GIs” [Clinton elogia a libertação de Mitch pelos GIs], *Los Angeles Times*, 10 de março de 1999.

14 Kirsten Begg, “Colombia and Honduras Sign Anti-Drug Trafficking Pact” [Colômbia e Honduras assinam pacto antitráfico de drogas], *Colombia Reports*, 15 de fevereiro de 2010. Vide também “Honduran, Colombian Presidents Sign Agreement” [Presidentes de Honduras e Colômbia assinam acordo], *BBC Latin America*, 24 de maio de 2011.

15 Daniel Kruger, “Japan Overtakes China as Largest Holder of Treasuries” [Japão supera a China como o maior detentor de papéis do Tesouro], *Bloomberg News*, 16 de fevereiro de 2010.

16 Para obter dados, vide o relatório do Federal Reserve Board, Department of Treasury, “Major Foreign Holders of Treasury Securities” [Principais detentores estrangeiros de securities do Tesouro]. Disponível em <http://www.treasury.gov>.

17 Adam Smith, *A Riqueza das Nações: Livros IV-V* (no original inglês, New York: Penguin Books, 1999, p. 247).

18 *Ibid.*, p. 25

19 Francisco Rodriguez e Arjun Jayadev, *The Declining Labor Share of Income* [A parte decrescente do trabalhador na renda], United Nations Development Programme, Human Development Research Paper 2010/36 (novembro de 2010). Vide também Eva Cheng, “China: Wage Share Plunges”, *Green Left Weekly*, 19 de outubro de 2007.

20 Para uma análise, vide Paul Mason, *Live Working or Die Fighting: How the Working Class Went Global* [Viva trabalhando ou morra lutando: como a classe trabalhadora se globalizou], ed. atualizada (Chicago: Haymarket Books, 2010).

21 United Nations Development Programme, *Human Development Report 2011: Sustainability and Equity: A Better Future for All* [Relatório de desenvolvimento humano de 2011: Sustentabilidade e equidade: Um futuro melhor para todos], (New York: United Nations Development Programme, 2011), p. 126.

22 Vide Arundhati Roy, “Beware the ‘Gush-Up Gospel’ Behind India’s Billionaires” [Cuidado com o Evangelho das palavras entusiásticas por trás dos bilionários da Índia], *Financial Times* (London), 13 de janeiro de 2012.

23 Arundhati Roy, *Field notes on Democracy: Listening to Grasshoppers* [Notas de campo sobre a democracia: ouvindo os gafanhotos], (Chicago: Haymarket Books, 2009), p. 55.

24 BBC, “Carlos Slim Overtakes Bill Gates n World Rich List” [Carlos Slim supera Bill Gates na lista dos ricos], 11 de março de 2010.

25 Ching Kwan Lee, *Against the Law: Labor Protests in China’s Rustbelt and Sunbelt* [Contra a lei: protestos de trabalhadores nas zonas da ferrugem e do sol na China], (Berkeley: University of California Press, 2007).

26 Vide Tom Mitchell, “China: Strike Force” [China: força de ataque], *Financial Times* (London), 10 de junho de 2010.

27 Smedley Butler, “America’s Armed Forces: ‘In Time of Peace’” [Forças Armadas americanas: “Em tempo de paz”], *Common Sense* 4, n. 11 (novembro de 1935), p. 8. Vide também Smedley Butler, *War is a Racket* [A guerra é uma extorsão], (Los Angeles: Feral House, 2003).

28 Para discussão, vide Chomsky, *Year 501*, cap. 8.

29 Butler, *War is a Racket*, p 11-12.

30 Alissa J. Rubin e Helene Cooper, “In Afghan Trip, Obama Presses Karzai on Graft” [Em viagem ao Afeganistão, Obama pressiona Karzai sobre corrupção], *New York Times*, 28 de março de 2010.

31 “What Obama Told U.S. Troops in Afghanistan” [O que Obama disse às tropas americanas no Afeganistão], *Los Angeles Time*, 28 de março de 2010.

32 Walter Pincus, “Mueller Outlines Origin, Funding of Sept. 11 Plot” [Mueller ressalta a origem e o financiamento da trama do 11 de setembro], *Washington Post*, 6 de junho de 2002.

33 Michael R. Gordon, “Allies Preparing for Long Fight as Taliban Dig In” [Aliados se preparam para um longo combate enquanto o Talibã se entrincheira], *New York Times*, 28 de outubro de 2001.

34 Abdul Haq, “US Bombs are Boosting the Taliban” [Bombas americanas estão fortalecendo o Talibã], *Guardian* (London), 2 de novembro de 2001. Extraído de uma entrevista do dia 11 de outubro de 2001 com Anatol Lieven.

35 Farhan, Bokhari e John Tornhill, “Afghan Peace Assembly Call”, *Financial Times* (London), 26 de outubro de 2001.

36 Mehreen Khan, “Iran Builds New Gas Pipeline” [Irã constrói novo oleoduto], *Financial Times* (London), 6 de julho de 2011.

37 Peter Baker, “Senate Approves Indian Nuclear Deal” [Senado aprova acordo nuclear com a Índia], *New York Times*, 1 de outubro de 2008.

38 Quanto aos dados da pesquisa, vide “Pakistani Public Turns Against Taliban, But Still Negative on US” [Opinião pública paquistanesa volta-se contra o Talibã, mas ainda é negativa em relação aos EUA], *World Public Opinion: Global Public Opinion on International Affairs*, 1 de julho de 2009.

39 Scott Shane, “CIA to Expand Use of Drones in Pakistan” [CIA vai ampliar o uso de drones no Paquistão], *New York Times*, 3 de dezembro de 2009.

- 40 George Orwell, 1984 (edição em inglês, New York: Plume, 1983, p. 27).
- 41 Jawed Naqvi, “Sigh Sees ‘Vital Interest’ in Peace with Pakistan” [Sigh vê “interesse vital” em paz com o Paquistão], Dawn, 9 de junho de 2009.
- 42 Ravi Nessman, “Ambitious India Now World’s Largest Arms Importer” [Índia ambiciosa é hoje a maior importadora de armas do mundo], Associated Press, 13 de março de 2011.
- 43 Yossi Melman, “Media Allege Corruption in Massive Israel-India Arms Deal” [Mídia vê corrupção no negócio maciço de armas entre Índia e Israel], Ha’aretz (Tel Aviv), 29 de março de 2009.
- 44 Prafulla Markpakwar, “Security Issues: City Team to Take Tips from Israel” [Questões de segurança: equipe da City recebe gorjeta de Israel], Times of India, 11 de julho de 2009. Vide também “Spy Drones to be Deployed on Tamil Nadu Coast on Wednesday” [Drones espiões operarão na costa de Tamil Nadu na quarta-feira], Times of India, 10 de abril de 2012.
- 45 Jane Hunter, Israeli Foreign Policy: South Africa and Central America [Política externa israelense: África do Sul e América Central], (Boston: South End Press, 1987).
- 46 Chidanand Rajghatta, “Israel Teams Training Forces in Kashmir: Jane’s” [Equipes de Israel treinam tropas na Caxemira: Jane’s], Times of India, 16 de agosto de 2001. “Israelis Trained Kurds: BBC” [Israel treinou curdos: BBC], Dawn, 21 de setembro de 2006. Vide também Benjamin Beit-Hallahmi, The Israeli Connection: Who Israel Arms and Why (Conexão israelense: Quem Israel arma e por quê) (New York: Pantheon Books, 1987).
- 47 Quanto aos antecedentes, vide Noam Chomsky, Fateful Triangle: The United States, Israel, and the Palestinians [Triângulo fatídico: os Estados Unidos, Israel e os palestinos], ed. atualizada (Cambridge, MA: South End Press, 1999), p. 26.
- 48 Glen Carey, “Chinese Imports of Saudi Oil Will Rise 19% This Year to 50 Million Tons” [Importação chinesa de petróleo saudita vai crescer 19% este ano para 50 milhões de toneladas], Bloomberg News, 29 de setembro de 2010.
- 49 Kalbe Ali, “China Agrees to Run Gwadar port” [China aceita operar porto de Gwadar], Dawn, 22 de maio de 2011.
- 50 Associated Press, “Brazil Sets Trade Records, Due to Chinese Demand” [Brasil estabelece recordes comerciais, em razão da demanda chinesa], 2 de janeiro de 2012. A notícia informa: “Em 2009, a China superou os EUA como o maior parceiro comercial do Brasil”.
- 51 Arundhati Roy, “Can We Leave the Bauxite in the Mountain?” [Podemos deixar a bauxita na montanha?], Harvard University, Cambridge, Massachusetts, 1 de abril de 2010.
- 52 Noam Chomsky, “When Elites Fail, and What We Should Do About It” [Quando as elites fracassam e o que devemos fazer a este respeito], First Unitarian Church, Portland, Oregon, 2 de outubro de 2009.
- 53 Para uma história útil, vide Irving Bernstein, The Lean Years: A History of the American Worker, 1920-1933 [Os anos magros: uma história do trabalhador americano, 1920-1933], ed. atualizada.

(Chicago: Haymarket Books, 2010), e *The Turbulent Years: A History of the American Worker, 1933-1941* [Os anos turbulentos: uma história do trabalhador americano, 1933-1941], ed. atualizada. (Chicago: Haymarket Books, 2010).

54 David Montgomery, *The Fall of the House of Labor: The Workplace, the State, and American Labor Activism, 1865-1925* [A queda da casa trabalhista: o local de trabalho, o Estado e o ativismo operário americano], (Cambridge: Cambridge University Press, 1987).

55 Douglas A. Fraser, Carta de demissão ao Grupo Labor-Management (19 de julho de 1978), reeditado em *Voices of a People's History of the United States* [Vozes de uma história do povo dos Estados Unidos], org. Howard Zinn e Anthony Arnove, 2a. ed. (New York: Seven Stories Press, 2010), pp. 529-33.

56 Noam Chomsky, “Closing Plenary: Rekindling the Radical Imagination” (Plenária de encerramento: reacendendo a imaginação radical), Fórum de Esquerda, New York, New York, 21 de março de 2010. Vide também “Internet Note Posted by Man Linked to Plane Crash” [Nota publicada na Internet postada por homem ligado a acidente de avião], Austin Statesman, 18 de fevereiro de 2010.

57 Michael Brick, “Man Crashes Plane into Texas IRS Office” [Homem joga avião contra escritório da Receita Federal no Texas], New York Times, 18 de fevereiro de 2010.

58 Chris Cilizza, “Vote Out the Entire Congress? You Bet” [Rejeição do Congresso inteiro? Com certeza], WashingtonPost.com, 6 de setembro de 2011.

59 Vide Daniel Guérin, *The Brown Plague: Travels in late Weimar and Early Nazi Germany* [A praga marrom: Viagens na Alemanha do fim de Weimar e começo do nazismo], trad. do francês para o inglês de Robert Schwartzwald (Durham, NC: Duke University Press, 1994). Vide também Peter Fritzsche, *Germans Into Nazis* [Alemães em nazistas], (Cambridge, Ma: Harvard University Press, 1998).

60 Scott Shane, “Conservatives Draw Blood from Acorn” [Conservadores tiram sangue de bolota de carvalho], New York Times, 15 de setembro de 2009.

61 “Exchange of Rail Know-How Between the United States and Spain” [Intercâmbio de conhecimentos técnicos ferroviários entre os Estados Unidos e a Espanha], SpanishRailwayNews.com, 7 de dezembro de 2011. Vide também Thomas Catan e David Gauthier-Villars, “Europe Listens for U.S. Train Whistle” (Europa escuta apito de trem americano), Wall Street Journal, 29 de maio de 2009.

62 Stuart Ewen, *Captains of Consciousness: Advertising and the Social Roots of the Consumer Culture* [Capitães de consciência: Propaganda e as raízes sociais da cultura de consumo], (New York: Basic Books, 2001), p. 85.

63 Para discussão ulterior, vide Noam Chomsky, *Necessary Illusions: Thought Control in Democratic Societies* [Ilusões necessárias: controle do pensamento nas sociedades democráticas], (Boston: South End Press, 1989).

64 Ewen, *Captains of Consciousness*, p. 85.

65 Ben Arnoldy, “For Laid-Off IBM Workers, a Job in India?” [Para os trabalhadores despedidos pela IBM, um emprego na Índia?], Christian Science Monitor, 26 de março de 2009.

66 Vide Diane Ravitch, *The Death and Life of the Great American School System: How Testing and Choice Are Undermining Education* [Vida e morte do grande sistema educacional americano: como testes e escolhas estão destruindo a educação], (New York: Basic Books, 2010).

67 Steven Greenhouse, “Union Membership in U.S. Fell to a 70-Year Low Last Year” [Filiação aos sindicatos nos EUA caiu no ano passado ao ponto mais baixo em 70 anos], New York Times, 21 de janeiro de 2011.

68 Ross Eisenbrey, “Workers Want Unions Now More than Ever” [Hoje mais do que nunca, os trabalhadores querem sindicatos], Economic Policy Institute Snapshot, 28 de fevereiro de 2007, e Richard B. Freeman, *Do Workers Still Want Unions? More than Ever* [Os trabalhadores ainda querem sindicatos? Mais do que nunca], (Washington, DC: Economic Policy Institute, 2007).

69 Kate Bronfenbrenner, “A War Against Workers Who Organize” [Guerra contra os trabalhadores que se organizam], Washington Post, 3 de junho de 2009.

70 Greenhouse, “Union Membership in U.S. Fell to a 70-Year Low Last Year” [Filiação a sindicatos nos EUA caiu 70% no último ano].

71 Vide Winconsin Uprising: Labor Fights Back [Levante do Wisconsin: o operariado reage], org. Michael D. Yates (New York: Monthly Review Press, 2012).

72 Larry M. Bartels, “Inequalities” [Desigualdades], New York Times Magazine, 27 de abril de 2008.

73 CNN, “Not Such a Lame-Duck Session: What Congress Passed, Obama Signed in Week” [Uma sessão de fim de mandato nem tão ruim: o que o Congresso aprovou, Obama assinou na mesma semana], 23 de dezembro de 2010.

74 Peter Baker, “With New Tax Bill, a Turning Point for the President” [Com nova lei de impostos, um ponto crítico para o presidente], New York Times, 17 de dezembro de 2010. Paul Sullivan, “Estate Tax Will Return Next Year, but Few Will Pay It” [Imposto imobiliário voltará no ano que vem, mas poucos vão pagá-lo], New York Times, 17 de dezembro de 2010.

75 Peter Baker e Jackie Calmes, “Amid Deficit Fears, Obama Freezes Pay” [Em meio a temores de déficit, Obama congela pagamento], New York Times, 29 de novembro de 2010.

76 Susanne Craig e Eric Dash, “Study Points to Windfall for Goldman Partners” [Estudo indica sorte grande para sócios do Goldman], New York Times, 18 de janeiro de 2011.

77 Noam Chomsky, “Human Intelligence and the Environment” [A inteligência humana e o meio ambiente], International Socialist Review, n. 76 (Março-Abril de 2011).

78 Eileen Byrne, “Death of a Street Seller That Set Off an Uprising” [Morte de um vendedor de rua que iniciou uma insurreição], Financial Times (London), 16 de janeiro de 2011.

79 Para informações úteis sobre as circunstâncias, vide Stephen Franklin, “In Egypt, Arab World’s ‘Largest Social Movement’ Gains Steam Among Workers” [No Egito, o Maior Movimento Social do



Mundo Árabe ganha força entre os trabalhadores], In These Times, 28 de junho de 2010.

80 John Thorne, “Tent City Is a ‘Call for Independence’” [A cidade de tendas é um “apelo à independência”], The National (Abu Dhabi), 8 de novembro de 2010.

81 Para análises, vide Stephen Zunes e Jacob Mundy, Western Sahara: War, Nationalism, and Conflict Irresolution [Saara Ocidental: Guerra, nacionalismo e não solução de conflitos], (Syracuse, NY: Syracuse University Press, 2010).

82 Rakesh Kochhar, Richard Fry e Paul Taylor, “Wealth Gaps Rise to Record Highs Between Whites, Blacks, Hispanics” [Diferenças de riqueza batem recordes entre brancos, negros e hispânicos], Pew Research Center, Washington, DC, 26 de julho de 2011.

83 Vide “Median Net Worth of Households, 2005 and 2009” [Patrimônio líquido médio das famílias, 2005 e 2009], em Kochhar, Fry e Taylor, “Wealth Gaps Rise to Record Highs”.

84 Joel Beinin, “Egypt’s Workers Rise Up” [Trabalhadores do Egito se revoltam], Nation, 7-14 de março de 2011. Vide também a entrevista de Amy Goodman com Joel Beinin, “Striking Egyptian Workers Fuel the Uprising After 10 Years of Labor Organizing” [Trabalhadores egípcios em greve alimentam a insurreição depois de 10 anos de organização operária], Democracy Now, 10 de fevereiro de 2011.

85 “Tunisia’s Islamist Ennahda Party Wins Historic Poll” [Partido islâmico Ennahda, da Tunísia, vence eleições históricas], BBC News Africa, 27 de outubro de 2011.

86 Borzou Daraghi, “Call for Probe into Libyan Civilian Deaths” [Apelo por investigação das mortes civis líbias], Financial Times (London), 14 de maio de 2012.

87 Agence France-Presse, “Diplomacy Takes Centre Stage in Lybian Conflict” [A diplomacia ocupa o centro do palco no conflito líbio], 10 de abril de 2011.

88 Relatório de equipe, “BRICS Leaders Call for Diplomatic Solution to Lybia Crisis” [Líderes dos BRICS pedem solução diplomática para crise líbia], Nation (Paquistão), 14 de abril de 2011. Vide também Jo Ling Kent, “Leaders at BRICS Summit Speak Out Against Airstrikes in Lybia” [Líderes na cúpula do BRICS se pronunciam contra ataques aéreos na Líbia], CNN, 14 de abril 2011; e Hugh Roberts, “Who Said Gaddafi Had to Go?” [Quem disse que Kaddafi tinha que sair?], London Review of Books, 17 de novembro de 2011.

89 Eric Westervelt, “NATO’s Intervention in Lybia: A New Model?” [A intervenção da OTAN na Líbia: um novo modelo?], National Public Radio, Morning Edition, 12 de setembro de 2011.

90 Abby Phillip, “Turkey Not Game to Back NATO” [Turquia não está disposta a apoiar a OTAN], Politico, 28 de março de 2011.

91 Donald Macintyre, “Arab Support Wavers as Second Night of Bombing Begins” [Apoio árabe vacila quando começa a segunda noite de bombardeios], Independent (London), 21 de março de 2011.

92 “African Union Offers Truce Plan to Lybian Rebels” [União Africana oferece plano de trégua a rebeldes líbios], BBC News Africa, 11 de abril de 2011.

93 Aijaz Ahmad, “Lybia Recolonised” [Líbia recolonizada], Frontline (Índia) 28, n. 3 (5-18 de novembro de 2011).

94 Eric Schmitt, “U.S. ‘Gravely Concerned’ over Violence in Lybia” [EUA ‘profundamente preocupados’ com a violência na Líbia], New York Times, 20 de fevereiro de 2011. Barack Obama, “Remarks by the President on the Situation in Lybia” [Observações do presidente sobre a situação na Líbia], Office of the Press Secretary, 18 de março de 2011.

95 Tariq Ali, “Lybia Is Another Case of Selective Vigilantism by the West” [A Líbia é mais um caso de vigilantismo da parte do Ocidente], Guardian (London), 29 de março de 2011.

96 Toby Matthiesen, “Saudi Arabian Security Forces Quell ‘Day of Rage’ Protests” [Forças de segurança da Arábia Saudita reprimem protestos do “Dia da Ira”], Guardian (London), 11 de março de 2011. Vide também Toby Matthiesen, “Saudi Arabia: The Middle East’s Most Under-Reported Conflict” [Arábia Saudita: O conflito do Oriente Médio menos noticiado], Guardian (London), 23 de janeiro de 2012.

97 Ethan Bronner e Michael Slackman, “Saudi Troops Enter Bahrain to Help Put Down Unrest” [Tropas sauditas entram no Bahrein para ajudar a reprimir agitação], New York Times, 14 de março de 2011.

98 Eyder Peralta, “Symbol of Uprising Is Destroyed in Bahrain” [Símbolo da revolta é destruído no Bahrein], National Public Radio, blogue The Two Way, 18 de março de 2011.

99 Neela Banerjee and David S. Cloud, “Medical Workers Caught in Bahrein Security Crackdown” [Trabalhadores da saúde pegos em ofensiva de segurança], Los Angeles Times, 21 de março de 2011.

100 Gerald F. Seib, “Pivotal Moment for America” [Momento crucial para a América], Wall Street Journal, 12 de fevereiro de 2011.

101 Lloyd C. Gardner, Three Kings: The Rise of an American Empire in the Middle East After World War II [Três reis: o surgimento de um Império americano no Oriente Médio depois da Segunda Guerra Mundial], (New York: New York Press, 2009), p. 96.

102 Andre England e Sylvia Pfeifer, “Iraq’s Proven Oil Reserves Soar by a Quarter” [Reservas comprovadas de petróleo do Iraque elevam-se em um quarto], Financial Times (London), 4 de outubro de 2010. Vide também Christopher Helman, “The World’s Biggest Oil Reserves” [As maiores reservas de petróleo do mundo], Forbes, 21 de janeiro de 2010.

103 Suzanne Goldenberg, “Bush Commits Troops to Iraq for the Long Term” [Bush estabelece tropas no Iraque a longo prazo], Guardian (London), 26 de novembro de 2007. Vide também Guy Raz, “Long-Term Pact with Iraq Raises Questions” [Pacto de longo prazo com o Iraque levanta questões], National Public Radio, Morning Edition, 24 de janeiro de 2008. Para mais análises, vide Noam Chomsky, Hopes and Prospects (Chicago: Haymarket Books, 2010).

104 Charlie Savage, “Bush Asserts Authority to Bypass Defense Act” [Bush faz valer autoridade para contornar lei de defesa], Boston Globe, 30 de janeiro de 2008.

105 Debate do Partido Republicano (GOP), Myrtle Beach Convention Center, Myrtle Beach, Carolina do Sul, 16 de janeiro de 2012.

106 William S. Cohen, Report of the Quadrennial Defense Review [Relatório da Quadrennial Defense Review], (Washington, DC: Department of Defense, maio de 1997), p. 8.

107 Vide, por exemplo, Glenn Greenwald, “Killing of Bin Laden: What Are the Consequences?” [Assassinato de Bin Laden: quais são as consequências?], Salon, 2 de maio de 2011.

108 Matthew Yglesias, “International Law Is Made by Powerful States” [O direito internacional é feito pelos Estados poderosos], ThinkProgress.org, 13 de maio de 2011. Vide também Matthew Yglesias, “Killing Osama Bin Laden Is Legal” (Matar Osama Bin Laden é legal), ThinkProgress.org, 5 de maio de 2011.

109 “Is America Over?” [A América chegou ao fim?], Foreign Affairs 6, n. 4 (Novembro-Dezembro de 2011).

110 Scott Shane, “Balancing U.S. Policy on an Ally in Transition” [Equilibrar a política americana sobre um aliado em transição], New York Times, 20 de novembro de 2011.

111 Para discussão e referências, vide Noam Chomsky, Turning the Tide: U.S. Intervention in Central America and the Struggle for Peace [Virar a maré: a intervenção americana na América Central e a luta pela paz], ed. expandida (Boston: South End Press, 1999), p. 66.

112 Thomas Carothers, Critical Mission: Essays on Democracy Promotion [Missão crítica: ensaios sobre a promoção da democracia], (Washington, DC: Carnegie Endowment for International Peace, 2004), pp. 7, 42.

113 Anthony Shadid, “At Mubarak Trial, Stark Image of Humbled Power” [No julgamento de Mubarak, imagem desolada do poder humilhado], New York Times, 3 de agosto de 2011.

114 Decisão do Senado 534, 109º. Cong., 2ª. sessão, 18 de julho de 2006. Para informações sobre antecedentes, vide Stephen Zunes, “Congress and the Israeli Attack on Lebanon: A Critical Reading” [O Congresso e o ataque israelense ao Líbano: uma leitura crítica], Foreign Policy in Focus, 22 de julho de 2006.

115 Hans J. Morgenthau, The Purpose of American Politics [O propósito da política Americana], (New York: Alfred A. Knopf, 1960).

116 Ibid., p. 7.

117 Ibid.

118 Comunicado de imprensa, “Occupy the Dream Rolls Out National Steering Committee to Join Occupy Wall Street Movement” [Occupy the Dream cria comitê diretivo nacional para se unir ao Movimento Ocupe Wall Street], Occupy the Dream, Washington, DC, 3 de janeiro de 2012.

119 Charlie Savage, “Obama Drops Veto Threat Over Military Authorization Bill After Revisions” [Obama retira ameaça de veto à lei de autorização militar depois de alterações], New York Times, 14 de dezembro de 2011.

120 Para uma análise minuciosa, vide Glenn Greenwald, “Three Myths about the Detention Bill” [Três mitos sobre a lei de detenção], Salon, 16 de dezembro de 2011.

121 Corte Suprema dos Estados Unidos, *Holder, Attorney General et al. v. Humanitarian Law Project et al.*, Washington, DC, n. 08-1498. Debatido dia 23 de fevereiro de 2010. Decidido dia 21 de junho de 2010.

122 U.S. Department of State, Bureau of Counterterrorism, Foreign Terrorists Organizations, 27 de janeiro de 2012. Disponível em <http://www.state.gov/j/ct/rls/other/des/123085.htm>.

123 Para uma análise, vide David Cole, “Advocacy Is Not a Gun” [Advogar não é uma arma], *New York Times*, blogue Room for Debate, 21 de junho de 2010.

124 “Mandela Taken Off US Terror List” [Mandela é tirado da lista americana de terroristas], *BBC News*, 1 de julho de 2008.

125 David B. Ottaway, “Iraq Gives Haven to Key Terrorist” [Iraque dá abrigo a importante terrorista], *Washington Post*, 9 de novembro de 1982.

126 “Mandela Taken Off US Terror List”.

127 Robert Pear, “U.S. Report Stirs Furor in South Africa” [Relatório dos EUA provoca furor na África do Sul], *New York Times*, 13 de janeiro de 1989.

128 Andy Grimm e Cynthia Dizikes, “FBI Raids Anti-war Activists’ Homes” [FBI dá batida em casa de ativistas anti-guerra], *Chicago Tribune*, 24 de setembro de 2010.

129 Glenn Greenwald, “The Omar Khadr Travesty” [A paródia de Omar Khadr], *Salon*, 11 de agosto de 2010.

130 Charlie Savage, “Delays Keep Former Qaeda Child Soldier at Guantánamo, Despite Plea Deal” [Atrasos mantêm ex-soldado infantil da Al Qaeda em Guantánamo, apesar de acordo de admissão de culpa], *New York Times*, 24 de março de 2012.

131 Lawyers Rights Watch Canada, “Canada in Breach of Human Rights Obligations in Omar Khadr Case” [Canadá viola obrigações de direitos humanos no caso de Omar Khadr], Vancouver, British Columbia, 16 de maio de 2012.

132 Debate do Partido Republicano (GOP), Myrtle Beach Convention Center, Myrtle Beach, Carolina do Sul, 16 de janeiro de 2012.

133 Ibid.

134 Jeffrey M. Jones, “Unemployment Re-Emerges as Most Important Problem in the U.S.” [Desemprego reaparece como o problema mais importante nos EUA], *Gallup*, 15 de setembro de 2011.

135 Immanuel Wallerstein, entrevista com Sophie Shevardnadze, *Russia Today*, 4 de outubro de 2011.

136 Martin Wolf, “The Big Question Raised by Anti-Capitalist Protests” [A grande questão levantada pelos protestos anticapitalistas], *Financial Times* (London), 28 de outubro de 2011.

137 Vide também Richard Wolff, *Democracy at Work* [Democracia em ação], (Chicago: Haymarket Books, 2012).

138 Howard Zinn, “A Chorus Against War” [Um coro contra a guerra], *The Progressive* 67, n. 3 (Março de 2003), pp. 19-21.

139 Howard Zinn, “Operation Enduring War”, *The Progressive* 66, n. 3 (Março de 2002), pp. 12-13.

140 David Hume, “Dos primeiros princípios de governo”, no original inglês, em *Selected Essays*, org. Stephen Copley e Andrew Edgar (New York: Oxford University Press, 1996), p. 24.

141 Edward Bernays, *Propaganda* (Brooklyn: Ig Publishing, 2005), p. 127.

142 Clinton Rossiter e James Lare, *The Essential Lippmann: A Political Philosophy for Liberal Democracy* [O essencial de Lippmann: uma filosofia política para a democracia liberal], (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1965), p. 91.

143 David Brooks, “Midlife Crisis Economics”, *New York Times*, 26 de dezembro de 2011. Elizabeth Mendes, “In U.S., Fear of Big Government at Near-Record Level” [Nos EUA, medo do grande governo em nível quase recorde], *Gallup*, 12 de dezembro de 2011.

144 Vide Pew Research Center for the People and the Press, “Question Wording”, sem data, disponível em <http://www.people-press.org/methodology/questionnaire-design/question-wording/>.

145 Eva Bertram, “Democratic Divisions in the 1960s and the Road to Welfare Reform” [Divisões democráticas na década de 1960 e a estrada para a reforma do bem-estar social], *Political Science Quarterly* 126, n. 4 (Inverno de 2011-12), pp. 579-610.

146 Barbara Vobejda, “Clinton Signs Welfare Bill Amid Division” [Clinton assina lei do bem-estar social em meio a divisão], *Washington Post*, 23 de agosto de 1996.

147 Aristóteles, *The Politics and the Constitution of Athens* [A Política e a Constituição de Atenas], (Cambridge: Cambridge University Press, 1996), p. 75.

148 James Madison, *O Federalista* n. 10 [“A Utilidade da União como Salvaguarda contra a dissidência e a insurreição domésticas”], *Daily Advertiser*, 22 de novembro de 1787.

149 Vide Dan Baker, “Faith-Based Economics at the European Central Bank” [No Banco Central Europeu, economia baseada na fé], *Guardian* (London), 11 de abril de 2012.

150 Dakin Campbell, “U.S. Banks Face Contagion Risk from Europe Debt” [Bancos americanos enfrentam risco de contágio da dívida europeia], *Bloomberg News*, 17 de novembro de 2011.

151 Michael Mackenzie, Dan McCrum e Lindsay Whipp, “US Treasuries: Surprisingly Sturdy” [Papéis do tesouro americano: surpreendentemente fortes], *Financial Times* (London), 15 de dezembro de 2011.

152 Richard Wolff, “Occupy Wall Street and the Economic Crisis” [Ocupe Wall Street e a crise econômica], *New York, New York*, 20 de novembro de 2011 (Alternative Radio, n. WOLR004). Vide

também Richard Wolff e David Barsamian, *Occupy the Economy: Challenging Capitalism* [Ocupar a economia: desafio ao capitalismo], (San Francisco: City Light Books, 2012).

153 Dan Bilefsky e Sebnem Arsu, “Charges Against Journalists Dim the Democratic Glow in Turkey” [Acusações contra jornalistas empanam o brilho democrático da Turquia], *New York Times*, 4 de janeiro de 2012.

154 Para uma discussão minuciosa, vide Kerim Yildiz, *The Kurds in Turkey: EU Accession and Human Rights* [Os curdos na Turquia: adesão à UE e direitos humanos] (London: Pluto Books, 2005).

155 Tamar Gabelnick, William D. Hartung e Jennifer Washburn, com Michelle Ciarrocca, *Arming Repression: U.S. Arms Sales to Turkey During the Clinton Administration* [Armar a repressão: a venda de armas americanas durante o governo Clinton], (New York e Washington, DC: World Policy Institute e Federation of Atomic Scientists, Outubro de 1999). Vide a Tabela I: “Total Dollar Value of U.S. Arms Deliveries to Turkey through the Direct Commercial Sales (DCS) and Foreign Military Sales (FMS) Programs from FY 1950 to 1998” [Valor total em dólares das remessas de armas à Turquia através dos programas de Vendas Comerciais Diretas (VCD) e Vendas Militares ao Estrangeiro (VME) do ano fiscal de 1950 ao de 1998].

156 Jim Lobe, “Erdog an Most Popular Leader by Far Among Arabs” [Erdog an é de longe o líder mais popular entre os árabes], *Inter Press Service*, 21 de novembro de 2011. James Zogby, *Arab Attitudes*, 2011 [Atitudes árabes, 2011], (Washington, DC: Arab American Institute Foundation, 2011), p. 1.

157 Souren Melikian, “Turkey Reawakening to Its Vast Iranian Ties” [O redespertar da Turquia para os seus amplos laços com o Irã], *New York Times*, 23 de abril de 2010.

158 David E. Sanger e Michael Slackman, “US Is Skeptical on Iranian Deal for Nuclear Fuel” [EUA estão céticos em relação a um acordo com o Irã sobre combustíveis nucleares], *New York Times*, 17 de maio de 2010. Vide também Mark Landler, “At the U.N., Turkey Asserts Itself in Prominent Ways” [Na ONU, a Turquia se afirma energicamente], *New York Times*, 22 de setembro de 2010.

159 Alexei Barrionuevo, “Obama Writes to Brazil’s Leader About Iran” [Obama escreve a líder do Brasil sobre o Irã], *New York Times*, 24 de novembro de 2009.

160 Phillip, “Turkey Not Game to Back Nato”, 28 de março de 2011.

161 Sebnem Arsu, “Turkey Lashes Out over French Bill About Genocide” [Turquia protesta energicamente contra lei francesa acerca de genocídio], *New York Times*, 23 de dezembro de 2011.

162 “EU to Tell Turkey to Shape Up” [UE dirá a Turquia para entrar em forma], *New York Times*, 4 de outubro de 2008.

163 Vide *Midnight on the Mavi Marmara: The Attack on the Gaza Freedom Flotilla and How It Changed the Course of the Israel/Palestine Conflict* [Meia-noite no Mavi Marmara: O ataque contra a frota da liberdade de Gaza e como ele mudou o curso do conflito Israel/Palestina], org. Moustafa Bayoumi (Chicago: Haymarket Books, 2010).

164 Megan K. Stack, “Israel Flotilla Raid Deals a Blow to Ties with Turkey” [Ataque de Israel a frota desfere um golpe nos laços com a Turquia], Los Angeles Times, 31 de maio de 2010.

165 Para discussão, vide Paul Street, “Obama-Gaza: No Surprise” [Obama-Gaza: nenhuma surpresa], ZCommunications.org, 4 de janeiro de 2009.

166 Katrin Bennhold, “Leaders of Turkey and Israel Clash at Davos Panel” [Líderes da Turquia e de Israel se chocam no painel de Davos], New York Times, 29 de janeiro de 2009.

167 Talila Neshet, “Israeli MKs to Discuss Recognizing Turkey’s Armenian Genocide” [Parlamentares israelenses discutem o reconhecimento do genocídio armênio cometido pelos turcos], Ha’aretz (Tel Aviv), 26 de dezembro de 2011.

168 Peter Balakian, “State of Denial” [Estado de denegação], Tablet, 19 de outubro de 2010. Vide também Israel W. Charney, “A Moral Israel Must Recognize the Armenian Genocide” [Um Israel moral deve reconhecer o genocídio armênio], Jerusalem Post Magazine, 24 de janeiro de 2012.

169 Raphael Ahren, “Genocide Expert Calls on Israel to Put Armenian Suffering Before Politics” [Especialista em genocídios convida Israel a antepor o sofrimento armênio à política], Há’aretz (Tel Aviv), 22 de julho de 2011.

170 Israel W. Charny, “Fighting for Israel’s Recognition of the American Genocide” [Lutando pelo reconhecimento por parte de Israel do genocídio americano], Genocide Prevention Now, n. 7 (Verão de 2011).

171 Associated Press, “Israel Snubs Turkish Ambassador in Public” [Israel repreende o embaixador turco em público], 12 de janeiro de 2010.

172 Sabrina Tavernise, “Raid Jeopardizes Turkey Relations” [Ataque ameaça as relações com a Turquia], New York Times, 31 de maio de 2010. Vide também Marc Champion e Joshua Mitnick, “Turkey Expels Israeli Ambassador” [Turquia expulsa embaixador de Israel], Wall Street Journal, 3 de setembro de 2011.

173 Para um histórico detalhado, vide Jonathan C. Randal, *After Such Knowledge, What Forgiveness? My encounters with Kurdistan* [Depois de saber disso, que perdão? Meus encontros com o Curdistão], (Boulder, CO: Westview Press, 1998).

174 Kevin McKiernan, *Good Kurds, Bad Kurds* [Bons curdos, maus curdos], (Access Productions, 2001), 81 min.

175 Kim Sengupta e Donald Macintyre, “Israel’s Military Leaders Warn Against Iran Attack” [Chefes das forças armadas de Israel alertam contra ataque ao Irã], Independent (London), 2 de fevereiro de 2012. Mark Mazzetti e Thom Shanker, “U.S. War Game Sees Perils of Israeli Strike Against Iran” [Jogo de guerra americano vê perigos de ataque israelense ao Irã], New York Times, 19 de março de 2012. Vide também Elisabeth Bumiller, “Iran Raid Seen as a Huge Task for Israeli Jets” [Ataque ao Irã é visto como uma dura tarefa para os jatos israelenses], New York Times, 19 de fevereiro de 2012.

176 Karl Vick e Aaron J. Klein, “Who Assassinated an Iranian Nuclear Scientist? Israel Isn’t Telling” [Quem assassinou um cientista nuclear iraniano? Israel não diz], Time, 13 de janeiro de 2012. Indira



A.R. Lakshmanan, “Iran Is Seen Suffering Crippling Effect of Sanctions on Oil Trade, Banking” [Irã mostra sofrer efeito mutilador das sanções sobre o petróleo e os bancos], Bloomberg News, 29 de fevereiro de 2012. Shirzad Bozorgmehr e Moni Basu, “Sanctions Take Toll on Ordinary Iranians” [Sanções fazem sentir seu peso sobre o iraniano comum], CNN, 23 de janeiro de 2012.

177 Klaus Naumann et al., *Towards a Grand Strategy for an Uncertain World: Renewing the Transatlantic Partnership* [Rumo a uma grande estratégia para um mundo incerto: a parceria transatlântica], (Lunten, Países Baixos: Fundação Noaber, 2007), p. 27.

178 Ibid., p. 97. Vide também John J. Kruzel, “Gates Discusses New Nuclear Posture, U.S. Relations with Karzai” [Gates examina nova postura nuclear, relações dos EUA com Karzai], American Forces Press Service, 11 de abril de 2010.

179 Orwell, 1984, p. 39.

180 Noam Chomsky, “The Torture Memos and Historical Amnesia” [Os apontamentos sobre a tortura e a amnésia histórica], *Nation*, 1 de junho de 2009, n. 40, p. 179.

181 Anatol Lieven, “Afghanistan: The Best Way to Peace” [Afeganistão: o melhor caminho para a paz], *New York Review of Books*, 9 de fevereiro de 2012.

182 Jane Perlez, “Pakistanis Continue to Reject U.S. Partnership” [Paquistaneses continuam a rejeitar parceria com os EUA], *New York Times*, 30 de setembro de 2009. Vide também Pew Global Attitudes Project, “Public Opinion in Pakistan: Concern About Extremist Threat Slips: America’s Image Remains Poor” [Opinião pública no Paquistão: preocupação com ameaça extremista diminui: imagem dos EUA continua ruim], 29 de julho de 2010.

183 Scott Shane, “Drone Strike Kills Qaeda Operative in Pakistan, U.S. Says” [Ataque de drone mata agente da Al Qaeda no Paquistão, dizem os EUA], *New York Times*, 19 de janeiro de 2012.

184 “US Embassy Cables: ‘Reviewing Our Afghanistan-Pakistan Strategy’” [Telegramas da embaixada americana: ‘rever a nossa estratégia relativa ao Afeganistão-Paquistão’], *Guardian* (London), 30 de novembro de 2010.

185 Bob Marley and the Wailers, “Redemption Song”, *Uprising* (Tuff Gong/Island, 1980).

186 Matthew Creamer, “Obama Wins!... Ad Age’s Marketer of the Year” [Obama ganhou!... Marqueteiro do ano da revista Ad Age], *Advertising Age*, 17 de outubro de 2008.

187 John Quelch, “How Better Marketing Elected Barack Obama” [Como um melhor marketing elegeu Barack Obama], *Harvard Business Review*, HRB Blog Network, 5 de novembro de 2008. Vide também Andrew Edgecliffe-Johnson, “Bush Set to Be Knocked Off His CEO Pedestal” [Bush corre o risco de ser derrubado de seu pedestal de CEO], *Financial Times*, 25 de novembro de 2008.

188 E.L. Doctorow, *Ragtime* (Rio de Janeiro: Bestbolso, 2007).

189 Mohammed Hanif, *O Caso das Mangas Explosivas*, (Rio de Janeiro: Record, 2011).

190 James Rainey, “Wikipedia to Go Offline to Protest AntiPiracy Legislation” [Wikipedia sai do ar para protestar contra legislação antipirataria], *Los Angeles Times*, 17 de janeiro de 2012.



191 Jonathan Weisman, “In Fight over Piracy Bills, New Economy Rises Against Old” [Na luta contra as leis antipirataria, a nova economia se volta contra a velha], New York Times, 18 de janeiro de 2012.

192 Dean Baker, Financing Drug Research: What Are the Issues? [Financiamento da pesquisa com drogas: quais são os problemas?], (Washington, DC: Center for Economic and Policy Research, setembro de 2004).

193 Dean Baker, “The Surefire Way to End Online Piracy: End Copyright” [Um jeito certo de acabar com a pirataria online: acabar com o copyright], Truthout.org, 23 de janeiro de 2012.

194 “A Selection from the Cache of Diplomatic Dispatches” [Uma seleção do depósito secreto dos despachos diplomáticos], “Diplomacy: Analyzing a Coup in Honduras” [Diplomacia: análise de um golpe em Honduras], New York Times, 19 de junho de 2011.

195 Robert Naiman, “WikiLeaks Honduras: State Dept. Busted on Support of Coup” (WikiLeaks Honduras: Departamento de Estado pego em apoio ao golpe), CommonDreams.org, 29 de novembro de 2010.

196 David E. Sanger, James Glanz e Jo Becker, “Around the World, Distress over Iran” [Em todo o mundo, aflição com o Irã], New York Times, 28 de novembro de 2010.

197 Jacob Heilbrunn, “Are the WikiLeaks Actually na American Plot?” [Serão os Wikileaks na verdade um complô americano?], National Interest, 29 de novembro de 2010.

198 2010 Arab Public Opinion Survey (Washington, DC: Zogby International/Brookings Institution, 2010). O número se refere aos egípcios “que creem que o Irã tem objetivos pacíficos” e é de 69% entre os egípcios “que creem que o Irã busque fabricar armas nucleares”.

199 Em resposta à pergunta “dê o nome de dois países que você acha que representam a maior ameaça a você”, Israel recebeu 88%, os Estados Unidos 77% e o Irã 9% entre as pessoas de mais de 36 anos, e 11% entre as de 36 ou menos. 2010 Arab Public Opinion Survey.

200 Ian Black, “Wikileaks Cables: Tunisia Blocks Site Reporting ‘Hatred’ of First Lady” [Telegramas do Wikileaks: Tunísia bloqueia site apontando ‘ódio’ à primeira dama], Guardian (London), 7 de dezembro de 2010. Ian Black, “Profile: Zine al-Abidine Ben Ali”, Guardian (London), 14 de janeiro de 2011. Vide também Amy Davidson, “Tunisia and WikiLeaks”, New Yorker, blogue Close Read, 14 de janeiro de 2011.

201 Steven Erlanger, “French Foreign Minister Urged to Resign” [Primeiro ministro francês pressionado a se demitir], New York Times, 3 de fevereiro de 2011.

202 Charlie Savage, “Soldier Faces 22 New WikiLeaks Charges” [Soldado enfrenta 22 novas acusações relacionadas a WikiLeaks], New York Times, 2 de março de 2011.

203 Scott Shane, “Court Martial Recommended in WikiLeaks Case” [É recomendada a corte marcial no caso WikiLeaks], New York Times, 12 de janeiro de 2012.

204 Stephanie Condon, “Obama Says Bradley Manning ‘Broke the Law’” [Obama diz que Bradley Manning “violou a lei”], CBSNews.com, 22 de abril de 2011.

205 Mark Mazzetti, Eric Schmitt e Robert F. Worth, “Two-Year Manhunt Led to Killing of Awlaki in Yemen” [Dois anos de investigação levaram ao assassinato de Awlaki no Iêmen], New York Times, 30 de setembro de 2011.

206 Presidente Barack Obama, “President Obama’s Statement on the Memos” [Declaração do presidente Obama sobre os memorandos], New York Times, 16 de abril de 2009. Vide também Mark Mazzetti e Scott Shane, “Interrogation Memos Detail Harsh Tactics by the C.I.A.” [Memorandos dos interrogatórios detalham tática dura da CIA], New York Times, 16 de abril de 2009.

207 Noam Chomsky, “If the Nuremberg Laws Were Applied...” (Se as leis de Nuremberg fossem aplicadas...) Chomsky.info, cerca de 1990, disponível em <http://www.chomsky.info/talks/1990---.htm>

208 Principles of International Law Recognized in the Charter of the Nuremberg Tribunal and in the Judgment of the Tribunal [Princípios do direito internacional reconhecidos na carta do tribunal de Nuremberg e no julgamento do tribunal], 1950.

209 Vide Telford Taylor, Nuremberg and Vietnam: An American Tragedy [Nuremberg e Vietnã: uma tragédia Americana], (Chicago: Quadrangle, 1970), p. 39. Vide também Telford Taylor, The Anatomy of the Nuremberg Trials: A Personal Memoir [A anatomia dos julgamentos de Nuremberg: memórias pessoais], (New York: Alfred A. Knopf, 1992).

210 Taylor, The Anatomy of the Nuremberg Trials, p. 567. Vide também Taylor, Nuremberg and Vietnam, pp. 37 e 86.

211 Alex Pareene, “Our Militarized Police Forces” [Nossas forças policiais militarizadas], Salon, 8 de novembro de 2011.

212 Noam Chomsky, “Who Owns the World?” [Quem é dono do mundo?] TomDispatch.com, 21 de abril de 2011.

213 Fiona Harvey, “World Headed for Irreversible Climate Change in Five Years, IEA Warns” [IEA alerta: o mundo caminha para uma mudança climática irreversível em cinco anos], Guardian (London), 9 de novembro de 2011.

214 Ibid.

215 Ibid. Vide também Andrew Revkin, “High Odds of Hot Times”, New York Times, blogue Dot Earth, 20 de maio de 2009. Vide também David Chandler, “Climate Change Odds Much Worse than Thought” [Probabilidade de mudança climática é muito pior do que se pensava], MIT News, 19 de maio de 2009.

216 Edward Luce, “America Is Entering a New Age of Plenty” [EUA estão entrando numa nova era de abundância], Financial Times (London), 20 de novembro de 2011.

217 Naomi Klein, “Capitalism vs. the Climate” [Capitalismo x Clima], Nation, 28 de novembro de 2011.

218 Clifford Krauss e Jad Mouawad, “Oil Industry Backs Protests of Emissions Bill” [Indústria do petróleo apoia protestos da lei de emissões], New York Times, 18 de agosto de 2009.

219 Davis Asman, Entrevista com Ron Paul, Fox Business, 4 de novembro de 2009.

220 William James, *The Principles of Psychology* [Os princípios da psicologia], vol. 1 (New York: Henry Holt, 1918), p. 488.

221 Bill Keller, “Diplomats and Dissidents” [Diplomatas e dissidents], *New York Times*, 13 de maio de 2012.

222 *The Cambridge History of the Cold War*, org. Melvyn P. Leffler e Odd Arne Westad, 3 vols. (Cambridge: Cambridge University Press, 2012). Vide em especial John H. Coatsworth, “The Cold War in Central America, 1975-1991” [A Guerra Fria na América Central, 1975-1991], *The Cambridge History of the Cold War*, vol. 3, p. 221.

223 Para ulterior discussão, vide Noam Chomsky, *Hopes and Prospects* (Chicago: Haymarket Books, 2010).

224 Noam Chomsky, *Chomsky on Democracy and Education* [Chomsky sobre a democracia e a educação], org. Carlos P. Otero (New York: RoutledgeFalmer, 2003), p. 34.

225 Ralph Waldo Emerson, *The Works of Ralph Waldo Emerson*, vol. 2 (London: Macmillan, 1883), p. 525.

226 Para discussão, vide Noam Chomsky, *Current Issues in Linguistic Theory* [Questões atuais na teoria linguística], (New York: Mouton de Gruyter, 1964). Vide também Noam Chomsky, *Cartesian Linguistics: A Chapter in the History of Rationalist Thought* [Linguística cartesiana: um capítulo na história do pensamento racionalista], (Cambridge: Cambridge University Press, 2009).

227 Michel Crozier, Samuel P. Huntington e Joji Watanuki, *The Crisis of Democracy: Report on the Governability of Democracies to the Trilateral Commission* [A crise da democracia: relatório sobre a governabilidade das democracias para a Comissão Trilateral], (New York: New York University Press, 1975), p. 113.

228 Lewis F. Powell Jr., *Confidential Memo: Attack on American Free Enterprise System* [Anotações confidenciais: Ataque ao sistema americano de livre empresa], 23 de agosto de 1971, disponível em <http://www.greenpeace.org/usa/en/campaigns/global-warming-and-energy/polluterwatch/The-Lewis-Powell-Memo/>.

229 National Security Council Report 68: “United States Objectives and Programs for National Security” [Objetivos e programas dos Estados Unidos a respeito da Segurança Nacional], 14 de abril de 1950, disponível em [www.fas.org/irp/offdocs/nsc-hst/nsc-68.htm](http://www.fas.org/irp/offdocs/nsc-hst/nsc-68.htm).

230 Crozier, Huntington and Watanuki, *The Crisis of Democracy*, p. 162.

231 Andrew Martin e Andrew W. Lehren, “A Generation Hobbled by the Soaring Cost of College” [Uma geração entravada pelo custo astronômico da faculdade], *New York Times*, 12 de maio de 2012. Janet Lorin, “Student-Loan Debt Reaches Record \$1 Trillion, Report Says” [Relatório diz que a dívida de empréstimos para estudantes atinge recorde de 1 trilhão de dólares], *Bloomberg News*, 22 de março de 2012.

232 Ron Lieber, “Student Debt and a Push for Fairness” [Dívida estudantil e uma campanha pela equidade], New York Times, 4 de junho de 2010.

233 Sobre o racismo sob a lei GI, vide Ira Katznelson, *When Affirmative Action Was White: An Untold History of Racial Inequality in Twentieth-Century America* [Quando a ação afirmativa era branca: uma história não contada de desigualdade racial no século XX], (New York: W.W. Norton, 2005), p. 114.

234 Paul de la Garza, “Mexico Students Strike over Higher Fees” [Estudantes do México fazem greve contra mensalidades mais altas], Chicago Tribune, 20 de maio de 1999. Julia Preston, “University Officials Yield to Student Strike in Mexico” [Dirigentes da Universidade cedem à greve estudantil no México], New York Times, 8 de junho de 1999.

235 Tim Walker, “In High-Performing Countries, Education Reform Is a Two-Way Street” [Em países de alto desempenho, a reforma da educação é uma via de mão dupla], NEA Today, 31 de março de 2011.

236 Diane Ravitch, “What Can We Learn from Finland?” [Que podemos aprender com a Finlândia?], Education Week, 11 de outubro de 2011.

237 Vide, entre outros, Bruce Alberts, “Considering Science Education” [Considerações sobre a educação científica], Science, 21 de março de 2008; “Making a Science of Education” [Fazer da educação uma ciência], Science, 2 de janeiro de 2009; “Redefining Science Education” [Redefinir a educação científica], Science, 23 de janeiro de 2009; “Prioritizing Science Education” [Dar prioridade à educação científica], Science, 23 de abril de 2010; “An Education That Inspires” [Uma educação que inspira], Science, 22 de outubro de 2010; e “Teaching Real Science” [Ensinar ciência de verdade], Science, 27 de janeiro de 2012.

238 Alberts, “Teaching Real Science”.

239 Dean Baker e Mark Weisbrot, *Social Security: The Phony Crisis* [Seguridade Social: a falsa crise], (Chicago: University of Chicago Press, 2000).

240 Michael Muskal, “Support at GOP Debate for Letting the Uninsured Die” [Apoio no debate do partido Republicano a que se deixem morrer os que não têm seguro], Los Angeles Times, 13 de setembro de 2011.

241 Kate Nocera, “Rand Paul: ‘Right to Health Care’ Is Slavery”, [Rand Paul: “Direito à saúde” equivale a escravidão], Politico, 11 de maio de 2011.

242 Survey of Young Americans’ Attitudes Towards Politics and Public Service [Pesquisa das atitudes dos jovens americanos em relação à política e ao serviço público], 21ª ed. (Cambridge, MA: Harvard University Institute of Politics, 24 de abril de 2012).

243 Ibid. Sumário executivo, p. 18.

244 Ibid.

245 Michael P. Schmidt, “President Speaks Out on Guard Investigation” [Presidente fala duro sobre a investigação da guarda], New York Times, 15 de abril de 2012. Noam Chomsky, “Cartagena Beyond

the Secret Service Scandal” [Cartagena para além do escândalo do serviço secreto], In These Times, 2 de maio de 2012.

246 Jennifer Ditchburn, “Emboldened Latin America Parts Ways with Canada, U.S. on Cuba and Drugs” [América Latina ganha coragem e se afasta do Canadá e dos EUA a respeito de Cuba e de drogas], Toronto Star, 14 de abril de 2012.

247 Daniel Wallis e Andrew Cawthorne, “Lively Chavez Hosts Latin American Peers, Snubs U.S.” [Chávez animado hospeda colegas latino-americanos e admoesta EUA], Reuters, 3 de dezembro de 2011.

248 Evan Perez, “Mexican Guns Tied to U.S.” [Armas mexicanas vinculadas aos EUA], Wall Street Journal, 10 de junho de 2011.

249 Chris McGreal, “How Mexico’s Drug Cartels Profit from Flow of Guns Across the Border” [Como os cartéis mexicanos da droga lucram com o fluxo de armas através da fronteira], Guardian (London), 8 de dezembro de 2011. Vide também Richard A. Serrano, “ATF Fast and Furious Guns Turned Up in El Paso” [Armas da operação Fast and Furious da ATF aparecem em El Paso], Los Angeles Times, 29 de setembro de 2011.

250 Tim Murphy, “Rand Paul Backs Fringe UN Gun Conspiracy” [Rand Paul apoia conspiração maluca sobre as armas e a ONU], Mother Jones, 6 de outubro de 2011.

251 Nick Hopkins, “Minister Calls for Support for Tough New Arms Trade Treaty” [Ministro pede apoio a um tratado duro de comércio de armas], Guardian (London), 16 de maio de 2012.

252 George Parker, “UK to Push for UN Arms Trade Treaty” [Grã-Bretanha vai promover tratado de comércio de armas da ONU], Financial Times (London), Financial Times (London), 16 de maio de 2012. Para uma análise pormenorizada, vide Small Arms Survey 2011: States of Security (Cambridge: Cambridge University Press, 2011).

253 Theophilos Argitis and Jeremy Van Loon, “Obama’s Keystone Denial Prompts Canada to Look to China Sales” [Negativa de Obama sobre Keystone leva Canadá a buscar vendas para a China], Bloomberg News, 19 de janeiro de 2012.

254 Barack Obama, “President Obama’s State of the Union Address” [Discurso do presidente Obama sobre o Estado da União], New York Times, 25 de janeiro de 2012.

255 Roy, Field Notes on Democracy [Anotações de campo sobre a democracia]. Vide também Arundhati Roy, Walking the Comrades (New York: Penguin Books, 2011).

256 Josh Fox, Gasland (Docurama Films, 2010), 107 mins.

257 Judy Battista, “Vikings Will Remain in Minnesota” [Vikings vão continuar em Minnesota], New York Times, 10 de maio de 2012.

258 Steven Salzberg, “University of Florida Eliminates Computer Science Department, Increases Athletic Budgets. Hmm” [Universidade da Flórida fecha o Departamento de Ciências da Computação, aumenta orçamentos esportivos. Humm], Forbes, 22 de abril de 2012.

259 Dave Zirin, “No Class: College Football Coach Salaries Rose 35 Percent Last Year”, [Sem aula: salários dos técnicos de futebol americano universitário subiram 35% no último ano], Nation, 21 de janeiro de 2012.

260 Kristen A. Graham, “Phila[delphia] School District Plan Includes Restructuring and School Closings” [Plano escolar distrital de Philadelphia inclui reestruturação e fechamento de escolas], Philadelphia Inquirer, 24 de abril de 2012.

261 “California State U[niversity] Faculty Members Give Green Light to Rolling Strikes” [Membros do corpo docente da Universidade do Estado da Califórnia dão sinal verde para greves progressivas], Chronicle of Higher Education, 2 de maio de 2012.

262 Nanette Asimov, “Cal State to Close Door on Spring 2013 Enrollment” [Universidade do Estado da Califórnia vai fechar as portas para a admissão da primavera de 2013], San Francisco Chronicle, 20 de março de 2012.

263 Benjamin Ginsberg, The Fall of the Faculty: The Rise of the All-Administrative University and Why It Matters [A queda do corpo docente: a ascensão da universidade totalmente administrativa e por que isso importa], (Oxford, UK: Oxford University Press, 2011).

264 Josh Bivens, Failure by Design: The Story Behind America’s Broken Economy (Fracasso programado: a história por trás da economia estropeada dos EUA) (Ithaca, NY: Cornell University Press, 2011).

265 Brian Blackstone, Matthew Karnitschnig e Robert Thomson, “Europe’s Banker Talks Tough” [Banqueiro europeu fala grosso], Wall Street Journal, 24 de fevereiro de 2012.

266 Scott DeCarlo, “The World’s 25 Most Valuable Companies: Apple Is Now on Top” [As 25 empresas mais valiosas do mundo: a Apple está em primeiro], Forbes, 11 de agosto de 2011. David Barboza, “After Suicides, Scrutiny of China’s Grim Factories” [Depois de suicídios, investigação sobre as sinistras fábricas chinesas], New York Times, 6 de junho de 2010.

267 Charles Duhigg e David Kocieniewski, “How Apple Sidesteps Billions in Taxes” [Como a Apple desvia bilhões em impostos], New York Times, 28 de abril de 2012.

268 Robert Reich, “The Answer Isn’t Socialism: It’s capitalism That Better Spreads the Benefits of the Productivity Revolution” [A resposta não é o socialismo: é o capitalismo que melhor distribui os benefícios da revolução da produtividade], RobertReich.org, 6 de maio de 2012, disponível em <http://robertreich.org/post/2254a2609387>.

269 Vide o website da International Organization for a Participatory Society (IOPS) em <http://www.iopsociety.org/>

270 William Rogers, “US and Mondragon Announce New Worker Co-op Plan” [EUA e Mondragon anunciam novo plano de cooperação dos trabalhadores], Left Labor Reporter, 2 de abril de 2012.

271 Mikhail Bakunin, carta a Sergey Nechayev, 2 de junho de 1870.

272 Noam Chomsky, “Democracy and Education” [Democracia e educação], Loyola University, Chicago Illinois, 19 de outubro de 1994 (Alternative Radio, n. CHON108).

273 Charles Sellers, *The Market Revolution: Jacksonian America, 1815-1846* [A revolução do mercado: América jacksoniana, 1815-1846], (New York: Oxford University Press, 1991), p. 269.

274 *The Jeffersonian Cyclopedia: A Comprehensive Collection of the Views of Thomas Jefferson* [Ciclopédia jeffersoniana: uma coleção abrangente das ideias de Thomas Jefferson], org. John P. Foley (New York: Funk & Wagnalls Company, 1900), p. 49.

275 Ibid.

276 Bakunin on Anarchism, org. Sam Dolgoff (Montréal: Black Rose Books, 2002), p. 330.

277 Daniel Guérin, *Jeunesse du socialisme libertaire: essais* [Juventude do socialismo libertário: ensaios], (Paris: Librairie Marcel Rivière et Cie., 1959), p. 119.

278 Corte Suprema dos Estados Unidos, *Citizens United v. Federal Election Commission*, Washington, DC, n. 8-205. Debatida em 24 de março de 2009 e de novo em 9 de setembro de 2009. Decidido em 21 de janeiro de 2010. Michael Bonanno, “Democracy Unlimited of Humboldt County Launches Move to Amend the Constitution” [Democracia ilimitada do condado de Humboldt lança movimento para emendar a Constituição], OpEdNews.com, 22 de janeiro de 2010.

279 Jason Burke, “Bhopal Campaigners Condemn ‘Insulting’ Sentences over Disaster” [Veteranos de Bhopal condenam sentenças “injuriosas” em relação ao desastre], *Guardian* (London), 7 de junho de 2010.

280 Weisbrot e Watkins, “Recent Experiences with International Financial Markets” [Experiências recentes com os mercados financeiros internacionais].

281 Corte Suprema dos Estados Unidos, *Buckley v. Valeo*, Washington, DC, n. 75-436. Debatido em 10 de novembro de 1975. Decidido em 30 de janeiro de 1976.

282 Burt Neuborne, “Why the ACLU Is Wrong About ‘Citizens United’” [Por que a ACLU está errada a respeito de “Citizens United”], *Nation*, 9 de abril de 2012.

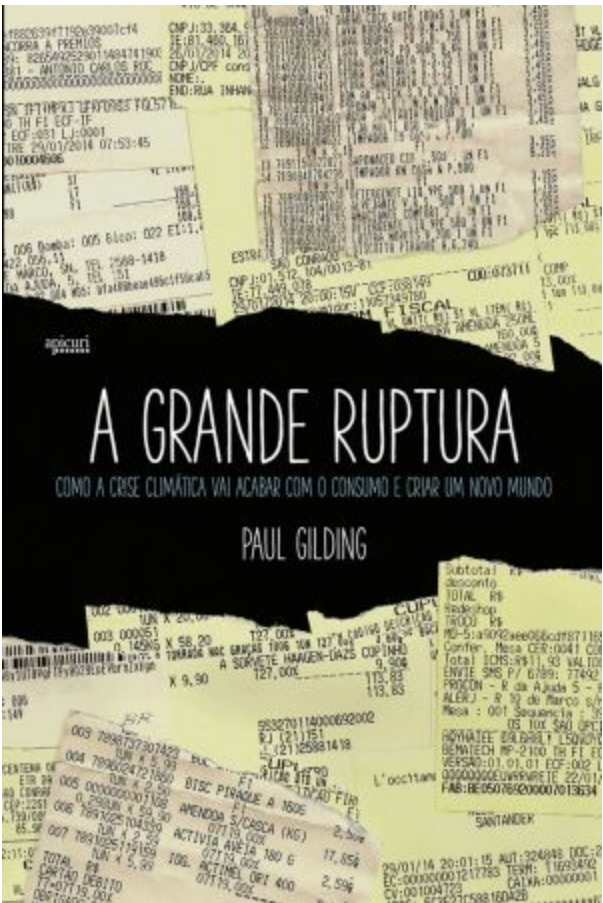
283 Nicholas Sonfessore, “‘Super PACs’ Let Strategists Off the Leash” [Super PACs dá liberdade aos estrategistas], *New York Times*, 20 de maio de 2012.

284 Karl Marx, “Teses sobre Feuerbach”, em *Writings of the Young Marx on Philosophy and Society* [Escritos do jovem Marx sobre filosofia e sociedade], org. Lloyd David Easton e Kurt H. Guddat (New York: Doubleday, 1967), p. 402.

# AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial a Anthony Arnove, Sara Bershtel, Sophie Sibert e Bev Stohl. Trechos destas entrevistas apareceram na International Socialist Review ([www.isreview.org](http://www.isreview.org)) e foram transmitidas pela KGNU e Alternative Radio.





# A GRANDE RUPTURA

COMO A CRISE CLIMÁTICA VAI ACABAR COM O CONSUMO E CRIAR UM NOVO MUNDO

PAUL GILDING

# A grande ruptura

Gilding, Paul

9788583170235

300 páginas

[Compre agora e leia](#)

É hora de deixarmos de lado nossas preocupações apenas com o desequilíbrio climático - até porque ele se tornou inevitável - e nos prepararmos para algo mais grave: o impacto que a crise do consumo terá em nossa vida. Quando em 2005 o veterano ambientalista Paul Gilding prenunciou uma recessão global econômica e ambiental, a reação foi de descrença. Três anos depois, a crise financeira de 2008 mostrou que o mercado já não parecia tão invencível: as bolsas de valores experimentaram uma volatilidade sem precedentes, um grande número de países esteve à beira da insolvência e, para rematar, o preço dos alimentos sofreu elevações históricas, enquanto dramáticas mudanças ecológicas varriam o cenário seguro das metrópoles. Lançando luz sobre um tema mais do que urgente e provocando discussões quando afirma que chegamos ao fim da trilha do crescimento econômico, A Grande Ruptura se apoia no estilo inovador e lúcido de Gilding para nos alertar que não serão meros créditos de carbono ou combustíveis alternativos a solução para esta crise que nos espreita, mas sim uma intensa conscientização que envolve repensar nossos hábitos de consumo e nossos modelos sociais, políticos e econômicos.

Afinal, por mais improvável que possa parecer, existe, sim, vida depois do consumismo.

[Compre agora e leia](#)



# À mesa com o Valor

Klinke, Angela

9788583170457

592 páginas

[Compre agora e leia](#)

Zeca Pagodinho já chegou almoçado. Paulo Coelho queria trufas. Fernanda Montenegro só tomou duas xícaras de chá de hortelã. O entrevistado podia tentar controlar a fome ou a sede, mas, diante de uma mesa, a conversa nunca é insossa. O convidado sempre se revela entre rangidos de cadeiras, brindes ou garfadas. O mais frugal com as palavras, como Milton Nascimento, parte a picanha, entra na floresta, chega a Três Pontas. Um dos mais ávidos por elas, como Milton Hatoum, passa o peixe na farofa, sai da floresta e conquista o mundo.

Esse é o espírito de "À Mesa com o Valor", prestigiada seção que traz uma grande entrevista publicada no suplemento semanal "EU & Fim de Semana" do jornal Valor Econômico. Com um quê de jornalismo literário e combinando 50 personalidades com amplo arco de atividades e pontos de vista (a lista constitui uma espécie de quem é quem no mundo contemporâneo), a proposta aqui é redescobrir a arte de conversar e contar histórias.

Nestas páginas, o leitor tem garantido um lugar privilegiado à mesa, com a possibilidade de compartilhar da intimidade de uma refeição e captar, em alta definição, não só detalhes da vida pessoal e

profissional que ajudam a compreender por que essas pessoas chegaram aonde chegaram e fizeram a diferença, mas também a refletir sobre o Brasil e as perspectivas que se apresentam no horizonte.

[Compre agora e leia](#)



*Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.*



[z-library.se](http://z-library.se)

[singlelogin.re](http://singlelogin.re)

[go-to-zlibrary.se](http://go-to-zlibrary.se)

[single-login.ru](http://single-login.ru)



[Official Telegram channel](#)



[Z-Access](#)



<https://wikipedia.org/wiki/Z-Library>